



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Natália Pereira Travassos

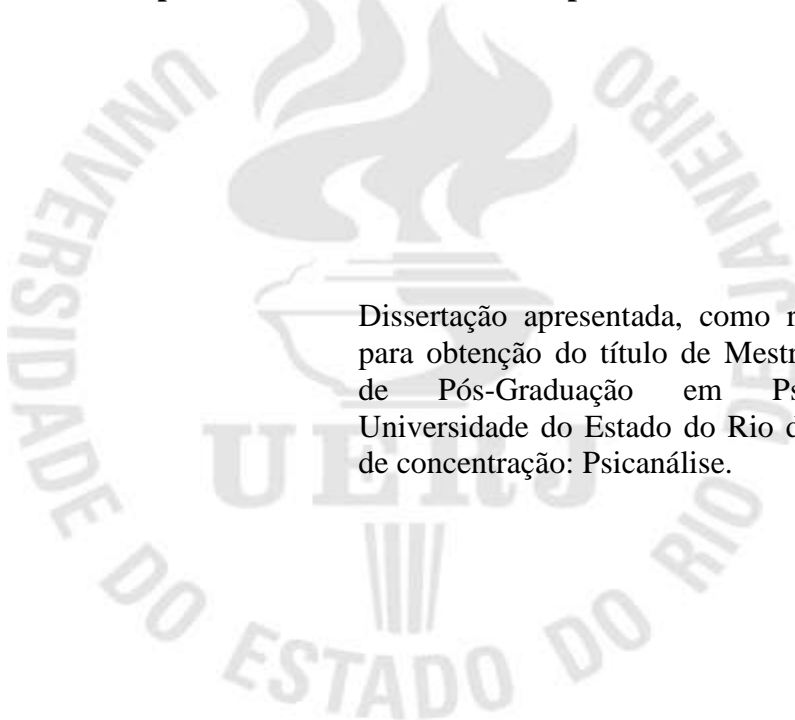
**A roupa do sexo: transexualidade e psicanálise**

Rio de Janeiro

2017

Natália Pereira Travassos

**A roupa do sexo: transexualidade e psicanálise**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

T779 Travassos, Natália Pereira.  
A roupa do sexo: transexualidade e psicanálise / Natália Pereira Travassos. –  
2021.  
128 f.

Orientador: Marco Antônio Coutinho Jorge.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Transexualidade – Teses. 3. Ética – Teses. I.  
Jorge, Marco Antônio Coutinho. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia. III. Título.

bs CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Natália Pereira Travassos

**A roupa do sexo: transexualidade e psicanálise**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em 22 de março de 2017.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge (Orientador)  
Instituto de Psicologia - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Doris Rinaldi  
Instituto de Psicologia - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Manso de Barros  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof. Dr. Jean-Michel Vivés  
Université Nice Sophia Antipolis

Rio de Janeiro

2017

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família.

## AGRADECIMENTOS

Abraçar e agradecer...

Ao Professor Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge pelo acolhimento, generosidade e amorosidade, marcas constantes ao longo desse percurso. Como criança, abro o presente, mas fico com o laço.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em especial à Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Medeiros da Costa, Prof<sup>a</sup> Dra. Doris Rinaldi e Prof<sup>a</sup> Dra. Sônia Alberti, que me causaram, fazendo com que eu fosse além.

Ao Prof. Dr. Jean-Michel Vivés, pela valiosa discussão tecida durante a banca de qualificação e pelas pontuações essenciais que conduziram minha construção teórica de forma atenta, crítica e ética.

À Professora Dra. Rita Manso de Barros, pelas ricas considerações que me fizeram ponderar a discussão.

Aos meus colegas de formação e de orientação, especialmente do Corpo Freudiano, que apimentam e adoçam o percurso.

À Lúcia Perez, pelo carinho e amor incondicionais.

Ao Silvero Pereira, pela disponibilidade e generosidade.

À Lia Amorim, pela imensa generosidade quando eu menos esperei e mais precisei.

À minha mãe, que me deu a vida.

Às minhas duas mães, Odette Pereira Travassos (in memoriam) e Esperança Rey Travassos (in memoriam), com as quais apreendi, ainda muito pequena, o sentido do amor, da vida, da força e da presença.

À minha filha, Ana Luísa, que sem saber me mostra que o amor é o lugar da recriação e que a força da vida está nos laços.

À minha companheira de vida, Alexandra, pelo amor, pelo incansável cuidado, companheirismo, respeito, amizade e cumplicidade.

Aos meus amigos, especialmente Dani, Lucci e Cris, os irmãos que a vida me deu, por estarem sempre comigo, mesmo quando minhas escolhas lhes parecem meio tortas.

À Eliane Scherman, pela aposta.

À psicanálise, pela possibilidade de subverter e reinventar.

À vida, que nem sempre é fácil, mas me proporciona os bons encontros e os melhores momentos.

Há em Tudo que Fazemos.  
Uma razão singular;  
É que não é o que queremos.  
Faz-se porque nós Vivemos.  
e viver é não pensar.  
Se alguém pensasse na vida;  
Morria de pensamento.  
Por isso a vida vivida  
É essa coisa esquecida.  
Entre um momento e um momento.

Mas nada importa que o seja  
Ou até que deixe de o ser  
Mal é que a moral nos reja.  
Bom é que ninguém nos veja.  
Entre isso Fica Viver.

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

TRAVASSOS, N. P. *A roupa do sexo: transexualidade e psicanálise*. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017

A transexualidade é um tema complexo e que vem despertando crescente interesse; uma manifestação moderna que remete a mais primitiva das questões humanas: o sexo. Também foi a partir do embaraço colocado por este corte inerente ao sexo, que Freud viu pulular sob seus olhos indecifráveis sintomas que acometiam mulheres enigmáticas. Naquela época, a incerteza histórica sobre como ser uma mulher desafiava o conhecimento médico. Atualmente, o desafio é imposto pela certeza (psicótica?) sobre o próprio sexo à lei simbólica e seus limites. O objetivo desse trabalho foi explorar o tema da transexualidade articulado à psicanálise, onde teoria e clínica se encontram a fim de explorar a singularidade com a qual o sujeito responde diante do enigma do sexo e pode se encarnar sob a contemporânea égide do gênero. Para isso fizemos uma revisão bibliográfica sobre o tema, pesquisa de materiais disponíveis em mídia - tais como documentários e entrevistas - que pudessem enriquecer a discussão, assim como alguns casos clínicos presentes na literatura psicanalítica e recortes da clínica. Concluimos que a transexualidade é um tema ainda com poucas produções acadêmicas à luz da psicanálise, que exige uma discussão ética-clínico-teórica atenta e crítica para que não caiamos no discurso da Ciência que tampona o desejo, nem no discurso social que - ao se restringir à luta pelo exercício dos direitos civis - exclui o sujeito, tampouco numa clínica que reproduza o psicologismo das massas, deixando de lado a escuta, a transferência e o sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise; Transexualidade; Ética.



## ABSTRACT

TRAVASSOS, N. P. *The sex clothes: transsexuality and psychoanalysis*. 2017. 127 p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017

Transsexuality is a growing complex topic; a modern manifestation that lead us to the most primordial human questions: the sex. It was also from the embarrassment imposed by this cut made by sex that Freud saw, right under his eyes, indecipherable symptoms that used to attack enigmatic women. By that time, the hysteric uncertainty about how to be a woman challenged the medical knowledge. Nowadays, the challenge is imposed by certainty (psychotic?) about the own sex to the symbolic law and its limits. This work proposes explore the articulation between transsexuality issue and psychoanalysis, where theory and clinic match to explore the singular answer given by the subject in front of the sex enigma that can take place under the gender aegis. We did a literature review about the topic, a research based on available medias - documentaries and interviews -, as some clinical cases available at the psychoanalytic literature and clinical notes. We concluded that transsexuality is a subject with few academic productions in psychoanalysis, that demands a critical and careful discussion so we may avoid the Scientific speech that suppresses the desire, the social speech that - only worried about the civil rights - eliminates the subject, neither a clinic that keep on reproducing group Psychologism, living behind listening, transference and the subject.

Keywords: Psychoanalysis; Transsexuality; Ethic.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
1	<b>HOMEM OU MULHER? EIS A QUESTÃO</b> .....	15
1.1	<b>O transexualismo ao longo da história</b> .....	16
1.1.1	<u>Transvestismo</u> .....	20
1.1.2	<u>Psychopathia Transexualis</u> .....	22
1.1.3	<u>Transexualismo</u> .....	22
1.2	<b>O transexualismo no Brasil</b> .....	23
1.3	<b>Sobre as intervenções no corpo</b> .....	27
2	<b>HOMEM E MULHER: MEROS SIGNIFICANTES</b> .....	38
2.1	<b>A pulsão e o corpo erógeno</b> .....	40
2.2	<b>Constituição subjetiva</b> .....	46
2.2.1	<u>O Complexo de Édipo</u> .....	49
2.2.2.1	Primeiro tempo: a criança identificada ao objeto de desejo da mãe.....	49
2.2.2.2	Segundo tempo: inauguração da simbolização.....	53
2.2.2.3	Terceiro tempo: declínio do complexo de Édipo.....	54
2.3	<b>Neurose, psicose ou perversão?</b> .....	55
2.4	<b>Angústia: o afeto real</b> .....	60
2.5	<b>Constituição subjetiva e a in-corporação significativa: estudo de casos</b> .....	65
2.5.1	<u>Caso 1</u> .....	65
2.5.2	<u>Caso 2</u> .....	70
2.5.3	<u>Caso 3</u> .....	77
3	<b>HOMEM E MULHER: "FEITOS UM PARA O OUTRO"?</b> .....	82
3.1	<b>A transexualidade na psicanálise</b> .....	83
3.1.1	<u>Robert Stoller: o precursor</u> .....	84
3.1.2	<u>Depois de Stoller: a polêmica sobre transexualismo e psicose</u> .....	87
3.2	<b>O mito de Aristófanes, homossexualidade e a impossibilidade da relação sexual</b> .....	102
3.3	<b>Destransição</b> .....	107
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	118
	<b>ANEXO A</b> .....	124

## INTRODUÇÃO

Escrever sobre sexualidade poderia soar um mais do mesmo se não estivéssemos falando deste ponto de real inaugural e essencial da psicanálise. Sobre ela não há saber que se esgote, pois tudo que se constrói no seu entorno são redes simbólicas absolutamente singulares. A linguagem não é capaz de representar tudo, há algo que sempre escapa a ela, que excede a sua representação, portanto, também sobre o sexo, há sempre algum dito que escapa.

A sexualidade, no seu *stricto sensu*, coloca em pauta questões relativas aos corpos sexuados e suas práticas sexuais, dentre elas a orientação sexual e a tão polêmica "identidade de gênero". Judith Butler, filósofa norte-americana da Teoria *queer*, é referência acadêmica na problematização da oposição entre sexo e gênero; tendo em vista que não há um corpo anterior à cultura, afirma que esses são significados culturais, assumidos pela sexuação dos corpos. Neste sentido, Geneviève Morel ressalta que enquanto as teorias de gênero pautam-se na ordem das identificações, muito antes disso Freud (1905) apontava para o conceito de pulsão e seu lugar nuclear para a discussão acerca da sexualidade. Na França, utiliza-se o conceito de identidade sexual em detrimento de gênero, conforme destaca Elisabeth Roudinesco.

Apesar da psicanálise não trabalhar com a ideia de gênero, não pode colocar-se alheia ao cenário que começou a se desenhar a partir de 1952, ano da primeira intervenção hormoniocirúrgica, considerada de "bem sucedida" no campo da medicina, em uma jovem americana de origem dinamarquesa, Christine Jorgensen. Nascida sob a marca do sexo masculino, não se reconhecia como homem, mas uma mulher. Tornou-se celebridade ao deixar de ser o ex-soldado e se tornar uma loura *beauty*, segundo Henry Frignet (2002). Há controvérsias em relação ao surgimento do primeiro caso; antes de 1952 já haviam sido feitas intervenções hormonais e cirúrgicas e relatos indicam uma primeira, ainda em 1912, seguida de outras na Europa - inclusive as praticadas, em caráter experimental, por médicos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Antes da criação do termo transexualismo, o desejo de transitar de um sexo ao outro já existia. Temos a história do abade Choisy (século XVII), criado como menina, usava roupas e adornos de mulher. Já Charles de Beaumont, cavaleiro de Luís XV, vestia-se ora de homem, ora de mulher. Recorrendo à mitologia grega encontramos Cibele, Átis e Hermafrodito. O mito de Cibele e Átis nos leva aos sacerdotes eunucos que, embriagados ou em êxtase, se mutilavam em rituais; já Hermafrodito foi unido num só corpo em pedido aos deuses de uma

ninfa que o amava, tornando-se um rapaz com pênis e seios; um mito andrógino. Podemos também pensar no mito de Tirésias que ao ser punido, teve que viver parte da vida como mulher; o que lhe possibilitou experimentar dois campos de gozo.

Definido pelo endocrinologista Harry Benjamin, em 1953, o termo transexualismo descrevia uma síndrome de caráter autodiagnóstico, de autoprescrição terapêutica, definido por um distúrbio da identidade sexual exclusivamente psíquico em que um sujeito relata uma crença inabalável de pertencer ao sexo oposto. Em artigo escrito na mesma época pelos médicos que assistiam Jorgensen, cita Frignet, a descrição do transexualismo incluía a "convicção precoce de não pertencer ao próprio sexo, erro da natureza, interesse pelos jogos femininos e o transvestismo" <sup>1</sup>. Até então, constatava-se uma dissonância entre sexo e algo ainda sem denominação que, posteriormente definiu-se como gênero.

Para a palavra *gênero*, encontramos variadas definições no dicionário <sup>2</sup>. Segundo Frignet, foi retomada pela antropologia social norte-americana, sobretudo entre as feministas, para acentuar o aspecto cultural em detrimento da diferença biológica, criando alicerces que visavam a despatologização da homossexualidade. Foi a ilusão da possibilidade de escolher o sexo, a partir da noção de *gênero*, que proporcionou ao transexualismo migrar do âmbito patológico para o cenário social, passando a ser chamado de *disforia de gênero*. Apoiado no texto de Freud "Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina" (1920), que trata "masculino" e "feminino" como características sexuais psíquicas, Robert Stoller (1964) adotou o conceito de *gênero* em seus estudos sobre o transexualismo e as perversões, com a pretensão de marcar a dissimetria radical entre sexo e identidade, ou seja, biologia e cultura. Ao longo de seu trabalho de pesquisa empregou a denominação *identidade de gênero* de forma operatória pela imprecisão dos termos, como ele mesmo esclarece no prefácio à edição francesa do livro *Sex and gender* (1968).

O prefixo *trans* indica "movimento através", mas "para além" de que se a partir da psicanálise só há *Um sexo*? Haveria transexual fora da ciência? Geneviève Morel (2012) conclui que o gênero é uma categoria tão impossível quanto o sexo, pois também pretende demarcar duas lugares inapreensíveis. Se culturalmente pretende-se articular-se a partir dessas categorias - sexo e gênero -, para a psicanálise isso pode parecer um engodo. Fato: estamos todos iludidos na linguagem, na elisão significativa.

Foram os avanços técnicos científicos relacionados à endocrinologia e à cirurgia que deram contorno à descrição e terapêutica do transexualismo. O sexo em si é corte, o real em questão na diferença sexual que engendra a falta. Para a psicanálise a lógica da sexuação faz ultrapassar a qualquer classificação biológica a partir da primazia do falo, inaugurando a

possibilidade simbólica da representação sexual do feminino e do masculino através do discurso, indo muito além de uma questão anatômica, biológica e categórica. Em 1971, Lacan abordou a questão do transexualismo a partir da expressão dos termos "homem" e "mulher" como identidades de gênero, impossíveis de apreensão na experiência falante. O que define o homem "é sua relação com a mulher, e vice-versa". Segundo ele, identificar-se como homem é ter a menina como falo e identificar-se como mulher é ter o menino como falo. Portanto, o que a partilha dos sexos introduz vai muito além de situar-se como homem ou mulher.

Stoller, primeiro psicanalista a trabalhar com o transexualismo, dispôs-se a fazer uma revisão da psicanálise sobre a diferença sexual e a sexualidade infantil. Inicialmente, distinguiu de forma radical os conceitos de transexualismo, travestismo, homossexualidade e hermafroditismo. Num segundo momento, influenciado pelo kleinismo e pela Psicologia do Ego, definiu o transexualismo não como um distúrbio da sexualidade, mas da identidade, relacionado a uma identificação da criança com a mãe e com ocorrências distintas para homens e mulheres. Nesse sentido, Lacan o critica dizendo que lhe faltava o conhecimento do termo *forclusão*.

Atualmente, o termo transexualismo ainda é usado como nomenclatura oficial para a contradição entre sexo e gênero vivida por um indivíduo, mas devemos ressaltar o caráter patologizante do sufixo "ismo", já destacado por vários autores. Ainda nessa lógica, a de que prevalece a ideia de uma supremacia biológica sobre o psiquismo, a denominação das pessoas que passam pelo processo transexualizador segue do sexo de origem à identidade de gênero, ou seja, as mulheres transexuais ou transexuais femininas são aquelas que nasceram biologicamente mulheres e identificam-se como homens; já os homens transexuais ou transexuais masculinos nasceram biologicamente homens e identificam-se como mulheres. A fim de evitar o engodo da classificação científica, ressaltar o caráter multifacetado da sexualidade e estarmos orientados pelo discurso do sujeito, usaremos o termo "transexualidade" sempre que o rigor teórico científico puder ser subvertido.

Há muitos anos vinculada como voluntária ao Grupo Arco-Iris, uma organização não governamental voltada para a população LGBT, pude perceber que o que a teoria trazia nos livros sobre a transexualidade era muito distante daquilo que a convivência com os transexuais nesse espaço revelava. No meu percurso pela psicanálise, não foi diferente: a inquietação se perpetuou. Tanto a vinculação da transexualidade à psicose quanto a tentativa de certa pedagogia por parte de alguns analistas me fizeram percorrer um longo caminho que obviamente não me trouxe respostas, mas acomodou os meus restos.

Diante de "transexuais", "travestis", "transgêneros", "cross-dressers" e toda sorte de nomenclatura que alguém pode encontrar quando se refere às construções do sujeito no mundo ao se dizer homem ou mulher, as nuances excedem qualquer classificação e estão para todos, e relacionar exclusivamente a cirurgia e a terapia hormonal à transexualidade é um equívoco; nem todo transexual tem o desejo de fazer a cirurgia de transgenitalização, nem mesmo aqueles que estão em busca da Mulher. O sentimento de pertencimento a um gênero não necessariamente passa por marcas no corpo; pode bastar-se com uma depilação e sequer chegar ao uso de hormônios. Não há um sujeito transexual universal, descreve Berenice Bento<sup>3</sup>. Laerte, mulher transexual que já se denominou cross-dresser<sup>4</sup>, costuma botar como momento inaugural a depilação; para ela foi tirar a roupa de pelos masculina: foi o primeiro nascimento, quando se viu inteiramente nua<sup>5</sup>. Recentemente, começou a pensar em colocar prótese mamária, mas tanto a cirurgia de transgenitalização quanto a hormonioterapia não estão em seus planos.

A identificação sexual ultrapassa as marcas do corpo e revelam nele tudo o que da linguagem atravessa a carne, instaurando sua dimensão simbólica. O determinismo biológico do sexo pode ser vivido como um aprisionamento para aqueles que nascidos "homem" ou "mulher" não se reconhecem em sua genitália. Mas a ciência e seus métodos avançam a passos largos e sabemos que hoje já é possível, através de cirurgias e terapias hormonais marcar no corpo um outro sexo que não aquele determinado geneticamente, confirmado pelo olhar do outro; uma distinção vista na anatomia, a partir da presença da vagina ou do pênis. Além disso, é o que se apreende do campo do Outro.

O corpo nada tem de natural, é pura pulsão destinada a gozar, e as possibilidades de intervenção trazidas pela modernidade científica exigem novas articulações da teoria freudiana. Apesar das práticas sociais das marcas corporais já inseridas e aceitas na cultura - como a tatuagem, a circuncisão e as cirurgias plásticas estéticas - há algo que se encarna no corpo, mais precisamente na genitália, que coloca o semblante em jogo. Talvez o transexual suscite uma tentativa de apagamento do limite do real, conforme cita Catherine Millot.

Presas no engodo imaginário, os transexuais falam da necessidade de uma inteligibilidade do corpo no meio social, mas diante do parceiro sexual as questões suscitadas vão além. Desde ter apenas as mamas como exigência até o constrangimento de ter o pênis exposto ou ocupar o lugar de objeto fetiche, cada um deles irá lidar de forma singular com a hiância provocada entre o real do corpo e sua imagem enquanto causa de desejo.

Entre o controle dos corpos feito pelo Estado, a sociedade que vê a transexualidade como uma aberração e a medicina que classifica essas pessoas como doentes, a psicanálise

permite interrogar o saber que a ciência pressupõe todo, mas a teoria sobre o inconsciente e o gozo revela não-todo. Do saber que advém da não existência da relação sexual só podemos ter notícias quando *isso* fala - o encontro efêmero, vertiginoso, do sujeito com a verdade -; esse "saber indelével" e "absolutamente não subjetivado", segundo Lacan (1974).

As contingências da transexualidade são singulares, mas o que podemos recolher desses ditos, cada vez mais comuns, sobre estar aprisionado num corpo que não é seu? Como disse Lea T<sup>1</sup>, mulher transexual, é como calçar sapatos trocados nos pés e tentar passar o dia assim, algo que não encaixa.

Ainda podemos considerar escassa a produção acadêmica que articula psicanálise e transexualidade e ultrapasse a questão reducionista da querela diagnóstica. Este trabalho visa ampliar os elementos para tal articulação, trazendo à luz algumas considerações relacionadas à transexualidade, baseadas na teoria construída por Freud e relida por Lacan.

No primeiro capítulo, *Homem ou mulher? Eis a questão*, apresentaremos os mitos e relatos atravessados pelo tema do transexualismo e que nos ajudam a localizar ao longo da história e da cultura. Ao recolher os elementos da mitologia à atualidade, podemos pensar a definição da síndrome pela medicina como a tentativa de resolver através do corpo aquilo que é de outra ordem. Freud nunca pareceu ser tão atual e a civilização tão previsível. Basta conhecer os domínios da ciência para aludir seu tropeço.

No segundo capítulo, *Homem e mulher: meros significantes*, abordaremos a constituição subjetiva na tentativa de trazer o corpo em seus três registros à cena central. Ao ser recortado, atravessado e revestido pelo significante, o organismo assume a condição de corpo. A estrutura da linguagem exclui da animalidade regida pelo instinto e insere-o na dinâmica das pulsões. A construção dos parâmetros que constituem o corpo não obedece a uma ordem cronológica, pois eles entrelaçam ao longo da constituição subjetiva. Num primeiro momento o corpo como imagem no espelho, numa captura narcísica alienante, tornando-se repositório de representações que constituem uma ilusão estrutural. Num último momento corpo, afetado pela angústia, figurando "superfície de inscrição, no lugar do Outro do significante"<sup>6</sup>. Apresentaremos três casos clínicos abordados de diferentes prismas dentro da teoria.

O terceiro capítulo, *Homem, mulher: "feitos um para o outro"?*, traz à luz as formulações teóricas mais relevantes elaboradas por diferentes psicanalistas, desde Stoller até

---

<sup>1</sup> Entrevista de Lea T ao programa de frente com Gabi em "De frente com Gabi" em 02/10/2011. Link: <http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/entrevistas/?id=15632> Acesso em 25/01/2016.

os mais contemporâneos. Seguido a essas contribuições, traremos a discussão sobre a fantasia da complementaridade do par homem-mulher e do recente fenômeno da destransição, ou seja, sujeitos que se diziam transexuais e retornaram ao gênero anterior, mesmo depois das intervenções hormonio-cirúrgicas.



# 1 HOMEM OU MULHER? EIS A QUESTÃO

## 1.1 O transexualismo ao longo da história

O transexualismo enquanto desconforto com o sexo anatômico e desejo de adequação ao gênero através da transformação das características sexuais primárias e secundárias só pode ser entendido a partir da cultura, no momento em que a medicina proporcionou, através do seu avanço, intervenções que visavam atender a demanda transexual de fazer correspondência entre sexo e gênero. Sendo assim, a ciência produziu em 1953 um corte na história do transexualismo com a definição do conceito que definia a síndrome. Apesar de tal precisão histórica para a compreensão do critério médico diagnóstico, a literatura sobre o assunto indica que a circulação através das insígnias que marcam no corpo a diferença cultural entre homem e mulher, incluindo a radicalidade da ablação do pênis, é antiga, imprecisa e fluida.

Freud não foi o único médico a recorrer à mitologia para articular a sexualidade aos descompassos do corpo. Além do mito de Tirésias, as referências a Hermafrodito, Cibele, Átis são recorrentes na literatura sobre o transexualismo.

Hermafrodito, filho de Hermes e Afrodite, era um rapaz de notável beleza. Ao banhar-se num belíssimo lago, despertou a paixão de uma ninfa que não conseguiu seduzi-lo com seus encantos. Ela então, num abraço forçado, suplicou aos deuses que seus corpos fossem unidos e nunca se separassem. O pedido foi atendido e ambos formaram novo ser de natureza dupla, reunindo num só corpo os dois sexos: um pênis e duas mamas. Além disso, todos aqueles que entrassem no lago estariam condenados a perder a sua virilidade.

Encontramos algumas versões para o mito de Átis e Cibele. Em um deles, Cibele teria dominado os povos da Ásia Menor, inclusive seus deuses e ritos. Seu filho-amante, Átis sacrificou sua virilidade em nome do amor à deusa. Ele morria e renascia anualmente, marcando os festejos que comemoravam a fecundidade da terra. Em comemoração ao ato de Átis, os adoradores de Cibele muitas vezes se mutilavam durante as festas, simbolizando o renascimento, ficando à serviço da Deusa. Na segunda versão, apresentada pelo poeta romano Ovídio, Cibele e Átis estavam destinados a viver uma paixão casta. Sendo assim, Cibele o fez guardião de seu templo sob a condição de que ele se mantivesse virgem. Porém, não conseguiu conter sua paixão por uma ninfa. Ela, furiosa, cortou uma árvore ligada à vida da

ninfa, levando-o à loucura e à castração. Ele voltou a servir Cibele e era representado nos percursos de Cibele pelas montanhas de Frígia.

A analogia que Catherine Millot (1992) fez do mito de Cibele e Átis com o cristianismo é muito interessante, que acrescentará à nossa discussão sobre a questão do feminino na psicose:

O sacrifício do filho, que morre e ressuscita, também está presente nesta [religião cristã]. A Grande Mãe tampouco deixa de estar presente, mas sua figura se cinde naquela da Virgem, mão dolorosa, e a do Deus terrível que promete seu filho à morte... A castração voluntária está longe de estar ausente da história do cristianismo. Não está escrito no Evangelho que: "Existem eunucos que assim nascem do ventre de suas mães e existem aqueles que assim se tornaram pela mão dos homens, e há aqueles que assim se tornaram para o Reino dos Céus?". (MILLOT, 1992, p.73)

De todos os mitos, o de Tirésias é o mais referido quando se fala dos transexuais. Este mito também não é unívoco na descrição da forma pela qual o oráculo tornou-se cego. Em uma delas, teria sido punido por Palas ao vê-la acidentalmente nua, mas em compensação a deusa concedeu-lhe o dom de profetizar. Na outra versão, a mais conhecida, depois de avistar duas serpentes copulando, matou a fêmea. Sendo assim, se tornou mulher. Sete anos depois, deparou-se com a mesma cena, duas serpentes copulando. Reagiu da mesma forma e voltou a ser homem. Tirésias era então o único que poderia saber sobre a experiência de ter vivido como homem e mulher, por isso foi consultado por Zeus e Hera quando discutiam sobre quem obtém maior prazer no amor. Não teve dúvidas ao afirmar que é a mulher, explicando que se pudesse dividir o gozo do amor em dez partes, a mulher ficaria com nove delas enquanto o homem com apenas uma. Hera, furiosa com a revelação de Tirésias sobre o segredo de seu sexo, tornou-o cego e Zeus deu-lhe o dom da profecia e vida longa para compensar-lhe o castigo da cegueira.

Na mitologia Hindu, Cibele corresponde a Parvati, deusa das montanhas, metade feminina de Shiva. Sua encarnação é considerada uma divindade e uma das representações encontradas apresenta uma metade homem e outra metade mulher. Na história da Índia, imperadores mongóis islâmicos colocavam homens castrados para cuidar de seus haréns, criando uma nova identidade sexual, as *Hijras*, que mesclam tradições hindus e muçulmanas. Na sociedade indiana, não são consideradas nem homem nem mulher, são um terceiro sexo. A maioria vive em clãs, com regras e costumes próprios e ganham dinheiro concedendo bênçãos aos casamentos e crianças recém-nascidas; as que não conseguem pertencer a nenhum clã vão para a prostituição. Ao abençoar os bebês, verificam a sua genitália; se for ambígua, ou seja, se forem intersexuais, são consideradas "*hijras natas*" e terão status diferenciado. Apesar de haver tratamento, a maioria das famílias entrega esses bebês às hijras e serão criados em suas

tradições. O ritual da bênção é a única forma pela qual circulam na sociedade, pois são consideradas sem casta, portanto excluídas da maior parte da vida social. A música e a dança são outras formas de convencer os outros a lhes dar dinheiro. As castradas ganham mais por terem "sacrificado sua masculinidade". Acreditam que a castração é um renascimento e a única forma de preservar a comunidade. Em depoimento, uma delas diz: "O corpo é masculino, mas o coração e a alma não são. Há o desejo de ser como uma mulher e de ser amada como tal"<sup>2</sup>. Na sociedade indiana, ser homem é uma bênção, mas a masculinidade é definida rigorosamente. Sendo assim, aqueles que não possuem todas as características indispensáveis para "ser homem", como os homossexuais, são considerados hijras.

Figura 1 - Divindade Hindu Shiva<sup>3</sup>



Fonte: By Unknown

No âmbito da medicina e da história é possível encontrar referências a partir de Hipócrates e Heródoto (Sec. V a.C.); a "doença dos citas", também citada por Esquirol em 1838, é conhecida como "doença feminina". Os soldados de Cita que marchavam contra o Egito e, ao longo do caminho, saqueavam o templo de Afrodite eram castigados pela deusa tornando-se como eunucos. Ao fracassar na relação com as mulheres, acometidos pela falta de desejo, permaneciam tranquilos; a reincidência desse fracasso levava-os a crer que haviam cometido alguma falta contra a divindade. Acreditava-se que a maldição se estendia através das gerações daqueles que haviam pecado contra Afrodite, restando-lhe o mesmo destino trágico. Atribuía a si a invirilidade, passavam a executar trabalhos femininos junto às

<sup>2</sup> Documentário "Hijras, o terceiro sexo".

<sup>3</sup> Imagem de Shiva. Fonte: By Unknown -

[http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00routesdata/0400\\_0499/pantheon/arddhanarishvara/arddhanarishvara.html](http://www.columbia.edu/itc/mealac/pritchett/00routesdata/0400_0499/pantheon/arddhanarishvara/arddhanarishvara.html), Public Domain, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=45883393> Acesso em 27 de dezembro de 2016.

mulheres, vestiam-se e falavam como mulheres. Chamados de *anarieus*, esses homens eram venerados pelos habitantes daquela região, que os reverenciavam por temer-lhes.

Os registros indicam que a primeira descrição de um caso de transexualismo foi feita pelo alienista francês Jean-Étienne Esquirol em 1838, classificado como *démonomanie*:

Há muitos anos, cuidei de um homem de 26 anos, alto, de bela estatura, rosto bonito, que desde muito jovem gostava de se vestir com roupas de mulher. Admitido pela alta sociedade, se representasse a comédia, sempre escolhia os papéis de mulheres; enfim, após ser contrariado rapidamente, ele se convence de que era uma mulher e procurava convencer todo mundo, até mesmo os membros de sua família; muitas vezes ficava nu, se penteava e vestia como uma ninfa e, assim vestido, queria sair correndo pelas ruas. Sob meus cuidados, fora deste espírito, M... não perdia a razão, mas passava todo o seu dia ocupado a enrolar seu cabelo, a se olhar no espelho, e com seu roupão de banho, ele fazia o possível para fazer a sua roupa o mais semelhante possível a de uma mulher; ele imitava seu andar ao passear. Um dia, passeando com ele por um jardim, eu levantei o tecido de sua *redingotte*<sup>4</sup> que havia feito o seu melhor para conseguir, imediatamente M... deu um passo para trás e me tratou de impertinente e impudico. Nenhum raciocínio, nenhuma preocupação, nenhum regime não poderia dar razão a este coitado. (ESQUIROL, 1838, p.258)

Além do relato acima, descreveu outro caso, o de uma mulher que afirmava ser um homem após a morte de seu marido e de perder sua fortuna.

Outra referência na construção da história do transexualismo é a obra *Psychopathia sexualis* (1877), escrita por Richard von Krafft-Ebing. O psiquiatra austríaco considerado um dos fundadores da sexologia - e que desenvolveu, segundo Roudinesco, a noção de loucura histórica - construiu uma escala de inversões sexuais, consideradas desordens psicosssexuais, variando do "hermafroditismo sexual" à "metamorfose sexual paranóica", baseado no fato de que qualquer desvio de relação heterossexual representava uma forma de doença física ou emocional. Ele considerava a homossexualidade uma forma de variação de gênero, onde homens que amavam homens seriam como mulheres e mulheres que amavam mulheres seriam mais como homens. Considerou duas categorias primárias de homossexualidade: adquirida e congênita; cada uma delas conteria elementos do gênero oposto.

A *homossexualidade adquirida* apresentaria quatro estágios que, em última instância, poderiam desenvolver até a *metamorfose sexual paranóica*. No segundo estágio, o instinto sexual contrário não poderia ser revertido e as transformações físicas poderiam ocorrer. O processo completo foi chamado de *eviração*; o indivíduo passaria por profundas mudanças em seus sentimentos e inclinações femininas, durante o ato sexual sentir-se-ia uma mulher, ocupando o lugar de passividade, chegando a exercer a prostituição sob algumas circunstâncias. No terceiro estágio da *homossexualidade adquirida* a sensação corporal é transformada em transmutação do sexo com a forma física correspondente alterada. A

---

<sup>4</sup> Casaco de mulher ajustado ao corpo.

*Metamorphosis Sexualis Paranoica*, caracterizada pela ilusão de transformação sexual, era considerada a patologia mais grave, porém pouco frequente. O processo neuro psicológico teria origem na *neurastenia sexual*, que desenvolvia uma *neurastenia universal*, resultando na paranoia.

Krafft- Ebing chegou a mencionar a interessante relação da doença dos citas com a ilusão de transformação sexual, como uma manifestação supersticiosa de *eviração* em consequência da fúria divina

Os fatos da chamada demência cita, bem como os fatos posteriormente aprendidos sobre os índios Pueblo<sup>5</sup>, também são antropologicamente notáveis. Naquela atrofia dos testículos e genitais em geral e a aproximação ao tipo feminino, física e mentalmente, foram observados. Este é o mais notável, uma vez que, nos homens que perderam seus órgãos procriativos, tal inversão do instinto é tão incomum quanto nas mulheres, *mutatis mutandis*, após o climatério natural ou artificial. (KRAFFT-EBING, 1894, p.222)

Segundo Frignet (2002), Magnus Hirschfeld e Henry Havelock Ellis<sup>6</sup> foram os primeiros a se interessar pela exploração das patologias sexuais ligadas ao que hoje podemos chamar de questões de gênero. Juntos, descreveram o quadro clínico que não tinham mais o caráter patológico e nomearam de *transvestismo* e *eonismo*, respectivamente.

### 1.1.1 Transvestismo

Entre os séculos XVII e XVIII, encontramos na história o registro do abade François-Timoléon Choisy, que foi criado e tratado como uma menina. Vestia roupas femininas desde pequeno, usava corselete para modelar seu corpo e dar forma ao busto feminino, além de se fazer chamar de *madame* e seduzir jovens moças. Foi conhecido também como madame de

---

<sup>5</sup> Os índios Pueblo do Novo México, descendentes dos Astecas, adoravam os chamados "mujerados" presentes em toda cerimônia religiosa (conhecidas como orgias da primavera). Um homem forte e poderoso era escolhido para se masturbar e ejacular excessivamente, até causar uma impotência parálitica. Assim, o pênis e os testículos atrofiavam, os pelos da barba caíam, a voz afinava e a energia e força física diminuía. Esse homem perdia seu lugar na sociedade, adotando maneiras e costumes femininos, sendo associados às mulheres. A perda de poder na sociedade levava à honra religiosa.

<sup>6</sup> Médico e escritor inglês, considerado fundador da sexologia junto com Albert Moll e Krafft-Ebing. Desde cedo se dedicou ao estudo da sexualidade e mais tarde medicina. Dizia que queria poupar as gerações futuras dos problemas que teve por ser homossexual na sociedade moralista vitoriana. Foi contemporâneo de Freud, com quem trocou cartas ao longo da vida. Segundo Roudinesco, foi de Ellis que Freud adotou a noção de autoerotismo.

Sancy e condessa de Barres. Em suas memórias percorreu os motivos de seu travestismo, atribuindo a sua mãe um processo de feminização para que se tornasse o melhor amigo do irmão mais novo de Luís XIV, criado como mulher e treinado para exercer ocupações femininas para que não fosse seduzido pelo poder e pudesse vir a ameaçar a soberania do rei. Acabou tornando-se travesti e homossexual.

Mas foi a história de Charles de Beaumont, cavaleiro d'Éon que serviu à corte de Luís XV e se vestia ora de homem ora de mulher (conforme as circunstâncias), que levou Ellis a criar o termo *eonismo*. Charles viveu como mulher durante trinta e quatro anos; tinha uma aparência feminina e bela, tornando-se muitas vezes vítima dos galanteios reais. Segundo Benjamin, a intenção de Ellis era manter a definição do termo de acordo com os mais expoentes desvios de Marquês de Sade e do escritor austríaco Sacher-Masoch: sadismo e masoquismo.

Se o transexualismo só pode ser considerado num recorte cultural, a fronteira entre o travestismo e o transexualismo mostra-se muito tênue se transpusermos os muros do discurso científico.

Magnus Hirschfeld, sexólogo e médico alemão, criou em 1918 um instituto voltado ao estudo sobre a sexualidade. Foi chamado por Hitler de "o mais perigoso homem na Alemanha"; em 1933 teve seu instituto destruído e coleção de pesquisa queimada publicamente. Em 1910 escreveu "*Die Transvestiten*", distinguindo o *transvestismo* da homossexualidade, do fetichismo, masoquismo e opondo-se claramente ao que Krafft-Ebing chamou de *metamorphosis sexualis paranoica*, principalmente seu caráter patologizante. A literatura indica que foi o primeiro a utilizar o termo transexualismo psíquico (*seelischer Transsexualismus*).

Apesar de ter sido considerado um desvio ou mesmo uma perversão, o transvestismo pode apenas revelar certo desconforto em relação ao gênero. Ao visitar Hirschfeld e seu instituto, em 1920, Harry Benjamin - endocrinologista americano a quem é atribuído a criação do termo *transexualismo* - observou que os travestis raramente buscavam tratamento, mas ajuda obter permissão do Departamento Policial de Berlim para que pudessem vestir-se como mulher e circular publicamente. A prática do travestismo certamente está muito aquém do que chega ao nosso conhecimento, visto que pode ocorrer apenas como "hobby" no espaço privado, revelado apenas entre os familiares mais próximos. Outros não querem ser reconhecidos como mulheres, apesar de vestirem-se como tal.

Debruçado sobre os casos de *cross-dressing*, que incluía também aqueles que se vestiam apenas com a roupa íntima do sexo oposto, desenvolveu a *teoria dos intermediários*.

Hirschfeld esclareceu que não se tratava propriamente de uma teoria, mas um princípio de divisão que identifica homens com características femininas (mamas) e mulheres com características masculinas (barba), incluindo o ponto de vista psíquico ou físico que pode compreender o espectro do homem masculino à mulher feminina. A base desse princípio está na dificuldade de se determinar o que são, por definição, características absolutas para feminino ou masculino, assim como não há "a mulher absoluta" ou "o homem absoluto".

Até hoje o termo ainda pertence a uma classificação patológica. Indica o desejo de alguns indivíduos vestirem-se como os do sexo oposto pertencendo temporariamente a este, sem qualquer caráter permanente ou desejo de cirurgia e sem excitação sexual.

### 1.1.2 Psychopathia Transexualis

Foi o médico generalista David O. Cauldwell que em 1949 cunhou o termo *psychopathia transexualis*, baseado no artigo de mesmo nome publicado na revista *Sexology*. Definiu como sendo o mais incomum dos desvios sexuais

o desejo mórbido patológico de ser um indivíduo completo do sexo oposto. Esse desejo é tão forte que o indivíduo insiste em - mesmo sendo impossível - submeter-se à cirurgia que o transformaria numa mulher completa, ou ela num homem perfeito (Editor [*Sexology*], 1949)

Na sua etiologia estaria um leve fator hereditário e um ambiente de desenvolvimento infantil desfavorável. A condição psicológica é que seria de fato a doença, portanto, querer viver como alguém do sexo oposto seria consequência da ausência de saúde mental.

### 1.1.3 Transexualismo

Um ano após a intervenção cirúrgica em Jorgensen, considerado caso *príncipe* do transexualismo, o endocrinologista americano Harry Benjamin foi convidado a escrever um artigo no *International Journal of Sexology* sobre a síndrome desconhecida que optou por chamar de *transexualismo*. Definiu o transexual, homem ou mulher, como biologicamente normal (sem genitália ambígua), porém profundamente infeliz com o sexo - ou gênero - que lhe foi atribuído ao nascimento, designado a partir da genitália. Benjamin chamou de

verdadeiros transexuais aqueles que, diferente dos travestis, pertencem ao sexo oposto não bastando apenas assemelhar-se através das vestimentas. O principal fator que possibilitaria o diagnóstico essencial entre travestismo e transexualismo seria o desejo de, através de cirurgias, fazer a adequação do corpo - incluindo a genitália.

O transexual, entretanto, coloca toda sua crença e futuro, nas mãos do médico, particularmente do cirurgião. Esses pacientes querem passar pela cirurgia de correção, a tão chamada "operação de conversão", para que assim o corpo possa assemelhar-se àqueles do sexo ao qual sentem pertencer e ao qual desejam pertencer ardentemente.

O desejo de mudar de sexo tem sido conhecido por psicólogos há muito tempo. Esses pacientes eram raros. Sua anormalidade tem sido descrita por jornais científicos no passado de várias formas; por exemplo, como "inversão sexual total" ou "inversão do papel sexual". Além de algumas tentativas com psicoterapia num (fracassado) esforço de curá-los de seus estranhos desejos, medicamente nada foi ou pôde ter sido feito por eles. Provavelmente muitos foram parar em instituições mentais, alguns na prisão, e a maioria como miserável, membros infelizes da comunidade, a não ser que cometam suicídio. O cenário mudou apenas por causa dos grandes avanços na endocrinologia e técnicas cirúrgicas. (BENJAMIN, 1966, p.11)

Em seu livro *The transsexual phenomenon*, Harry Benjamin trouxe à luz suas observações clínicas ao longo de uma década; descreveu que o fenômeno do "querer trocar de sexo" já havia sido observado por psiquiatras e psicólogos e atribuiu a Christine Jorghensen os créditos pelo direcionamento dos holofotes para o assunto. Sua ampla visão sobre a sexualidade permitiu transitar entre os inúmeros aspectos que a compõem, chegando a elencar nove tipos de sexo: cromossômico, genético, anatômico, legal, gonadal, germinal, endócrino (hormonal), psicológico e social.

Nessa época psiquiatras e psicanalistas atribuíam o sentimento de "sentir-se preso em um corpo que não é seu" ao ambiente desfavorável em que a criança se desenvolveu; engodo que pode induzir à ideia de que o controle de alguns elementos poderia garantir um desenvolvimento psicosssexual "normal". Apesar de o autor considerar a existência de um fator constitucional no transexualismo, a psicanálise alerta para o fator contingencial, portanto imprevisível e incontrolável.

Roudinesco aponta que foi Benjamin quem propôs uma conduta médica diante da demanda transexual, que incluía tratamento hormonal e convívio social adequados ao sexo desejado e, em último caso, a intervenção cirúrgica. Ressalta ainda que a criação do termo *transexualismo* produziu uma demarcação clara, pois o travestismo, as síndromes genéticas sexuais e a intersexualidade se tratam do desejo de se travestir ou de uma anomalia anatômica, mas não de uma convicção sobre o corpo e uma identidade.



## 1.2 O transexualismo no Brasil

Até 1997, as cirurgias de adequação sexual eram proibidas no Brasil. Portanto, quem desejasse passar pelo procedimento recorria a clínicas clandestinas ou médicos no exterior. O Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizou, naquele ano, em caráter experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização e procedimentos complementares, tais como a hormonioterapia, para casos de transexualismo, só podendo ser praticados em hospitais universitários ou hospitais públicos adequados à pesquisa. Em 2002, a cirurgia de neocolpovulvoplastia e a hormonioterapia para os casos male to female (MtF) deixaram de ter caráter experimental e passaram a ser permitidos em hospitais públicos ou privados, independente da atividade de pesquisa. Tanto a neofaloplastia quanto a hormonioterapia para os casos de transexualismo female to male (FtM) ainda eram autorizados em caráter experimental. Em 2010, apenas a cirurgia de neofaloplastia permaneceu em caráter experimental. Segundo o CFM, a definição de transexualismo deve obedecer aos seguintes critérios:

- Desconforto com o sexo anatômico natural;
- Desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
- Permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
- Ausência de transtornos mentais.

Os pacientes candidatos à cirurgia de transgenitalização devem ser acompanhados durante dois anos, no mínimo, por uma equipe multiprofissional composta por: médico psiquiatra, cirurgião, endocrinologista, psicólogo e assistente social.

Em 2008, o Ministério da Saúde instituiu e regulamentou o Processo Transexualizador no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, as cirurgias de redesignação sexual passaram a ser realizadas pelo SUS, sistema público de saúde no Brasil. Nas "Diretrizes de Atenção Especializada no Processo Transexualizador", tem acesso ao processo os indivíduos com Transtorno de Identidade de Gênero F64.0, segundo a Classificação Internacional de Doenças - CID 10, que define o transexualismo como

um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção

cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado<sup>7</sup>

Enquanto no CID-10 o transexualismo ainda se encontra no capítulo dos Transtornos da Identidade Sexual, na última edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais* (DSM-5), o critério para Transtorno de Identidade de Gênero sofreu revisão da edição anterior e as pessoas nascidas sob um sexo e identificadas com o gênero oposto são diagnosticadas com Disforia de Gênero, item disposto em um capítulo separado das Disfunções Sexuais e Parafilias.

A regulamentação para acessar o processo exige alguns requisitos ao atendimento: maioridade, acompanhamento psicoterápico por pelo menos dois anos, laudo psicológico/psiquiátrico favorável e diagnóstico de transexualidade. Segundo informações do governo federal<sup>8</sup>, de 2008 a 2014, foram totalizados 6.724 procedimentos ambulatoriais e 243 procedimentos cirúrgicos em quatro serviços habilitados no processo transexualizador no SUS.

Atualmente, há cinco hospitais no país habilitados junto ao SUS para a realização do Processo Transexualizador. No Rio de Janeiro, o Hospital Universitário Pedro Ernesto é um deles. Apesar de estar habilitado, têm-se notícia por parte da população que procura o serviço que há alguns anos, além de não haver vagas para inscrição no processo, os procedimentos têm acontecido de forma excessivamente lenta. Apesar da falta de dados oficiais, há relatos de suicídio de transexuais motivados pelo intenso sofrimento psíquico e um possível descaso no âmbito da saúde pública.

Como resultado do grande número de pessoas transexuais que querem fazer a cirurgia e a pequena capacidade da saúde pública de fornecer o atendimento e processos adequados, surge o que podemos denominar de "mercado paralelo" da transexualidade - um deles relacionado à hormonioterapia e outro à cirurgia.

Muitos transexuais que não conseguem acessar o SUS para o processo transexualizador acabam fazendo uso dos hormônios à revelia, de forma inadequada. Na prática isso significa que as mulheres transexuais recorrem à colocação de silicone industrial e ao uso de anticoncepcional como solução para obter os hormônios femininos que não produz, ou produz em níveis baixos. Já os homens transexuais fazem uso da testosterona, que deveria ser vendida apenas sob prescrição médica, porém é encontrada no mercado negro com muita facilidade por ser utilizada em larga escala pelos frequentadores de academia, querendo aumentar rapidamente a massa muscular. Neste último caso, a situação é mais grave porque não há controle da qualidade da testosterona e seus derivados. Como este quadro ainda é

relativamente recente na área da saúde, não sabemos que consequências isso pode acarretar ao organismo, visto que o uso de hormônios é permanente.

Em relação à cirurgia, a situação também é distinta para homens e mulheres. Como as técnicas para neofaloplastia ainda acontecem em caráter experimental e não resultam em uma qualidade estética e funcional satisfatória, ocorrem verdadeiras atrocidades, resultando na deformação da genitália e irreversibilidade. No caso das mulheres transexuais, além do mercado que se estabelece em função das variadas técnicas, muitas vão para a Tailândia, atraídas pela expertise médica, preços mais acessíveis e o turismo sexual que lá se construiu em torno das chamadas *ladyboys*; um fetiche que faz delas o sustento da família.

No Brasil, é muito comum que as mulheres transexuais recorram à prostituição para garantir seu próprio sustento ou conseguir pagar pelas alterações no corpo; a discriminação e o preconceito são intensos e elas acabam ficando fora do mercado de trabalho formal geralmente pela aparência masculina - quando ainda em início de transição - ou pela discrepância entre o nome masculino de registro e a aparência feminina. Há pouco tempo fui procurada por Bruna sob a queixa de Síndrome do pânico e Depressão. Ela denomina-se ora como travesti, ora como transexual, mas seu sofrimento é claro: trabalhava "na pista", de onde sempre tirou seu sustento, mas há alguns meses foi contratada temporariamente para trabalhar como recepcionista em uma importante fundação de saúde. Como o contrato pode não ser renovado e esta época se aproxima, ela vem queixando-se de falta de vontade para tudo. Relatou que antes de trabalhar (ela não se refere à prostituição como trabalho), ia para a "pista" sem qualquer problema. Porém hoje, quando sabe que vai ter que fazer programa, não quer nem levantar da cama.

Nos dispositivos da lei brasileira não há menção à transexualidade. Sobre a requalificação civil, Teresa Vieira (2014) cita que há jurisprudência nacional favorável para a alteração do prenome de registro e do sexo. Apesar de haver um movimento em direção ao entendimento de que não é necessário fazer a cirurgia de transgenitalização para o reconhecimento do direito à adequação da documentação, a alteração do sexo parece acontecer ao juízo de quem julga, visto que há casos de mulheres transexuais que conseguiram a mudança do nome, mas não a do sexo; a alegação do juiz foi a falta da cirurgia de transgenitalização. Vale ressaltar que há muitos decretos, portarias e resoluções que autorizam o nome social (no âmbito da saúde, da educação, os servidores públicos...) antes do reconhecimento judicial, mas para o sexo ainda não há. A legislação vigente baseia-se no princípio da imutabilidade ou da indisponibilidade do estado da pessoa, que estabelece

que os elementos que constituem a identidade legal - prenome, nome familiar, sexo, data de nascimento, filiação, situação conjugal -, inscritos nos registros civis oficiais, não podem ser alterados livremente, mas apenas em circunstâncias justificadas e previamente analisadas e autorizadas pelo Poder Judiciário... A principal justificativa para essa imutabilidade decorre do dever do Estado em garantir a segurança nas relações pessoais e institucionais, basicamente de natureza patrimonial - contratual e de herança- e de preservação da instituição familiar, relacionada à filiação, ao matrimônio etc (VENTURA, 2010, p. 69)

A negação da alteração do sexo no documento é mais um argumento que recai sobre a redução classificatória da medicina, gerando a ideia de que há "verdadeiros transexuais".

Na Argentina, foi aprovada em 2012 uma lei que possibilita ao indivíduo com dissonância entre sexo e gênero fazer a mudança de nome e sexo no documento de identificação sem a necessidade de haver um diagnóstico psiquiátrico. Tal fato aponta para um reconhecimento do indivíduo como sujeito jurídico, responsabilizado e implicado em suas próprias escolhas, sem que haja uma verdade do Outro que as legitime.

No Brasil, foi protocolizado em 2013, na Câmara, o projeto de lei 5002/2013, chamado de Lei João W. Nery - a Lei de Identidade de Gênero. Muito similar à lei argentina, visa garantir o reconhecimento à identidade de gênero das pessoas transexuais, sem a necessidade de comprovação, em juízo, através de laudos ou procedimentos, bastando se autodeclarar transexual para a alteração do nome e sexo em Cartório.

A primeira entrevista feita no Brasil com uma transexual operada da qual se tem notícia no âmbito da psicanálise foi realizada em 1982 por Marco Antonio Coutinho Jorge e Lia Amorim. Publicada no *maisum*, Boletim periódico do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, aconteceu em caráter sigiloso, por intermédio do diretor do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, pois a entrevistada havia feito a cirurgia no Brasil, local considerado crime de mutilação naquela época. Renata, como foi nomeada pelos entrevistadores, aceitou conversar porque acreditou que poderiam veicular sua causa: a adequação no registro civil do prenome e do sexo.

### 1.3 Sobre as intervenções no corpo

Até parece que eu não sei que esse tipo de coisa acontece. Não! Ninguém precisa me dizer, não. Eu sei, eu sinto, eu vejo. Daí eu faço de conta que não acontece. É que tem certas coisas na vida, boy, que a gente não escolhe não, sabia? Eu, por exemplo, nordestina, pobre, do interior e viado! Aí, tá lascado! Se fosse pelo menos mulher. Se bem que você tem razão, né? Eu podia mudar. Botar peito, bunda, tomar Buclina, Percutan, fazer a tal da operaçãozinha, aí eu podia ser quem eu quisesse, quem eu

quero ser de verdade. Será? E a essência? Aquilo que você é de verdade será que muda? Você sabe que eu tenho para mim que essas coisas é igual à escultura! Você amassa, amassa, amassa... Alisa, alisa, alisa, mas não deixa de ser barro! (Trecho da peça "Uma flor de dama"<sup>9</sup>)

A linguagem funda o inconsciente; pré-existe à construção do sujeito, que já nasce inscrito nos elementos da cultura. Ao tratar da linguística para falar do sentido da letra, Lacan (1957) estabeleceu a relação entre Significante e significado e demonstrou que a significação não esgota em si a palavra ligada à coisa, pois é no deslize de significantes que surgem as sucessivas e infinitas significações. A lei de segregação urinária, usada por ele para falar da precipitação de sentido, possibilita refletir a partir da entrada do significante no significado, sobre uma realidade posta. Mas se estamos falando da estrutura da cadeia significante, onde as significações não se esgotam, a linguagem permite servir-se dela para ser 'homem' ou 'mulher' de acordo com os registros simbólico e imaginário de cada sujeito. Pensar uma genitália como uma metonímia para a expressão da identidade sexual excluiria a construção sexual da ordem da subjetividade e da dinâmica pulsional. O corpo, assim como o encontro de uma função para seus órgãos, supõe a incorporação significante, apropriada a partir da relação com o Outro.

Não é possível fugir daquilo que o real do corpo impõe; apesar dos dois significantes (homem/mulher) dados no campo da linguagem para tentar marcar uma diferença, o que se desdobra desta articulação levará a um espectro infinito acerca do feminino e do masculino, formas idealizadas da apreensão simbólica e imaginária de "ser homem" e "ser mulher", a partir da primeira diferença com a qual nos deparamos sem hesitação, segundo Freud. Mudar de sexo tratar-se-ia então de um engano uma vez que o que está geneticamente marcado no corpo não pode ser modificado; o real é irreversível!

O transexual está marcado pela sua constituição biológica. A mulher transexual e a travesti podem dizer-se mulheres, podem esculpir as marcas do feminino no corpo, mas como cita Frignet (2002), mudar de sexo é uma ilusão, apesar de todos os recursos homoniocirúrgicos para a adequação do corpo biológico à identidade de gênero. A partir do que foi imposto no nascimento, só seria possível metamorfosear-se, conforme o autor. A marca trazida pelo real do corpo não pode ser apagada. Uma mulher transexual será sempre uma mulher transexual, apesar de imaginariamente e simbolicamente poder ocupar estes registros assim como uma mulher cisgênero<sup>7</sup>. Em entrevista que consta no anexo da

---

<sup>7</sup> Nomenclatura utilizada para definir as pessoas que apresentam concordância entre o sexo designado no nascimento e o gênero correspondente.

dissertação, Lea T diz que não é uma mulher e nunca será 100% mulher, mesmo depois da cirurgia da troca de sexo; continua com a sua parte masculina: calça 42, tem a mão enorme, o ombro é largo e tem umas coisas masculinas no corpo. Quando se olhou no espelho depois da cirurgia, percebeu que era o mesmo corpo, só havia mudado um detalhe.

A história revela que a tentativa de conversão sexual é antiga. Benjamin citou Nero, imperador de Roma, que num acesso de fúria assassinou sua mulher grávida. Com remorso, saiu em busca de alguém com as mesmas feições e encontrou um jovem ex-escravo. Ordenou aos cirurgiões que o transformasse em uma mulher, com a mudança de sua genitália. Segundo Savitsch, o primeiro caso de construção de uma vagina foi registrado em 1761, em uma mulher que havia nascido com útero e ovários, mas por uma anomalia extremamente rara não tinha vagina. Atualmente, há diferentes técnicas para a construção da neovagina, mas todas implicam no cuidado ao longo do período pós-cirúrgico, que exige que a paciente utilize um dilatador no canal vaginal para evitar que o tecido não crie aderência, além de moldar a cavidade da forma e tamanho desejados.

O sentimento de ser uma mulher presa em um corpo de homem só pôde encontrar a ilusão de sua solução com o avanço da ciência. Assim, a partir da descoberta e fabricação dos hormônios sexuais, a endocrinologia respondeu com o tratamento hormonal para agir sobre os caracteres sexuais secundários e a cirurgia reparadora para intervir sobre todas as outras que se desejar (genitália, aumentar o tamanho das mamas, raspagem de protuberâncias ósseas...).

Os registros indicam que a primeira tentativa de cirurgia de redesignação sexual foi feita em Berlim, no ano de 1912. Hirschfeld haveria feito referência a uma paciente que encaminhou ao cirurgião para o que foi, possivelmente, uma operação incompleta. Uma segunda tentativa haveria sido feita em 1920, mas a primeira cirurgia completa feita com sucesso ocorreu em 1931. A mais conhecida da época foi a realizada no pintor dinamarquês Einar Wegener, que pediu a Hirschfeld que o transformasse em mulher. Sua vida foi romanceada no filme *A garota dinamarquesa* (2015), mas não fica explícito o fato de Einar (Andreas) ser, na verdade, um intersexual. Temos acesso a essa informação em seu diário *Lili: A portrait of the first sex change*, publicado pela primeira vez em 1933

Quando as coisas pareciam piores ele conheceu um famoso médico alemão de Dresden, que concordou com Andreas que provavelmente seria um tipo sexual intermediário, equipado, por obra da natureza, com gônadas masculinas e femininas. Ele explicou que provavelmente havia ovários rudimentares no abdômen de Andreas, mas que seriam incapazes de desenvolverem-se apropriadamente por causa da influência inibitória dos testículos que Andreas possuía. (2004, introdução p.2)

A repercussão da transformação de Einar exibia então o progresso médico que exaltava a possibilidade de mudança de sexo.

George Jorgensen, considerado o caso princeps, foi um soldado americano que no pós-guerra "descobriu" ser uma mulher. Achou em Christian Hamburger, endocrinologista dinamarquês que entendeu do que se tratava, a solução para o seu problema e deu início ao tratamento hormonal, encaminhando-o posteriormente ao psiquiatra e cirurgião. Em 1952, as intervenções hormonal e cirúrgica marcaram o chamado ato inaugural do transexualismo, ou seja, transbordou a classificação psiquiátrica e ganhou espaço no campo social a partir do que Frignet considerou o terceiro ator deste cenário: o corpo social, informado e alimentado pelos meios de comunicação. Ele lembra o impacto do caso de Jorgensen, tanto nos Estados Unidos quanto no mundo; nas semanas seguintes houve o aumento considerável dos pedidos de transformação sexual aos endocrinologistas, curiosamente com discurso semelhante ao da mais recente transexual operada. O autor ressalta o transexualismo enquanto fenômeno social, caracterizado pelo auto diagnóstico e auto prescrição, definido pelo próprio indivíduo. Foi assim que a partir daquele ano surgia uma nova expressão da sociedade moderna e também um sintoma: a possibilidade de intervir na determinação biológica e escolher o próprio sexo, "oferecido ao gozo de todos... o gozo do sujeito não deve sofrer limitações a título da lei real" (FRIGNET, p. 28), legitimado pelos direitos individuais.

A definição de transexualismo por Robert Stoller (1968) aponta para um elemento essencial em nossa discussão: além da convicção de pertencer ao sexo oposto, nos adultos essa crença vem acompanhada de demandas médicas para a adequação corporal. Ressaltou, já naquela época, que o maior problema era que quanto mais fácil o acesso aos procedimentos, maior seria a quantidade de pessoas demandando. Portanto, é a demanda subjetiva, multiplicada no campo social, que suscita a intervenção científica. Para a ciência o limite é um desafio a ser transposto, para a psicanálise é o impossível inaugurado pelo sexo. O que se torna grave e traz uma discussão delicada é o fato de muitas transexuais acreditarem que a cirurgia de transgenitalização é a única forma de tornarem-se mulher, ou de ser uma mulher "completa", mas a construção de uma vagina assim como qualquer modificação corporal está marcada pela escansão entre o ato e a palavra. A fala de Lea T<sup>8</sup>, em entrevista dada um ano após a sua cirurgia de readequação sexual deixa isso claro. Imaginava que sua felicidade estava atrelada à adequação do seu sexo, mas descobriu que a cirurgia não a fez completa, nem cem por cento mulher.

---

<sup>8</sup> Entrevista cedida ao programa Fantástico em 27 de janeiro de 2013. Acesso em 05/01/2017 <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/lea-t-conta-como-se-sente-apos-cirurgia-de-troca-de-sexo/2370829/>

Apesar da primeira distinção em "macho" ou "fêmea" feita pelo ser humano, o mal entendido intrínseco ao discurso, que tenta corresponder o macho ao menino e a fêmea à menina, estará inevitavelmente presente porque "menina" e "menino" serão definidos pela experiência. A proporção em que masculino e feminino se misturam é singular e a constituição da masculinidade e da feminilidade são inapreensíveis pela anatomia. Enquanto o que é da ordem da natureza provoca estabilização de sentido, e apenas um único significado, ao entrar na linguagem ganha duplo sentido proporcionado pela oposição significativa. Desta forma, "macho" e "fêmea" dão lugar a "menino" e "menina", incluindo toda e qualquer modulação que "masculino" e "feminino" permitem pelo seu caráter antitético.

O transexual, cárcere das formas cativantes do próprio imaginário, padece da cristalização de sua imagem no visgo de paixão que lhe constituiu. Camuflagem do impossível, a imagem que seduz aprisiona aquele que "nasceu no corpo errado" em seus quereres e a infinita lista das demandas (cirurgias, hormônios, retificação do nome...) adia mortalmente seu desejo.

A aparência se cristaliza na imagem. A máscara do neurótico é constituída em função da elasticidade do tempo e, portanto, sua fixidez, onde aparece como estátua. Frigorífico do desejo, lugar no qual mostra a alienação no olhar do Outro petrificado. Impossível de se manter no entanto, isso racha, e apresenta a face da morte escondida por tás da estátua. Estátua benta, e não bendita, pois nela não se trata do dizer, do bem-dizer, mas do dito, do maldito cuja cegueira nos mergulha nos abismos da paixão. Na pressa de suturar a ferida incurável aberta pelo tempo, só a faz mais supurar (NASSIM, 1984, p.43)

Jorge, em sua conferência sobre o fanatismo, lembra que em seu pleno funcionamento, o simbólico é o lugar do equívoco, mas na sua falha há uma tendência a imaginarizar. Se falarmos do campo das neuroses, a transexual presa na falácia imaginária de que seu corpo a fará mulher toma o falo como significado e não como significante e se depara, mais cedo ou mais tarde, com o fato de que não é de uma apreensão imagética condensada em intervenções corporais que se trata. No caso da psicose, presa ao significado, a transexual pode até acreditar que "se tornou uma mulher", mas ao menor vacilo imaginário a identificação desestabiliza. Isso poderia ter acontecido com Mariana, que é acompanhada em um serviço de saúde mental, aonde vai diariamente tomar sua medicação e é acompanhada por uma equipe, e circula quase todos os dias no espaço de convivência de uma ONG voltada para a população LGBT. Outro dia, ao cumprimentá-la, ela disse que não estava bem e contou que estava chateada porque sua vagina não era igual à vagina de uma mulher. Ela disse que pela primeira vez teria relação sexual com um homem e que logo ele percebeu que ela havia feito uma cirurgia, mas não disse que ela não era uma mulher, apenas questionou se a vagina era operada. Sendo assim, o que poderia ter desencadeado um surto não passou do ato sexual não



consumado e da queixa sobre seu órgão. Como o questionamento foi feito apenas em referência àquele pedaço de carne e não sua identidade, Mariana passou a questionar a fidedignidade de sua genitália sem maiores consequências. Caso o homem tivesse questionado seu "ser mulher" o desfecho possivelmente seria outro.

O destino, Freud já o havia apontado no início do século passado: a anatomia. A marca do significante na carne inaugura o corpo e instaura o campo de gozo. Indissociáveis, onde um não é sem o outro, o gozo - este efeito de discurso que incide, mas não é articulável - é o que permitirá ao sujeito usufruir de um corpo.

A gente perde toda a libido, toda a libido, entende? Por exemplo, qual é a sensação que eu tenho hoje? A sensação de estar junto com o meu parceiro. Porque se eu tomar hormônio como eu tenho que tomar todos os dias, esse gozo não existe. E na cirurgia também não vai existir. Esse tal prazer, de uma forma ou de outra, ele vai aparecer porque eu vou inventar, entendeu? Porque eu tenho prazer em fazer sexo oral, eu tenho prazer em me tocar, eu sinto prazer nos meus seios... Se eu vou gozar? Eu nem sei o que é gozo. Eu sei o que é prazer; esse negócio de ejacular, há muito tempo que eu não sei o que é isso, porque eu sou dopada de hormônios. Eu tomo quatro hormônios por dia. (Taís Souza, entrevistada no documentário *De gravata e unha vermelha*)

Sobre a morte e o sexo não há saber; são as muralhas do impossível. Frente ao real devastador que os furos impõem, o registro simbólico, apoiado no imaginário, recorre ao tesouro dos significantes para entrelaçar a trama que servirá de ancoragem; a fantasia como anteparo apaziguador. É através dessa janela que o sujeito lançará suas fitas em direção ao outro para fazer laço no campo daquele que não pertence a nenhum sexo, a fantasia é que lhe dará ares de homem ou de mulher - o Outro do sexo que será parceiro no movimento de tentativa de suplência advindo da ausência da relação sexual.

Homem e mulher são apenas significantes e atribuir qualquer sentido os revestiriam de opacidade. Portanto, "nascer mulher aprisionada em corpo de homem" ou "nascer homem aprisionado em corpo de mulher" pode desaguar em tantas significações quanto o jogo dos significantes - logo, incidência de gozo - permite a cada sujeito. O corpo é in-corpo-ração significante, portanto o único bisturi que opera em seu registro real é a letra. O que vela o resto é semblante. "Não é um pênis que faz um homem, como não é uma vagina que faz uma mulher, como não é um corpo que define uma identidade, um gênero", relata João W. Nery, homem transexual que fez apenas a mamoplastia masculinizadora. Seguindo seu raciocínio, então a ablação das mamas também não faz de uma mulher um homem. A escuta precisa do dito transexual revela que sua questão está na superfície que serve de anteparo para a imagem e não necessariamente se reduz ao pênis ou à vagina. O enunciado "nasci no corpo errado" é absolutamente distinto de "nasci no sexo errado". Então, será que ainda é possível reduzir o

pensamento de "ser homem" ou "ser mulher" às insígnias corporais correspondentes? O desconforto é localizado no corpo que, por excelência, é o lugar do estranhamento. A única diferença posta à priori, portanto, é a forma singular como o gozo incide em cada sujeito.

O deslize teórico feito por Lacan nos conduz "mais, ainda" na teoria da sexualidade. A crença que indicava a divisão subjetiva diante de dois sexos dá lugar a dois campos distintos de gozo, a partir do discernimento de que o falo intervém como significante. A pequena diferença é colocada por Lacan para falar da presença do órgão na condição de fantasiado, mas que não institui qualquer relação no ser falante. Portanto, não se trata da apreensão de uma diferença entre os órgãos, mas do falo enquanto mais de gozar, amarrado ao significante.

Sendo o corpo suporte para a imagem, de fato o transexualismo vem marcar algo que vem antes da imagem - ou seja, vestir-se não basta -, que ultrapassa qualquer biologia e escapa a qualquer representação. O corpo do transexual denuncia a falta ou transborda um excesso

A cirurgia, para mim, não é algo da cabeça. É algo anatômico, é como se eu tivesse seis dedos; Cortou um deles, para mim está resolvido" (Tais Souza, entrevistada no documentário *De gravata e unha vermelha*)

Para mim a cirurgia, ela tem que acontecer. Alguma hora ela vai acontecer. É o que eu falo, eu tenho vários problemas sexuais, com certeza. Eu não sei se dá para observar, isso é uma coisa que eu acho que não dá. Só para quem convive realmente comigo sabe que eu tenho dificuldade em me relacionar *com outros homens*<sup>9</sup>, com homens. Eu tenho dificuldade com isso e eu acho que pra mim, se eu não estiver com meu corpo completo eu não vou conseguir me relacionar com ninguém de corpo e alma (Mell, entrevistada no documentário *De gravata e unha vermelha*)

O relato de Mell aponta para outra discussão que é o embaraço no qual o sujeito se emaranha diante das parcerias amorosas que estabelece. Ao tratar sobre as manipulações irreversíveis no corpo, Paola Mieli (2002) as articula com a necessidade; uma tentativa de dar estabilidade à forma oscilante quando o arcabouço simbólico foi incapaz de circunscrever um furo. Ela recorre à fotografia e utiliza o termo *punctum* para falar do lugar no corpo destacado pelo sujeito enquanto ponto de retorno do olhar do outro e que insiste, causando embaraço - definido por Lacan (1962-63) como o momento em que o sujeito não sabe mais o que fazer de si mesmo e procura um ponto onde se escorar. O ponto de captura, do congelamento, do recorte sem movimento. O alívio viria, portanto, ao desfazer-se desse lugar do corpo.

Ao falar sobre o seu corpo em entrevista a um site, o transexual Paulo Vaz diz que nem sempre esteve em **paz** com o **espelho** e as **cicatrizes** resultantes da cirurgia de mamoplastia masculinizadora trazem **paz** e o fazem lembrar quem é. Descobriu que era

---

<sup>9</sup> Nota minha para marcar o ato falho da entrevistada.

transexual em idade adulta, depois da conclusão do curso universitário. Um amigo lhe disse que poderia ser trans; a conversa lhe pareceu estranha e sem sentido, mas depois chegou à conclusão de que realmente era um transexual. As peças de sua vida foram se encaixando, diz ele: "infância, adolescência, modos, mentes. Enfim, tudo estava enquadrado naquele conceito como a maioria dos homens trans". Não houve reação de surpresa por parte da família quando comunicou sua descoberta<sup>10</sup>. Curiosamente e não coincidentemente, Paulo é designer e amante de fotografia. A paz no espelho veio a partir das cicatrizes, resultado do congelamento imaginário da identificação como homem a partir da fala de um semelhante sob a mesma marca: homem. Se as marcas o fazem lembrar quem é, são as mesmas que lhe fornecem o passaporte para se en-caixar. A identificação apazigua e gera pertencimento, estabilização; estar encaixado é garantir bordas, determinar limites e apaziguar angústias.

Segundo Mieli, esse *punctum* - o traço herdado que testemunha a *sulcagem* na transmissão - costuma ser um traço do contorno corporal, ofusca a imagem e pode ser encarnado em qualquer lugar do corpo. A manipulação do corpo seria uma tentativa de transformar este ponto num território delimitado, que chama de *landmark* - a marca que designa limite em uma localidade ou um ponto de virada no tempo e pode se constituir de diferentes formas.

Uma é a inscrição do *landmark* como *apagamento*; a outra, sua inscrição como marco. Nos dois casos, o *landmark* implica a *invocação do traço*, a procura de um corte simbólico que dá uma forma definida a um contorno flutuante, e envolve a suspensão de um olhar que torna sua própria forma vã. O *landmark* é indício da necessidade de uma inscrição simbólica representativa de um traço da função paterna, a ser distinguido de um traço paterno real. Nesse sentido, o *landmark* é porta-voz de uma intervenção na transmissão entre gerações (MIELI, 2002, p.16).

Dessa forma podemos pensar que as manipulações corporais visam transformar o ponto centrípeto do caos em corte apaziguador para ancoragem do traço que ao mesmo tempo que apaga, re-vela uma identificação. Estamos alertados por Lacan que o falo não deve ser confundido com o pênis, mas quando há a reivindicação da cirurgia, parece haver uma cola entre significado e significante. No caso da psicose, a castração operando no real do corpo enquanto efeito da forclusão do significante fálico e, no caso da neurose, um congelamento imaginário da identificação contida na fantasia de complementaridade na relação amorosa entre homem e mulher, entre outras. Para muitas mulheres transexuais, captadas por essa fantasia, o que está em jogo é "ser para o homem", ser desejada, e o pênis comparece como o excesso que captura a imagem feminina do corpo visto como distorcido.

<sup>10</sup> Entrevista disponível em <http://www.nlucon.com/2017/01/modelo-trans-paulo-vaz-posa-para-ensaio.html>. Acesso em 12/02/2017.

Jorge aponta três diferentes possibilidades de articulação do imaginário: a imaginarização, ou seja, sua cristalização em uma imagem; a realização, viável pelas intervenções na realidade corporal; e a simbolização do imaginário, a única forma de torná-lo aliado, estável, ponto de articulação entre a palavra e o impossível - a estabilização de sentido e da unidade corporal esburacada pelo real.

Mieli ressalta ainda que o *landmark* não é exclusivo de uma estrutura. Apesar da aparente equivalência lógica, vale aqui ressaltar que esta elaboração teórica é distinta daquela feita por Lacan em *Lituraterra* para falar sobre o feixe marcado pelo primeiro traço, o *traço unário*, o Um da pura diferença onde se chega no final da análise, chamado por ele de identificação-pivô, o Um unificante que se presentifica como escoamento do que se esvaneceu. Do vazio faz-se a terra a partir do litoral marcado pela rasura do traço que não havia antes. É do encontro entre o traço e o que esvanece que se faz sujeito, porém é necessário dois tempos. O *landmark* pode servir como sede de gozo, aponta a autora, mas esta por excelência é efeito da incidência da letra na carne, atrelado ao objeto *a* enquanto mais de gozar. Como ressaltou de forma bela Paolo Lollo em palestra realizada em 2016, o significante *corps* que ao ser falado perde a sonoridade da letra explodindo em imagem: "p", a letra explosiva que condensa o gozo fora do corpo.

Apesar de escrito de 1929, o texto *O Mal estar na civilização* parece bem atual para pensarmos a questão transexual, que em sua maioria diz respeito a duas das três grandes fontes de sofrimento destacadas por Freud: o próprio corpo e o mal estar inerente às relações. Coincidência ou sintomas com fantasias de Século XXI? O sujeito é atemporal, mas o caldo cultural que o banha sempre estará atrelado ao discurso vigente.

A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no Eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes... O fato de o Eu, na defesa contra determinadas excitações desprazerosas vindas do seu interior, utilizar os mesmos métodos de que se vale contra o desprazer vindo de fora, torna-se o ponto de partida de significativos distúrbios patológicos (FREUD, 1930 [2010], p. 17)

Cresce de forma significativa a quantidade de pessoas que se declara transexual, notícias, documentários e programas de televisão veiculados sobre a temática e a oferta profissional que pode responder a cada uma das solicitações referentes à almejada adequação.

No artigo sobre transexualismo, Marco Antonio Cotinho Jorge interroga se o transexualismo não é um diagnóstico criado para responder a uma sintomatologia e se a sua

existência e a possibilidade de ser respondido pela ciência produzem uma cascata de demandas dessa ordem. Denuncia que o tanto o discurso médico quanto o psicológico - acrescento aqui o social - afirma a existência da Mulher, o Outro sexo. Ao retomar MDMagno, lembra que o discurso transexual acaba por corresponder aos estereótipos do masculino e do feminino. MDMagno esclarece o sintagma laciano: a relação sexual se dá no corte, na diferença e comparece apenas no discurso, lugar da sutura que quando tomado pelo discurso da ciência torna-se conhecimento estúpido<sup>11</sup> sobre os sexos. A oposição significativa homem/mulher tornam-se cristalizações do efeito de corte que opera e funciona como dois, um imaginário binário que leva à polarização do discurso.

Ter um corpo é integrar um pedaço de carne vivido como seu, projetado em imagem e delimitado pelo significante. Enquanto a psicose denuncia sua fragmentação e inconsistência, a neurose histérica toma esse corpo de libido a provocar os saberes. Nesse caso, a não diferença é recalcada, fazendo permanecer o enunciado: há diferença. Para fazer existir o sonho com a possibilidade da relação sexual, coloca no lugar de agente do discurso a diferença. A histérica coloca em-cena a dúvida sobre o seu sexo.

"A minha cabeça é uma cabeça de mulher. Eu menstruo. Psicologicamente, mas eu menstruo... Eu nunca tive uma fase na qual eu tivesse que me assumir transexual. Isso nunca aconteceu. Foi uma coisa que aconteceu gradativamente e tão devagar que a minha própria família não percebeu. Quando eles se deram por conta eu já estava começando um tratamento no Hospital das Clínicas de Goiânia, que eu lembro até hoje que eu comecei aos quatorze anos, que eu fui procurar ajuda aos quatorze anos, que eu falei: gente, o que eu sou? o que sou eu? Se eu não sou homossexual, o que eu sou, sabe? Eu preciso procurar o que eu sou." (Mell Gonçalves de Oliveira, entrevistada no documentário *De gravata e unha vermelha*).

Lacan (1969-70) retoma a dialética Hegeliana do senhor e do escravo para elucidar a relação da histérica - que designa um saber - com o mestre - que detém uma verdade. O furo no saber marcado pela barra que incide sobre o agente no discurso da Histérica ( \$ ) produz um homem movido pelo desejo de saber - o agente do discurso do Mestre ( S<sub>1</sub> ). O que o mestre desconhece é que a verdade da histérica é o seu lugar de queda, enquanto objeto *a*, o lugar de derrapagem da linguagem. O discurso da histérica é o que, por excelência insiste na tentativa de realização do desejo, mesmo que fadado à impossibilidade, através da fórmula da fantasia ( \$ ◇ a ). Nassim afirma: "o discurso da histérica é o necessário que afronta o impossível" (1984, p.89). A insistência histérica em busca do saber para esconder a falta

---

<sup>11</sup> O autor esclarece a origem de estúpido: *stupidus*, do latim *parado*.

paradoxalmente captura-a na iminência de seu próprio aniquilamento, já que a condição para o desejo é a falta. Neste momento temos então a histérica afetada pela angústia.

A questão da transexual parece remontar a dos primórdios da psicanálise. Da questão de Dora sobre o seu sexo, eixo do enigma da histeria, até o questionamento feito por Freud a Marie Bonaparte em uma carta "*O que quer a mulher?*", a resposta permanece uma estrutura de ficção. Nassim explica

A pergunta formulada pela histérica - *O que quer uma mulher?* - a partir da posição masculina, é constantemente recolocada para que seja mantida em suspenso, ou melhor, recalcada, sua própria verdade que se encontra alienada em outra mulher. Para a histérica, a mulher existe, e não é outra coisa senão uma imagem adorada que contém em si o mistério da feminilidade (NASSIM, 1984, p.93)

Sabemos que, apesar da anatomia, não há inscrição inconsciente sobre a diferença sexual. Sobre a diferença anatômica responde o saber científico, mas o que a psicanálise coloca em jogo é a experiência, aquilo que se presentifica pela singularidade: o inconsciente. Nesse sentido, aquilo que é percebido pelos olhos no corpo só pode ganhar sentido a partir do processo de significação concebido por Freud como *nachträglich*, o sentido *a posteriori* que fará da diferença anatômica o enigma da relação sexual.

Para a ciência o limite é aquilo que ela ainda não consegue forjar, portanto tendemos a concordar com Pollo ao afirmar que se é preciso que haja um endereçamento ao médico para que o sujeito se denomine transexual e venha "mudar de sexo", não há transexual fora do discurso da ciência. Sim, a ciência produz novos corpos, novos sexos, novas demandas... mas os sujeitos continuam ali, atemporais em seus engodos.

Embora a convicção de uma discordância entre o corpo e a alma não tenha esperado o advento da psicanálise para se fazer ouvir, se não há transexual sem cirurgião e endocrinologista, o transexualismo é agora um fenômeno social, sintoma do mal-estar na civilização. Ou melhor, sintoma de um sujeito que está numa civilização em que o discurso da ciência dá as mãos ao discurso do capitalismo (POLLO, 2012, p. 142)

A autora lembra que no ponto de convergência da aliança entre o discurso da ciência - que em essência pode equivaler ao discurso do mestre - e o discurso do capitalismo - aquele que não produz laço - surge o corpo como o "mais belo objeto de consumo", apontando os caminhos para que se torne capital ou fetiche - o lucro de um mercado rentável em busca do corpo que não pode desvelar o furo.

Desde os primeiros relatos que descreveram o desajuste do corpo em relação à identidade sexual, a medicina procura explicação e solução para esses corpos desviantes. Atualmente, além das possibilidades de intervenção para corrigir o "erro da natureza", temos tantos estudos quanto o que poderíamos imaginar: pesquisas genéticas, investigações

hormonais, exploração do cérebro e da "mente". Cada um com sua hipótese tenta dar à transexualidade a melhor explicação e a melhor solução. Mas o inconsciente - o tropeço das convicções - não é palpável, mensurável, controlável ou curável e encontra na histérica o corpo sem razão; e como mulher sem razão, ela procura seu homem

Por toda a parte onde o discurso médico se desenvolveu e desde suas origens, a histeria foi reconhecida pelo que ela é em relação a esse saber: aquilo que pode se assemelhar a todas as doenças sem nunca ser uma delas e que, por esse fato, escapa ao saber constituído; é ela que reage mais estranhamente aos benefícios desse saber, todo tratamento podendo curá-lo milagrosamente, enquanto que alhures o saber mais experimentado fracassa completamente. Seu polimorfismo extremo lhe confere sua unidade: os sintomas não remetem ao discurso médico, mas ao próprio sujeito (CLAVREUL, In: NASSIM, 1984, p.92)

## 2 HOMEM E MULHER, MEROS SIGNIFICANTES

A questão central enunciada da transexualidade é clara: o corpo. Para Laerte<sup>10</sup>, as intervenções visam adequar-se ao seu "verdadeiro" sexo, podendo ser uma busca para atender a um modelo de feminilidade, mesmo sabendo que nenhum modelo corresponde a uma pessoa real. Já para Joana e Andrea, ambas com aparência bastante feminina, me procuraram em busca de um laudo para dar continuidade ao processo transexualizador, pois a presença dos órgãos sexuais masculinos era motivo de vergonha. Segundo elas, a presença do pênis foi motivo para iniciar tardiamente a vida sexual. Apesar das semelhanças em relação à presença da genitália masculina, Joana esconde seu pênis com o lençol, toalhinha ou peça de roupa durante o ato sexual e usava a toalha na cabeça para fazer de conta que tinha cabelos compridos; já Andrea tentava esconder, até o limite do seu sofrimento, que era transexual.

Constituição subjetiva e corpo estão entrelaçados, pois apesar do sujeito não ser corpo é dele que goza; o corpo que goza de si enquanto objeto *a*, lembra Pollo (2012). Para além do princípio de prazer está o gozo que, mesmo ligado ao sofrimento ocasionado pelo encontro impossível com o objeto perdido, não pode ser erradicado. No início da vida, ainda não há uma subjetivação, esclarece Lacan (1964); o sujeito é ainda uma lacuna a instaurar o lugar do objeto perdido, "o estatuto do objeto *a* enquanto presente na pulsão"<sup>11</sup>.

Dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Marco Antonio Coutinho Jorge destaca *inconsciente* e *pulsão*. Estruturados em hiância, são essenciais na articulação entre linguagem e sexualidade, evidenciada na clínica. Sujeito e circuito pulsional são constituídos por efeito da linguagem; é a *ação da linguagem* sobre a superfície corporal que faz da carne, corpo - esse resto que sustenta a imagem. Desta forma, o sem sentido dá lugar ao duplo sentido, fazendo do corpo despedaçado um corpo erógeno, ao atravessar o estágio do espelho e a castração simbólica. É em relação ao Outro que o sujeito se sustenta como desejante; é a libido do outro que torna o corpo erógeno.

Serge Leclair (1979) retoma a constituição do corpo a partir das funções paterna e materna. Propõe a interpretação do corpo erógeno como um tipo de duplo do corpo biológico, viável apenas pela incidência da função paterna, situando-o entre a singularidade e a universalidade da lei, ou seja, marcado pela organização libidinal proporcionada pela fantasia singular articulada às fantasias míticas de sedução, castração e assassinato. O corpo erógeno é, portanto, aquele marcado pelo Um que dele faz pertencer ao conjunto, a saber: o conjunto



dos seres falantes. Dessa forma, a função paterna marca a clivagem entre a universalidade do corpo biológico e a singularidade do corpo erógeno, livrando o sujeito da loucura. A escansão marcada pela clivagem instaura uma falta que dá acesso à erogeneidade - ou seja, inconsciente e gozo. A função do pai, portanto, é de abertura.

O autor lembra que toda relação entre dois corpos é erógena na medida em que o corpo do outro se oferece como objeto para a satisfação de um ponto de centramento erógeno (orifícios corporais). Nesse caso, a mãe é quem deve assegurar a medida da satisfação da demanda sem que seja "falo oral exclusivamente nem exclusivamente farta razão"<sup>12</sup>. A função da Mãe, define ele, é ser apenas um corpo - orgânico e erógeno - que assegura a justaposição dessas funções sendo "muito mais a Terra que suporta sem desfalecer, que o Mar que engloba e absorve".

O primeiro impulso/ primeiro susto/ primeira luz nos olhos/ primeiros olhos em mim../ aquela sede/ por uma só gota/ no sertão da minha boca/ O primeiro breu/ blackout/ que me acendeu por dentro/ o primeiro vento/ o primeiro alento/ que me acalmou a febre/ a primeira neve/ primeiro não que me arde/ dizendo que sim mais tarde../ primeiro impasse/ mas nem que me matassem/ eu voltava pra casa/ sem nada (Primeiro susto, Zélia Duncan)

Retomando Freud, as zonas erógenas vão sendo libidinizadas à medida que as fases do desenvolvimento psicosexual por ele descritas se sucedem. Toda superfície corporal é revestida pelo maior órgão do corpo humano: a pele. No limite entre a mucosa e a pele organizam-se as bordas orificiais no movimento pulsional de apreensão do objeto que, a partir da demanda do Outro, delinea um corpo sem conteúdo; o envelope simbólico que dá contorno ao vazio. Portanto, o pequeno acesso do sujeito à realidade desse corpo só seria possível, segundo Lacan, a partir dos significantes que ligam o sujeito ao seu Um, conferindo-lhe a propriedade do seu corpo.

Nasio (1993) toma a teoria de Lacan como base para definir os dois parâmetros fundamentais acerca do corpo em psicanálise. São estes: a fala, que toma o corpo como significante, e o sexo, reduzindo o corpo ao gozo "porque o corpo é todo gozo e porque o gozo é sexual"<sup>13</sup>. Posteriormente, ressalta que há uma terceira instância a ser considerada quando fazemos referência ao corpo: a sua imagem. Temos então aí o corpo tomado nos registros descritos por Lacan: real (*corpo pulsional*), simbólico (*corpo histórico*) e imaginário (*corpo narcísico*). A imagem corporal é percebida fora dele, na relação imaginária e especular - ou seja, pela via das identificações - através do que retorna do campo do Outro que o fala, dando forma e consistência ao corpo do gozo. Em função disso, podemos supor que as distorções relativas ao corpo encontram-se no processo da constituição subjetiva.

## 2.1 A pulsão e o corpo erógeno

A sexualidade não pode ser resumida à genitalidade; é questão central da obra de Freud tanto quanto o corpo, esse estranho que insiste desde os seus estudos sobre a histeria até a publicação de *Algumas lições elementares de psicanálise* (1940 [1938]) onde diz

não se pode desprezar por muito tempo o fato de que os fenômenos psíquicos são em alto grau dependentes das influências somáticas e o de que, por seu lado, possuem os mais poderosos efeitos sobre os processos somáticos. Se alguma vez o pensamento humano se encontrou num impasse, foi aqui. (FREUD, S. 1940, p.303)

A sexualidade é a saída para o ser falante contornar o furo feito pelo sexo, a essência de qualquer atividade humana que abarca um conjunto de conceitos fundamentais na psicanálise, dentre eles a *pulsão*.

Recorrer à teoria biologizante da cópula para explicar a lógica sexual reduz o Homem à categoria do puro instinto animal, e retira a marca da sua diferença: a linguagem. Se na condição de macho e fêmea há uma complementaridade biológica intrínseca à reprodução das espécies, entre sujeitos a falta está posta em jogo, é condição *sine qua non* - nesse caso, não há "feitos um para o outro". O simbólico, efeito da perda do instinto, reveste com fantasia a pulsão.

Agora, põe uma coisa na tua cabeça pro teu futuro não cair na real. Sexo, meu amor, tá aqui oh... na cabeça! Você goza com aquilo que você imagina que você goza. Você vai pra cama com quem está na sua cabeça, não é com quem está na cama contigo não! Pode até ser um cachorro, um buraco na melancia... Botou na cabeça, meu amor, gozou que é uma beleza! Sexo é mentira, boy! Sexo é sozinho! (Trecho do espetáculo teatral "Uma flor de dama")

Se a pulsão é o que conduz o percurso da escolha do objeto e esta é da dimensão da fantasia, a priori não há uma orientação "natural" em direção à mulher ou ao homem. A postulação de Freud sobre a bissexualidade estrutural é essencial e cara à psicanálise ainda nos dias de hoje. Jorge (2011) destaca o que de fato a noção da bissexualidade desvelou: o *objeto perdido do desejo*.

O autor descreve diversos momentos na obra freudiana em que há referência ao assunto, apontando os contrapontos com Wilhelm Fliess, que acreditava na constituição biológica da bissexualidade. Um deles desperta um especial interesse: o fato de que todos seriam biologicamente bissexuais implicaria numa operação de recalque gerado pela oposição biológica e levaria o homem a recalcar sua feminilidade e vice-versa. O problema, revela Freud, é que o sexo não é da ordem de uma certeza, muito menos há uma sobredeterminação anatômica. O sexo do sujeito é um enigma.

Ainda de acordo com Jorge, foi Lacan quem destacou a noção freudiana de *bissexualidade* em sua devida relevância trazendo o conceito de *objeto a*, o *objeto*

*radicalmente perdido* associado à falta estrutural que constitui o inconsciente por não haver inscrição do objeto do desejo; ele é mítico.

Ressalta ainda o dizer que ecoa no corpo, salientando a importância de Lacan na elucidação da relação entre linguagem e sexo, estabelecida na construção do circuito pulsional. "A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente"<sup>14</sup>.

Lacan esquematizou o circuito das pulsões reveladas por Freud, tendo como ponto de início e retorno uma borda erógena, mas que antes em seu movimento contorna objeto *a* - inapreensível. Ao distinguir o campo narcísico da circularidade da pulsão, aponta na hiância do intervalo de ida e volta o momento da circunscrição do olhar, onde o sujeito se vê a si mesmo, no retorno da imagem vinda do olhar do Outro, "ele se olha, diria eu, em seu membro sexual"<sup>15</sup>. O próprio autor alerta para o não reducionismo ao órgão sexual como tal, citado na obra freudiana, mas qualquer outro objeto passível do sujeito se regozijar ao ser olhado. É o objeto perdido que retorna como sombra, velado pela fantasia em todas as relações possíveis entre sujeito e objeto ( $\$ \diamond a$ ), na tentativa de encontro com o objeto enquanto ausência, descreve Lacan.

O objeto causa do desejo, o objeto *a*, é esse objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal onde se produz corte. Essa alguma coisa perdida, a melhor maneira de se apreendê-la é concebendo-a como um pedaço do próprio corpo. O gozo vai se enganchando nas zonas erógenas, pois o gozo é o gozo pulsional (CASTANET, 2010, p.62).

Assim, temos uma sucessão de pulsões que circundam a superfície corporal e demonstram o movimento de apelo feito em direção ao Outro, nesse movimento de vaivém. Esta operação elíptica acaba produzindo uma identificação, pois o objeto *a* é uma interseção entre o sujeito e o Outro e a pulsão toca na borda do Outro - do Outro sexo - na tentativa de apreensão do objeto, sempre localizado no lado da imagem especular do estádio do espelho. Esta é uma tentativa de repor a perda peculiar ao sujeito, pelo fato de ser sexuado, incompleto, partido, barrado.

O sujeito é movido por essa força incessante em busca de satisfação, que conecta psíquico e somático. Orientada pelo objeto mítico, se relança em busca de qualquer outro, imaginariamente correspondente, que possa satisfazê-la parcialmente. A organização das pulsões investidas no momento inicial da vida irá delinear a procura do sujeito em direção ao que há de mais variável: o objeto. O relato de Letícia Lanz, mulher transexual casada desde 1977 com a mesma mulher, ilustra com delicadeza a plasticidade pulsional:

Embora desde sempre atraída por coisas socialmente classificadas como próprias do mundo feminino - roupas, calçados, atividades de lazer, produção visual, dança, costura, bordado, cozinha etc. - eu nunca tive a menor atração sexual por homens, embora ame perdidamente os homens da minha vida, como meu pai, falecido recentemente, meus dois filhos e meus grandes amigos. Só esse pequeno detalhe, aparentemente sem a menor importância para pessoas cisgêneras, pacificamente instaladas em seus rótulos de gênero, quase me conduziu à loucura. Na verdade, eu levei décadas para me compreender e me aceitar como sendo uma mulher lésbica. (LANZ, L., 2015, p.90)

Na verdade, o que se escolhe não é um sexo, mas um traço contido no objeto. A transexualidade vem interrogar, entre outras coisas, as designações de um discurso sexual heteronormativo alojadas nos lugares estanques colocados pela cultura e cristalizados pelo discurso da ciência e do capitalismo. Para aqueles que colocam a psicanálise no lugar do conservadorismo, basta uma dedicação minuciosa ao estudo do conceito de pulsão para concluir que o seu próprio caráter subversivo nos recoloca incessantemente na roda viva e instrumentaliza para pensar a recente discussão sobre "sentir-se preso num corpo que não é o seu" e toda a dança de cadeiras que ela suscita. Bárbara e Patrick são personagens de um documentário sobre o tema. Ele nasceu menina, gostava de meninas e foi percebendo que se identificava como menino; ela nasceu menino, gostava de meninos (declarou que tinha nojo da genitália feminina) e foi percebendo que se identificava como menina. Atualmente formam um casal transexual, ou seja, um homem transexual fazendo par com uma mulher transexual. Declaram que apesar da paixão, passaram por um período de estranhamento em relação ao corpo do outro, pois ambos preservam a genitália do nascimento. A estória deles, assim como de outros casais transexuais evidencia que não se trata de biologia, genitália ou complementaridade entre os sexos, porque o que está sempre em jogo é o sujeito e seu objeto, ambos com "ares de", ou seja, jogando com seus semblantes.

Segundo Quinet (2012), para as pulsões “o objeto *a* é o verdadeiro parceiro na sexualidade”<sup>16</sup>. Considerada a invenção teórica de Lacan, o objeto *a* é o que da essência do Outro do amor faz despertar o desejo da criança; a eleição de um parceiro sexual está intimamente relacionada ao fato do outro conter ou estar neste lugar de objeto para o sujeito. Este objeto não pertence à ordem do significante, nem tem consistência - é da ordem do real e tem diversas aparências imaginárias, como ressalta Jorge (2011). Ele afeta o sujeito e pode ter como função a satisfação da pulsão, ser causa do desejo ou provocar a angústia, ser ao mesmo tempo agalma e rebotalho.

No hall das pulsões evidenciadas por Freud, Lacan denomina duas que estiveram presentes ao longo da obra freudiana, mas não foram definidas: a pulsão escópica e a pulsão invocante, ambas ligadas ao desejo, ou seja, inegociáveis. As outras, relacionadas às etapas do

desenvolvimento psicossocial são da ordem da demanda e estão relacionadas às bordas erógenas, elucidado anteriormente.

Considerar a presença da pulsão escópica e da pulsão invocante é primordial para percorrermos a constituição subjetiva desde o pequeno infans até que o sujeito assuma uma posição diante do Complexo de Édipo, portanto do desejo do Outro.

As observações feitas por Pollo (2012) a respeito da teoria pulsional apontam para os três tempos em que o olhar comparece como objeto e torna possível que alguém seja tomado como objeto por uma alteridade. O primeiro momento é marcado por lugares intercambiáveis, sujeito e objeto estão fusionados, logo não há distinção entre "quem olha" e o "órgão sexual que é olhado". Em seguida, o objeto assume o lugar de estranheza ou inapreensível. No último momento, a pulsão retorna ao próprio corpo inscrevendo a borda que resta da queda de um objeto que ex-sistiu, marcando os três registros topológicos lacanianos: real, simbólico e imaginário.

A reversão da *atividade* para a *passividade* da pulsão levará aos pares opostos olhar (*voyeurismo*) - ser olhado (*exibicionismo*), bater (*sadismo*) - ser batido (*masoquismo*); no retorno em direção à própria pessoa, o exibicionista frui do seu próprio desnudamento. Freud, a partir de 1924, formula que a pulsão contém em si como elemento primordial a passividade, que só pode ser entendida pelo comportamento manifesto e as fantasias.

"O fato de eu sair à rua vestida como mulher atrai tanto um bafo de zombaria, de crítica, quanto atrai também um afeto, um tipo de desejo. Eu estou vendo uma mulher, portanto eu homem vou atacá-la, vou comê-la. Aquela mulher é um frango que eu devo comer. E a mulher dentro dessa cultura de preconceito também se vê como uma comida: Vou sair como um grande banquete" (Laerte, mulher transexual bissexual, entrevistada no documentário *De gravata e unha vermelha*)

"O olhar é esse objeto perdido, e repentinamente reencontrado, na conflagração da vergonha, pela introdução do outro"<sup>17</sup>. O sujeito busca ver o objeto enquanto ausência, presença de um vazio ocupável. É a partir do olhar que se constitui o lugar de sujeito e o "garante" quando convocado; é para onde o sujeito se dirige quando não é o seu foco.

Já a voz é aquela que constituirá a linguagem, de onde se é falado, a voz que vem do Outro e que embala todas as construções simbólicas, é *alingua*. Colette Soler (2010) define *alingua* como sendo a fala primeira de onde emerge o sujeito, anterior à linguagem e que se presentifica antes da entrada do significante e da junção do sentido, dado inicialmente pela língua materna. Neste momento ainda não marca uma diferenciação entre mãe e bebê, que só ocorre num instante posterior, quando a criança é marcada pelo significante que a constitui enquanto sujeito, mas já está inserida no que Lacan, ainda em 1957, chama de modulação significante. Soler discorre sobre *lalangue*, termo original em francês utilizado por Lacan

(1972) "em razão da homofonia com lalação"<sup>18</sup>, definido pelo som que embala o sono das crianças, ainda sem sentido, mas acompanhado de um estado de contentamento, como esclarece em seu artigo. "A lalação é antes canção, melodia, 'água da linguagem', diz Lacan para designar o *continuun* fluido do que foi ouvido, que flui e de onde elementos terminarão por se isolar, sobressair"<sup>19</sup>. Seus efeitos ultrapassam o que é possível apreender.

Podemos encontrar o conceito de gozo na obra de Freud, atrelado à identificação e à repetição, mas foi Lacan quem o trabalhou de forma ampla, inicialmente para designar a ligação com *das Ding*, numa tentativa de ultrapassar os limites do princípio de prazer, descreve Roudinesco. Por enquanto, nos ateremos a este gozo atrelado ao significante, o gozo fálico.

"Gozar é usufruir de um corpo. Gozar é abraçá-lo, é estreitá-lo, é cortá-lo, é picá-lo em pedaços"<sup>20</sup>, diz Lacan. O gozo vai além do prazer e não pode ser significantizável - está fora da ordem do sentido e, por repercutir no corpo, podemos dizer que é "sentido". A barreira colocada na fronteira entre prazer e gozo é a interdição da lei, já representada no desejo do Outro ao ter o gozo interdito pelo corte significante. Lacan destaca a utilização pelo direito do termo *gozo* para falar do imperativo superegóico que relança insistentemente o sujeito para além do princípio de prazer, nos braços da pulsão de morte: "gozar de uma coisa é poder usá-la até o abuso - abuso que o Direito, justamente, tem a ambição de limitar"<sup>21</sup>. A pulsão coloca o gozo em ação através da libido que, assim como o sujeito é dividido por efeito da linguagem, se reparte em imagem e corpo.

Este gozo situado do lado das pulsões, o gozo fálico, é marcado pela falta e orientado pelo falo na sua condição significante da demanda do Outro e que desenha o corpo em bordas anatômicas e em relação ao objeto *a*.

De acordo com Lacan, o gozo fálico por estar atrelado ao significante - responsável por introduzir no ser humano a dimensão sexual - é o que faz barreira ao excesso do gozo. Em 1960, Lacan introduz a noção de Outro gozo; ligado ao *semblante*, está relacionado ao real e não corresponde ao desejo, encontrando-se fora da lógica significante.

O corpo é caracterizado pelo gozo. Goza de si mesmo, numa dialética introduzida pelo nó borromeano - estrutura de enodamento das três instâncias: real, simbólico e imaginário, construída ao redor do furo promovido pela falta estrutural.

Segundo Lacan, o início da dialética entre o sujeito e o Outro começa na experiência especular e é marcado pela angústia, sob o efeito de alienação proporcionado pelo espelho, a partir da imagem. Nesta experiência, há a produção de um duplo identificatório: amparo ou horror; no segundo caso, quando o Outro não aparece. Lacan usa a metáfora do Louva-Deus

fêmea, prestes a devorar o macho após a cópula, quando ao se deparar com os olhos da fêmea, não vê sua imagem refletida, ficando sem saber o que o Outro quer dele. É neste momento, diante do espelho, que se formam todas as distorções relativas ao corpo.

## 2.2 Constituição subjetiva

Em 1908, Freud apontou para a relação entre um complexo nuclear presente nas neuroses e o mito edipiano, incluindo o estudo sobre as fantasias e o lugar ocupado pela criança no romance familiar. Partiu das premissas de que as questões sobre a sexualidade são centrais no desenvolvimento infantil e todas as neuroses são atravessadas por complexos comuns, longe de passar por um conteúdo particular exclusivo.

Das teorias sexuais por ele observadas, a *universalidade do pênis* é tanto a que dará origem ao *complexo de castração*- núcleo do complexo de Édipo - quanto o pressuposto essencial para a construção dos enigmas infantis. Em 1923, Freud retoma essa questão em *A organização genital infantil* e marca o fato de que apenas o genital masculino pode ser considerado, estabelecendo não uma primazia genital, mas uma primazia do *falo*. No início, o menino percebe que há diferenças entre meninos e meninas, mas não a relaciona à genitália. Ele pressupõe, como o pequeno Hans, que tudo (incluindo a mesa, o cavalo...) e todos têm o "faz pipi"; como pensar que alguém pode não ter aquela parte do seu corpo tão interessante e prazerosa? Sua curiosidade o leva além nas investigações e, partindo da premissa da semelhança entre todos os seres, passa a observar outras pessoas a título de comparação e se depara com o fato de que este não é um bem comum a todos. Diante da ausência do pênis nas meninas, recusam e passam a acreditar que ali viram um membro para atenuar o disparate entre a expectativa e o que viram de fato. Nesse momento, a crença que se instala é a de que um dia o pênis irá crescer ou estava presente e foi retirado, em consequência do castigo de castração dado às mulheres sem dignidade pelos impulsos proibidos assim como os seus.

O menino não relaciona de imediato a ausência do pênis ao fato de ser mulher, pois presume que sua mãe o conserva. Diante do enigma da origem dos bebês, descobrem que apenas as mulheres podem gerar e perdem o pênis. Assim, o genital feminino permanece jamais des-coberto. Podemos aqui relacionar o véu que compõe o fetiche, no caso da perversão e o núcleo fantasístico que acompanhará o neurótico.

Freud ressalta que a ideia de que um dano narcísico provocado pela perda corporal existe desde a amamentação. O seio materno é o primeiro objeto - possivelmente antecedido pelo momento do nascimento, como a separação do corpo da mãe -, e logo depois as fezes. Porém, para falar em complexo de castração para relacionar a esta perda, é preciso ela estar relacionada ao genital. A convicção de que as mulheres não possuem pênis pode levar os meninos a depreciar a figura feminina e apresentar disposição à homossexualidade. A impressão produzida pela visão do genital feminino sem pênis está relacionada ao símbolo mitológico do horror, a cabeça da Medusa.

No complexo de Édipo a menina, apaixonada pelo pai, é expulsa do paraíso e o menino deixa de ter a mãe como sua propriedade e percebe que o amor materno está direcionado também a outros objetos. A fase fálica, simultânea ao complexo edípiano, conduzida pelo genital masculino, tem seu desfecho de forma distinta em meninos e meninas. A organização genital fálica, afirma Freud, é impelida ao desfecho pela ameaça de castração. As ameaças feitas pela mãe ou pelas mulheres recebem reforço na autoridade paterna ou masculina - encarnada na figura do médico - que executará o castigo pela manipulação de seu pênis. Mas é a imagem da falta de pênis na menina, um ser tão semelhante a ele, que o faz conceber a possibilidade de perder o seu próprio pênis a partir da ameaça de castração, com efeito a posteriori.

O declínio para os meninos pode se dar a partir de duas posições: colocar-se no lugar do pai para se relacionar com a mãe ou substituir a mãe e se fazer amar pelo pai. Na primeira saída, o pai seria um empecilho e na segunda, a mãe seria supérflua. Admitir a castração feminina impede a saída em qualquer uma dessas posições como satisfações para o complexo de Édipo, levando ao recalque como resultado da destruição do processo. Assim, *o complexo de Édipo sucumbe à ameaça de castração*

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo... Os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o âmago do Super-eu que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As tendências são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos. Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. (FREUD, 1924, p. 208/209)

Não é possível corresponder esse processo ao que ocorre com a menina. Apesar de responder à organização fálica e ao complexo de castração, sua anatomia impõe diferenças à



ordem simbólica. A ausência do pênis levará a hipótese da perda do órgão; deixando o complexo de masculinidade para trás, a menina aceita a castração temida pelos meninos. Freud observa que raramente o complexo de Édipo nas meninas vai além da substituição da mãe e a postura feminina diante do pai.

A essa altura, já está claro para Freud que o primeiro objeto de investimento dos meninos e das meninas é a mãe, mas ele se interroga sobre o movimento da menina em relação ao pai. A percepção de que não terá o pênis causa uma ferida narcísica, a cicatriz do sentimento de inferioridade. A inveja do pênis permanece, podendo resultar no complexo de masculinidade ou deslocar-se como traço de *ciúme* - a fantasia de ciúme em relação a uma rival vai levar à posição masoquista - e a relação com o objeto materno sofrerá certo afrouxamento. A menina atribui à mãe sua falta de pênis.

A renúncia do pênis deve trazer alguma compensação para que seja tolerada. A equação simbólica feita por ela faz equivaler o pênis ao bebê - proporcionado pelo seu pai ao se tornar o objeto amoroso -, redireciona a libido da menina e a mãe se torna alvo de ciúme. Como seu desejo não se realiza, vai sendo abandonado. A ameaça que recai sobre a menina, portanto, é a da ausência do amor.

Na menina o complexo de Édipo é uma formação secundária. Os efeitos do complexo de castração o preenchem e o preparam. No que toca à relação entre complexo de Édipo e complexo de castração, surge um contraste fundamental entre os dois sexos. *Enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração.* Essa contradição é esclarecida se ponderarmos que o complexo de castração sempre age no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade. A diferença, nesse trecho do desenvolvimento sexual do homem e da mulher, é uma consequência compreensível da diversidade anatômica dos genitais e da situação psíquica a ela relacionada; corresponde à diferença entre a castração realizada e aquela apenas ameaçada. (FREUD, 1925, p.297)

A construção freudiana estabelece a dialética entre as funções paterna e materna, porém, muitos psicanalistas pós-freudianos enfatizaram a função materna na constituição subjetiva, o que fazia recair sobre as mães toda a responsabilidade sobre a complexidade e os riscos do desenvolvimento infantil. Foi Lacan o responsável por retomar na teoria de Freud a importância da função paterna, trazendo como ponto essencial a função simbólica oriunda da incidência da Lei.

Lacan (1956-57) apontou como central na teoria analítica a relação do sujeito com o objeto. Se a condição do inconsciente é a linguagem, este só se estrutura em torno do furo oriundo da falta originária do objeto. Vale ressaltar que o autor aponta as três formas da falta do objeto: a primeira delas quando se apresenta como objeto redescoberto; o alucinado sobre

um fundo de realidade angustiante e, por último, o da reciprocidade imaginária, indicando que a identificação com o objeto está sempre na sua relação com o sujeito.

Apesar de o termo sujeito ter sido empregado na obra de Freud, foi Lacan o responsável pela sua conceituação na psicanálise, dentro da lógica significante. Este efeito de linguagem, lugar vazio da escansão entre significantes organizados em cadeia, constitui-se na relação com o Outro: "o sujeito só é sujeito por assujeitamento ao campo do Outro"<sup>22</sup>.

Só é possível entender a constituição do sujeito e o desejo a partir do conflito edípiano, marcado pela inscrição do Nome do Pai na relação mãe - que encarna o Outro primordial - e bebê - marcado pelo desamparo fundamental. A metáfora paterna é o que interdita e faz limite à satisfação pulsional tanto do gozo da mãe, que tem como objeto fálico o bebê, quanto do sujeito que ali irá se constituir, em busca de objetos para a satisfação da pulsão. A função de abertura, como nomeou Leclaire.

Inicialmente, mãe e bebê formam um eixo imaginário, vivido na ordem da sensação; não há sujeito e objeto, mas relação direta e sem hiância, sem indiferenciação entre eles, um estado vivido como fusional. O sentido só é adquirido a partir da entrada no mundo simbólico, onde a ação ganha um representante psíquico. Para falar da relação de reciprocidade entre sujeito e objeto, Lacan introduz na teoria psicanalítica a noção do estágio do espelho que, além de elucidar o fenômeno do desenvolvimento infantil, ilustra o caráter conflituoso da relação dual, pois é a partir desse processo que a criança aprenderá a distância entre as suas tensões internas e a identificação com a imagem construída.

O mito edípico é usado para explicar o que, da ordem do psiquismo, se opera como estrutura.

## 2.2.1 O Complexo de Édipo

### 2.2.1.1 Primeiro tempo: a criança identificada ao objeto de desejo da mãe

*É na soma do seu olhar  
Que eu vou me conhecer inteiro*  
Chico Buarque

Neste momento temos a noção do falo enquanto eixo da dialética subjetiva e que simbolicamente - como objeto do desejo - vem preencher a falta na mãe. Através da equivalência simbólica feita entre bebê e falo, a criança deve encontrar-se em posição de identificação com o falo materno para que seja introduzida no universo simbólico da Lei: "o

sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe"<sup>23</sup>. Neste primeiro tempo, a instância paterna está presente, porém velada.

O bebê recebe a incidência da Lei através da mãe se esta estiver submetida à Lei simbólica. Essa mãe, em sua lúgubre onipotência, atende ao chamado do bebê para a satisfação de suas necessidades apenas por sua 'boa vontade' ou 'má vontade'. A criança está absolutamente assujeitada aos movimentos maternos, que nesse momento encarna um Outro absoluto. Lacan refere-se aqui à criança como um *assujeito*. "Para agradar a mãe... é necessário e suficiente ser o falo. Nessa etapa muitas coisas se detêm e se fixam num certo sentido"<sup>24</sup>.

Temos aqui o *estádio do espelho*, uma estrutura, ressalta Teresinha Costa, onde a criança, ainda em sua imaturidade neurológica, construirá um *eu* por intermédio da sua imagem especular vinda do outro por se alinharem no eixo imaginário.

Segundo Bertrand Ogilvie (1991), o conceito de *estádio do espelho*<sup>25</sup>, enunciado por Lacan em 1936 e retomado em 1949 para falar de um estágio de desenvolvimento infantil, é o ponto chave encontrado por ele para articular um retorno a Freud.

Na gênese deste conceito, aponta Dany-Robert Dufour (1999), achamos algumas fontes que serviram de base a Lacan, tais como: a noção de narcisismo, trabalhado por Freud em 1914; a prematuração do filhote do homem, anunciada pelo neodarwinismo e que serviu de objeto de estudo de Wallon sobre o desenvolvimento da noção do próprio corpo na criança; os efeitos normativos da forma e certa inteligência relacionada à sociabilidade na infância, conforme a Psicologia da Gestalt; a lógica do *Um-dividido*, baseada na dialética do mestre e do escravo e inaugurada por Hegel; o espelho sofiânico de Boehme, interface entre a divindade e o homem onde o desejo sustenta a multiplicação do Um.

Mas foi Maurice Merleau-Ponty que, segundo Roudinesco (2006), primeiro elucidou o conceito lacaniano, referenciando-o ao mito de Narciso para além do trabalho de Freud, que se deteve no componente sexual, de uma libido voltada para o próprio corpo. Para Merleau-Ponty, Lacan integrou outros elementos.

De acordo com Ogilvie, o interesse de Lacan não estava no estágio do espelho em si, enquanto estágio de desenvolvimento, mas na elucidação acerca da função do *eu*. Neste momento, é possível acompanhar a primeira concepção do imaginário e de um sujeito, distinto do *eu*. Em tal operação psíquica de precipitação no registro imaginário através da imagem, o ser humano constitui-se na identificação com seu semelhante.

A experiência especular marca a entrada do filhote do homem na cultura. Compreendida entre os seis e dezoito meses de idade, indica o interesse do bebê em alguma

coisa que está relacionada a si e que vai buscar em uma imagem. Diferente do comportamento dos chimpanzés diante do espelho, que ao tentar pegar a sua imagem sem sucesso logo se desinteressa, a criança é capturada pela imagem de seu corpo, tomada de júbilo. Desta forma, através da identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua imagem, a unidade corporal é antecipada pela criança, passando do *autoerotismo* ao *narcisismo*.

Desde então, Lacan funda sua concepção do estágio do espelho sobre aquela, freudiana, do narcisismo primário. Assim é construída a estrutura narcísica do eu tendo como elemento central a imagem do duplo. Quando o sujeito reconhece o outro, sob a forma de um laço conflituoso, ele alcança a socialização. Quando, ao contrário, regride ao narcisismo primário, perde-se numa imago materna mortífera. Em seu abandono à morte, ele busca então encontrar o objeto materno e se liga a um modo de destruição do outro que tende para a paranoia (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.43).

Partindo da construção teórica lacaniana, Ogilvie aponta para um desejo e dinamismo libidinal às claras, exibidos na superfície reflexiva do espelho ou qualquer outro elemento que funcione como tal, vivido com júbilo pela pequena criança ao devolver a ela o reconhecimento daquilo que fez; a relação consigo é antes uma relação com o outro. Fascinado pelas formas, o sujeito irá se constituir nelas e a partir delas, estabelecendo uma relação do organismo com a sua realidade - *Innenwelt* com *Umwelt* -, elucida Lacan (1949). Isso possibilitará a localização entre o que é e o que não é *eu*, o reconhecimento de si e do mundo.

É através desta primeira imagem que incidirão as pulsões parciais, autoeróticas de um corpo fragmentado, mas que se vê como corpo unificado através da imagem do outro, um duplo especular. O semelhante confere ao *eu*, através dessa imagem, uma unidade corporal no nível imaginário. Através desta lógica, Freud afirma que o *eu* é primordialmente corporal. Essa primeira imagem refere-se ao que ele chama de eu-ideal - a matriz simbólica da constituição do eu, segundo Lacan.

Lacan descreve este estágio como:

drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação- e que fabrica para o sujeito apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica- e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949, p. 100).

Este eu é então imaginário, uma ilusão que confere a si um desconhecimento; uma “identidade alienante”, marcada pelo investimento da libido em si, o *narcisismo*. A imagem é percebida não em si, mas no outro que invade e rivaliza pelo mesmo lugar imaginário em função da falta do recurso simbólico no bebê. O outro, na condição de semelhante, também é objeto de seu amor narcísico: a criança ama a si no outro, a partir de uma relação especular

em que este é o seu reflexo. Neste momento em que ainda não há uma mediação do simbólico, o eu é o outro. Colette Soler (2013) enfatiza este amor pelo igual, o amor narcísico, denominado por Lacan como *hommosexuel* - o "amor pelo mesmo", construído na relação entre o homem e seu semelhante.

Costa ressalta a relação triangular já presente nesse momento: criança-mãe-falo e aponta em Lacan que é na medida em que o falo é o objeto de desejo da mãe que se estabelece a relação da criança com o falo, na equivalência simbólica já levantada por Freud. É na medida em que a mãe se posiciona frente ao significante da falta - o falo - e do sentido no desejo do Outro, introduzido com o aparecimento do pai - "como representante efetivo do lugar onde o falo é dado à mãe enquanto significante do desejo"<sup>26</sup> - que a criança se situará como desejante .

A incompletude está para ambos e a relação que a criança estabelece é com o desejo da mãe e não com sua mãe. Ela quer ocupar um lugar no desejo deste Outro, portanto se constituir como falo materno. Neste momento a dialética situa-se no isolamento da criança no desejo do Outro e seu objeto de desejo é o falo, que situa-se aqui como um objeto metonímico do lado da mãe. Isto significa que ao contar com a cadeia significante pode circular de todas as formas "sendo no significado, aquilo que resulta da existência do significante"<sup>27</sup>, assumindo para o sujeito o papel de objeto universal. Portanto, a dialética não se estabelece a partir do real da anatomia dos sexos, mas do sentido que é adquirido na cadeia significante.

Nesse primeiro tempo do Édipo, encontramos a criança em pleno domínio do ser, como o objeto fálico supostamente desejado pela mãe. Para garantir a presença da mãe, prova de seu amor, a criança busca ilusoriamente tornar-se o objeto que poderia satisfazê-la. Como esse objeto é essencialmente imaginário, resulta que a identificação fálica da criança nesse estágio é estritamente imaginária. É a identificação com um objeto suscetível de preencher a falta do outro (COSTA, 2010, p. 65)

#### 2.2.1.2 Segundo tempo: inauguração da simbolização

O segundo tempo do Édipo está marcado pela inauguração da possibilidade de representação da mãe por um objeto através da simbolização, mecanismo que só é possível através da linguagem. Este movimento permite que a mãe passe do status de objeto primordial a signo, através da palavra. Este processo foi observado por Freud (1920) em um menino de apenas dezoito meses que lançava um carretel, preso pela linha à sua mão e puxava-o novamente; o movimento era acompanhado das vocalizações interpretadas como "fort" ("foi

embora") e "da" ("está aqui"). O jogo de desaparecimento e a reaparição permitia a ausência da mãe sem protestos, indicando sua conquista cultural e renúncia pulsional; a ausência era encenada para o prazeroso reaparecimento.

A linguagem passa a mediar a relação da criança com a mãe, deixando de ser imediata. Neste momento "o pai intervém efetivamente como privador da mãe"<sup>28</sup> e o sujeito (criança) interroga o Outro (encarnado pela mãe), que se direciona a sua própria lei. O que retorna é a lei paterna de forma imaginária, percebida pela criança como privadora da mãe. Nesse momento entra em jogo o pai imaginário, que aparece em rivalidade como objeto fálico. A mãe depende de um objeto que não se resume ao objeto de desejo, mas a uma dialética onde o Outro tem ou não tem.

Ainda segundo Lacan, nesse momento em que a mãe se remete à lei de um Outro porque há uma posse soberana do objeto de seu desejo, é fornecido a "chave" da relação edipiana. O caráter decisivo então, não está ligado à relação com o pai, mas com o significante do pai, a metáfora paterna.

A mediação da relação mãe-criança, marcada pela intervenção de um terceiro, introduz a lei da interdição e impede o uso da criança como objeto de gozo da mãe.

É aí que aparece a instância paterna como metáfora do Pai, isto é, aquilo que no discurso da mãe representa o pai: o Nome-do-Pai, que corresponde ao que no discurso da mãe é evocado, significando para a criança que o Desejo da mãe se encontra em outro lugar e que ela por sua vez também é submetida a uma lei (QUINET, 2006, p.11).

Quinet elucida que esta operação substitui o desejo materno enigmático pelo *Nome-do-Pai*. A metáfora paterna é o significante que vem no lugar de outro significante e faz a mãe ser simbolizada, assim como a incidência da lei. Sua função significante inscreve-se no Outro, que até então era encarnado de forma absoluta pela mãe, inserindo a barra e marcando-lhe a falta. A partir daí a mãe não é mais vista pela criança como onipotente. A lei é instalada para o sujeito no lugar do Outro a partir da inscrição do Nome do Pai. "O Outro se constitui como sujeito no lugar da Lei, o Outro do pacto da fala."<sup>29</sup>

Neste momento da castração simbólica, o lugar da criança como falo da mãe é aniquilado, ou recalçado:

O falo como objeto imaginário do Desejo da Mãe passa para o nível significante do desejo do Outro. Inscreve-se aí a castração no Outro, constituindo-se o inconsciente como barrado ao sujeito. A criança, antes submetida ao absoluto, não barrado, encontra-se, a partir de agora, diante de um Outro barrado pela inscrição da castração no Outro (A), inaugurando-se a cadeia significante do Inconsciente do sujeito, momento que corresponde ao recalque originário... Por intermédio da metáfora paterna, a significação do falo é evocada no imaginário do sujeito... Mas o preço de tornar-se significante é o próprio desaparecimento do falo. O efeito da castração simbólica aparece no imaginário como falta: (-cp) (QUINET, 2006, p. 12).

O falo intervém como falta e a sua significação, operada a partir da metáfora paterna, permite ao sujeito situar-se na partilha dos sexos.

Neste momento há o pressentimento do pai proibidor, mediado pelo discurso da mãe, que anteriormente era captado em estado bruto, sem qualquer intervenção. É onde a fala do pai intervém no discurso da mãe, que é menos velada que no primeiro tempo, mas não chega a ser totalmente revelada, portanto, mediada na mensagem da mãe. Enuncia uma proibição na forma de uma "mensagem sobre a mensagem", como define Lacan e onde se manifesta como Outro. O fluxo deixa de se fechar em torno da criança e permite que ela saia da posição de assujeito. A figura paterna entra como elemento na tríade estabelecida no momento anterior.

Desde o início há uma relação triangular implícita, no momento em que o desejo da mãe se faz presente na relação com o bebê e o que ele deseja não é sua mãe, mas o seu desejo - o ponto de triangulação. Esta relação, que já é simbólica, cita Lacan "permite ao sujeito o fechamento de um primeiro circuito do desejo de desejo"<sup>30</sup>. A proibição paterna, diz ele, funciona como um balizador do desejo do desejo da mãe, resultando no questionamento constante da criança, deixando-a em suspenso. Aqui opera o plano da privação no complexo de Édipo, quando a criança é deslocada de sua posição ideal de satisfação, sua e da mãe. Deixa de ser o objeto metonímico para estabelecer uma terceira relação, onde caberá a identificação com o pai, comportando outra posição que não de objeto de gozo da mãe.

### 2.2.1.3 Terceiro tempo: declínio do complexo de Édipo

Neste momento, temos a simbolização da lei, representada pela função paterna. O pai, que não se configura mais como rival da criança, também aparece como castrado, pois não tem o falo, mas tem alguma coisa com valor de dom. Segundo Lacan (1957-1958), o pai pode dar à mãe porque possui o título de propriedade virtual; a definição dada pelo autor é a de um pai potente - não mais onipotente - e a relação entre ele e a mãe passa para o plano real; o pai é aquele que tem o falo, na condição de suporte da lei. Este momento é o de saída do complexo de Édipo. A relação da mãe com o pai ganha o registro real porque, no sentido genital da palavra, o pai é potente.

Aqui entram em jogo as identificações e a identificação com as insígnias do pai enquanto aquele que tem o dom. É o momento de construção do *Ideal do eu*, permitindo a inscrição da criança no triângulo simbólico.

No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo se sucede à privação ou à castração que incide sobre a mãe, a mãe imaginada, no nível do sujeito, em sua própria posição imaginária, a dela, de dependência. É por intervir como aquele que tem o falo é que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina. (LACAN, 1957- 58 p.201)

Porém, desde Freud sabe-se que o declínio do Édipo ocorre de forma distinta na mulher. Ela não precisa da identificação ao falo nem portá-lo como direito à virilidade; pode identificar-se à mãe como aquela que não tem, pois sabe que é do lado do pai - suposto detentor do falo - que deve ir buscá-lo, fazendo um movimento em relação a ele, constituindo a feminilidade numa dimensão de álibi.

Ainda segundo Lacan (1957-1958), a metáfora paterna institui o que é da ordem do significante e fica reservada para posteriormente desenvolver sua significação. A posição metafórica do pai é dada "na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei"<sup>31</sup>.

### 2.3 Neurose, psicose ou perversão?

*"Roleta russa de loucos, se escapamos foi sempre por pouco"*

Zélia Duncan

Subsumir a transexualidade à psicose parece equivalente ao que foi feito com a homossexualidade em um passado bem recente, quando foi incluída no hall das diferentes perversões. Para isso, faz-se necessário estabelecer algumas considerações acerca dos elementos que constituem as três estruturas. Lacan e outros psicanalistas situaram o transexualismo na psicose entendendo que o pênis é tomado pelo transexual como significado numa operação metonímica e sem o recurso metafórico; a não inscrição do Nome-do-Pai faria retornar no real do corpo o que não operou no simbólico: a castração. Temos acompanhado ao longo dos anos relatos distintos sobre a construção transexual e cada um deles aponta elementos além da mera discussão estrutural.

Lacan situou o desfecho edipiano em torno de três tempos: *frustração, privação e castração*, onde cada um deles corresponde a uma modalidade de falta estrutural como resposta ao desejo do Outro. A psicose, a neurose e a perversão configuram uma escolha, mesmo que forçada, que coloca o sujeito em relação à falta.

Na psicose a foraclusão não deixa vestígios, pois não há inscrição do *Nome-do-Pai*; aqui o simbólico retorna no real, fora da fantasia; uma invasão sem anteparos. Na perversão, o



desmentido provoca concomitantemente uma afirmação e uma negação e o retorno no simbólico vem sob a forma de fetiche. Na neurose atua o mecanismo do recalque e o que escapou ao simbólico conserva-se no inconsciente, retornando na forma do sintoma.

O tempo da *frustração* é caracterizado pela dialética do ser ou não ser o falo, quando a criança se vê diante de um desejo materno - que deve estar presente para que possa fantasisticamente ocupar o lugar de falo. Marco Antonio Coutinho Jorge e Nadiá Paulo Ferreira lembram que a função do desejo da mãe é a transmissão do *Nome-do-Pai* (*Nom du Père*). Metaforicamente desliza do caos ao *Não* (*non du père*), enquanto significante da interdição. A *frustração*, dizem eles ao retomar Lacan, é o momento em que o objeto da necessidade, aqui representado pelo seio, sofre um deslocamento do real para o simbólico, adquirindo valor de dom. Aqui se inicia a equivalência da oferta e recusa do seio ao amor e ao desamor e a satisfação da fome à frustração da satisfação da boca.

A noção de perda da realidade pareceu não ser suficiente para embasar a discussão sobre a psicose e Lacan vai além no Seminário 3: as psicoses. A definição de estrutura trabalhada por ele trouxe à luz central aquilo que é da ordem do significante e sua relação com o sujeito. A posição assumida diante do significante, de conquista ou não do mundo simbólico, resultará, no caso da neurose, em enigma - pelo próprio caráter do significante que nada define em si - e no caso da psicose, em perplexidade. A ausência do Outro na psicose deixa o sujeito nu diante do outro, seu semelhante essencialmente enigmático. Há uma falta essencial do significante na psicose que coloca o sujeito em uma relação especular sem mediação simbólica.

Sem a inscrição simbólica do Nome-do-Pai, o sujeito encontra dificuldade para se posicionar como homem ou mulher, pai ou mãe, pois só se pode ter acesso às oposições se, a partir do complexo de Édipo, se formar uma estrutura simbólica. Diante da forclusão, resta a identificação com a imagem desses lugares simbólicos, podendo passar a vida toda sem desencadear um surto. Mas, basta que seja a um desses lugares que veremos irromper a desestruturação do imaginário e, em seguida, o surgimento do delírio como tentativa de reconstruir o seu mundo.

Como o tema da psicose relacionada ao transexualismo já foi bastante explorado por diversos psicanalistas, traremos de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Na *castração*, a relação com o falo passa a ser imaginária, com a introdução do pai no registro real pela função de proibição que ele exerce; a figura onipotente do agente da castração. Neste momento se estabelece a rivalidade imaginária com o pai que reaparecerá, mais tarde, sob a forma de transgressão, revela Joël Dor. A função paterna antecipa um

universo de gozo do qual a criança nada quer saber por lhe ser interdito; nada quer saber da castração. O perverso situa-se aqui, no ponto de báscula da assuno  castro, seu ponto de base que não lhe permite engajar na economia do desejo. A falta não simbolizvel  operada pela renegao, impossibilitando o perverso de ter acesso  causa do desejo, ou seja, o real da diferença dos sexos porque ele não reconhece algo da ordem de uma falta no Outro.

A lei do desejo do perverso  a lei cega que tenta substituir a lei do pai, ou seja, nunca referida ao desejo do outro, esclarece Dor. Se não há mediao, a lei se fixa e a criança renuncia ao desejo em vez de renunciar ao objeto primordial do desejo por ao da angústia, que a imobiliza num processo de defesa. Para o perverso, a única lei do desejo  a sua e isso nos leva  questão da transgressão como uma das suas saidas. A transgressão, diz o autor,  uma forma de assegurar que a lei esteja l.

Não há meio mais eficaz de se assegurar da existência da lei do que o de se esforçar para transgredir as interdies e as regras que a ela se remetem simbolicamente.  no deslocamento da transgressão das interdies que o perverso encontra a sano, ou seja, o limite referido metonimicamente  interdio do incesto. Quanto mais o perverso desafia, ou mesmo transgride a Lei, mais experimenta a necessidade de se assegurar ter ela, realmente, origem na diferença dos sexos e na referência  interdio do incesto. (DOR, 1991, p. 40)

O fetiche, desde Freud,  o símbolo do pênis, mas não qualquer um. Trata-se daquele que a mulher tem, na medida em que ela não o tem, mas que  preciso que ela tenha em algum momento da dialética do desejo, explicou Lacan.  o pênis enquanto falo, e que se apresenta como ausência para operar no lugar de troca.

Com efeito, tudo o que se pode transmitir na troca simbólica  sempre alguma coisa que  tanto ausência quanto presença. Ele  feito para ter essa espécie de alternância fundamental, que faz com que tendo aparecido num ponto, desapareça, para reaparecer num outro. Em outras palavras, ele circula, deixando atrás de si o signo de sua ausência no ponto de onde vem. Em outras palavras ainda, o falo em questão - nós o reconhecemos desde logo -  um objeto simbólico.

Por um lado, estabelece-se através desse objeto um ciclo estrutural de ameaças imaginárias que limita a direo e o emprego do falo real. Aí está o sentido do complexo de castro, e  nisso que o homem fica preso. Mas existe também um outro uso, que , se podemos diz-lo, oculto pelas fantasias mais ou menos temíveis da relao do homem com os interditos, na medida em que estes incidem sobre o uso do falo:  a funo simbólica do falo. Na medida em que ele está al ou não está al,  que se instaura a difereniao simbólica entre os sexos. (LACAN, 1956- 57, p. 155)

O falo está além em qualquer troca e  na medida em que a mulher o tem no plano simbólico que entra na dialética de ter ou não ter e que a faz entrar na difereniao entre os sexos e seus interditos.  por ser símbolo, que o fetiche deve ser um nada. O véu  o que o materializa em imagem na visada de um mais além enquanto falta;  onde se pinta a ausência. Localizado entre o sujeito e o objeto, faz alusão ao mais além que  o falo na medida em que a

mulher não tem. Assim, a castração na mulher é afirmada e negada. A presença do fetiche é a indicação de que não perdeu o falo, mas pode vir a perder.

No caso da travestilidade, o sujeito não se situa antes do véu, do lado do sujeito, mas atrás do véu, do lado do objeto marcado pela falta. Não se trata mais do véu como uma tela projetora, mas uma égide protetora da criança identificada à mãe desprovida do pênis. O uso das roupas femininas vem como tentativa de fazer alusão a uma falta, ocultando o que se tem para que se faça causa de amor.

No seminário seguinte, Lacan retoma a discussão sobre as travestis e retifica: "creio ser mais correto dizer que é propriamente com o falo que ela se identifica, como escondido sob as roupas da mãe"<sup>32</sup>.

Tudo isso que eu tenho... eu já falei que não respondia a minha mãe, né?! Tudo isso que eu tenho, esse amor, essa coisa, foi minha mãe que me deu porque minha mãe nunca teve vergonha de eu ser Rogéria. E o resto da família? O resto da família eu olhava assim, com meu olhar de Betty Davis... Que foi?! Que o fato de ser gay não quer dizer que eu não seja um homem, macho. Então eu os enfrentava sim, não quero confiança comigo!... Eu já tinha uma personalidade muito marcante porque eu não apanhava dos garotos, eu batia neles, eu brincava de futebol, enfim, brincava de Cleópatra aos oito anos, de Jane, Tarzan. Tive uma vida ótima. Eu só detestava bonecas, brincar de comidinha ou como atriz dizer que estava grávida. Achava ridículo, eu odeio boneca. Mas eu chegava e gostava de uns carinhos aos oito, nove anos. Não eram eles, mas era eu que já era uma mocinha, uma menininha... Mamãe tem razão, ela me deu uma quantidade enorme de hormônio. Ela dizia que eu era gay porque ela havia me dado hormônio demais. Amor de mãe! (Rogéria, travesti, entrevistada no documentário De Gravata e Unha Vermelha)

Para a travesti, seu gozo está atrelado à sedução do parceiro para que descubra que ali, embaixo da roupa, há um pênis cuja ereção é desejada; a travesti homenageia o falo, ressalta Czermak. A vestimenta, neste caso, é uma pele dupla, com prazer próprio; eles jogam com a falta de concordância entre as roupas e o que são. A roupa da travesti tem como finalidade proteger a identificação à mãe; o objeto deve ser guardado sob o tecido como uma surpresa a ser revelada.

Três travestis/ Traçam perfis na praça./ Lápis e giz/ Boca e nariz, fumaça./ Lótus e liz/ Drops de aniz, cachaça/ Péssima atriz/ Chão, salto e triz, trapaça (Três travestis/ Caetano Veloso)

Para ser considerado transexual pela ciência, o desejo expresso de mudar a genitália deve estar presente e, não sem razão, isso leva à ideia de que há uma verdadeira transexual. E para a psicanálise? Não podemos tomar a definição da ciência como verdade porque a única com a qual lidamos é: não há relação sexual possível. Tendo feito esta ressalva, estamos alertados para não cair na esparrela científica das verdades universais. Para a psicanálise não cabe "a verdadeira transexual" e nomear-se enquanto tal fará parte de um enredo singular. Há sujeitos queixando-se do desalinho entre corpo e imagem revestido de "ser homem" ou "ser

mulher", seja pela impossibilidade da assunção dos lugares simbólicos ou de uma cristalização imaginária relativa a uma identificação.

O transexual reivindica um lugar; parece demandar ao outro o reconhecimento enquanto homem ou mulher e recorre à ciência e ao direito para legitimar seu enunciado a partir da adequação corporal e do registro civil, como se o olhar do outro pudesse reiterá-lo. De que ordem se trata este apelo transexual uma vez que não há sexo oposto nem relação sexual formulável?

Já falamos um pouco sobre o discurso da histérica no capítulo anterior, mas há pontos essenciais que ainda devem ser levantados. Dor insiste na dialética do ser ao ter para trabalhar os traços estruturais da neurose histérica. Privado do falo, o histérico só pode direcionar seu desejo àquele que supõe tê-lo, afinal ninguém mais poderia responder ao enigma sobre seu sexo. Assim se revela o lugar privilegiado que o outro ocupa nas identificações; aceitar o fato de não ter o falo provoca uma identificação com aquele que também não tem, mas o deseja junto àquele que supõe tê-lo, destaca o autor que segue explicando: "os processos identificatórios atestam o mais das vezes a alienação subjetiva do histérico em sua relação com o desejo do outro"<sup>33</sup>. Há um excesso do imaginário que favorece tanto as identificações quanto o campo da sugestão. Isso mantém o histérico distante de seu próprio desejo, próximo de seu gozo. Lembremos Freud ao afirmar que o desejo da histérica deve permanecer insatisfeito.

Na neurose histérica o sujeito busca a identificação com o objeto ideal do desejo do Outro e a encenação nada mais é que estar à mercê do Outro em sua identificação fálica, encarnando o objeto ideal que fascina o Outro;

a sedução é sempre fundamentalmente colocada a serviço do falo, mais do que é colocada a serviço do desejo. Em outros termos, trata-se mais de fortalecer a identificação imaginária do falo do que desejar o outro. Apesar e contra tudo, é preciso fazer desejar o outro, fazer-lhe desejar este objeto fascinante que se dá a ver como o objeto que poderia preencher sua falta. (DOR, 1991, p. 73)

Além de Mell, a entrevistada citada anteriormente que declara menstruar (mesmo que seja psicologicamente), temos o relato de Letícia Lanz<sup>12</sup>. Descreve-se como uma mulher transexual; uma mulher de pênis que teve sua imagem de mulher roubada ao longo da vida. Sabia desde os quatro anos que, apesar do seu corpo de homem, era uma mulher. Não tem vontade de mudar seu nome de registro nem seus genitais, alegando serem fonte de prazer assim como seus seios. Para ela, o papel da cirurgia é de enquadramento no modelo de

---

<sup>12</sup> Transexual, entrevistada no documentário "De gravata e unha vermelha".

classificação biológica, que designa o sexo a partir da genitália. Apesar de se enunciar mulher e da aparência feminina, afirma suas identidades de pai e avô. Sua transição seguiu-se a dois fatos: a descoberta de que seu pai, uma figura que amava muito, tinha uma família paralela ao casamento e um infarto, em que quase perdeu a vida. Percebeu então que não fazia mais sentido manter em sigilo sua identidade feminina.

#### 2.4 Angústia: o afeto real

Os estudos de Freud sobre neurologia e o interesse pelas bases fisiológicas das doenças psíquicas levou a uma descoberta clínica que relacionava o acúmulo de tensão sexual que escapava sob a forma de angústia, o que inicialmente foi considerado por ele como um processo exclusivamente físico. Em 1920, ele inseriu uma nota de rodapé à quarta edição dos *Três ensaios sobre a sexualidade* indicando a libido - órgão da pulsão para Lacan - como origem da angústia neurótica. Esta consideração sobre a teoria trouxe uma indicação valiosa, pois mesmo que a angústia não seja de origem biológica, ela é sentida no corpo; a angústia, neste sentido, é corporal.

A angústia é um termo tradicional na filosofia, evidenciado desde a época de Platão. Segundo Sônia Leite (2011), a ausência de sentido e representação na "Alegoria da caverna" pode ser considerada como uma das primeiras referências indiretas à angústia.

A autora continua seu percurso pela filosofia e chega a Heidegger, destacando que a angústia não é diante de algo específico, mas do fato de estar *diante*. Esta definição traz consigo a ideia de indeterminação e estranhamento, marcado por uma absoluta indiferença. "O que caracteriza, segundo Heidegger, o referente da angústia é o fato de o ameaçador não se encontrar em lugar algum. *Lugar algum* não é um mero nada negativo, mas um sempre presente que, de tão próximo, sufoca a respiração" <sup>34</sup>.

Outra característica apontada pelo filósofo é a falta de nexo de qualquer palavra que surja na tentativa de irromper o silêncio do encontro com a falta, a presença do nada.

O desamparo é condição humana; situação que se inaugura no nascimento - para Lacan, o protótipo para angústia real marcado pela primeira respiração - e se repete inúmeras vezes ao longo da vida, como o desmame e a renúncia do falo. A partir da entrada na linguagem e da interdição do gozo da mãe, através da incidência da Lei, o sujeito é levado a constituir uma equação simbólica no qual o objeto primeiro de satisfação da pulsão constitui-

se como impossível. Quando o bebê chora de fome pela primeira vez, junto à experiência de saciedade de sua necessidade instintual há outra da ordem do amparo, trazido por todo o movimento da matriz materna durante a amamentação. Portanto, o segundo choro da fome já não é mais como o primeiro, solicita toda a vivência anterior que nunca mais se repetirá. O bebê não quer mais saciar um instinto, pois aqui já se coloca uma demanda. A necessidade revestida pela linguagem é transformada em demanda, deixando cair o resto: o objeto *a*. Ao interdito da lei, temos o sujeito que responde com o desejo, articulável à demanda. Resta ao sujeito "uma errância interminável na busca de objetos substitutos"<sup>35</sup>, na tentativa inútil de recuperar o objeto perdido.

O objeto do prazer é da ordem do impossível e a satisfação sempre parcial. Segundo a autora, na perspectiva freudiana, tolerar e suportar a perda implica na capacidade de suportar a falta do objeto, vivenciando a angústia que, para Freud (1925) é angústia de castração, o encontro com a falta instaurada pelas perdas que se impõem desde o nascimento até chegar ao falo enquanto organizador psíquico de uma equação simbólica.

Ao longo da construção de sua teoria, fez algumas modificações importantes a respeito da neurose de angústia, que são discutidos em "Inibição, sintoma e angústia" (1925): angústia como libido transformada, angústia como sinal, angústia diante situações de perigo e a virada em sua teoria que foi elevar a angústia à dignidade de causa do recalque e dos destinos pulsionais. Em 1933, diz que a angústia neurótica - também observada na histeria ou outras neuroses mais severas, acompanhando sintomas, ataques ou surgindo de forma duradoura - pode se desdobrar em reação de fuga ou defesa ou a situação traumática prevaleceria, esgotando qualquer possibilidade de reação, ficando o estado afetivo paralisado e inadequado ao presente.

Freud, neste último momento em que dedica uma conferência ao tema da angústia, mantém em primeiro plano a ideia de que sua função é sinalizadora do perigo, sendo anterior à repressão e produzida e sentida no Eu. Se o complexo de castração está para meninos e meninas, apenas para os meninos permanece a angústia de castração, pois para as meninas seu herdeiro é a angústia da perda do amor.

É em resposta ao "*Che vuoi?*" que o sujeito se constituirá como tal, marcando seu lugar como desejante, orientado pelo desejo do Outro, pois é este que lhe dará a indicação - na condição de faltante - do objeto que poderia, mesmo que ilusoriamente, preencher o vazio deixado pela falta.

Lacan (1962-1963) refere-se à angústia como afeto impossível de ser significantizado; fica à deriva, deslocado, pois "o que é recalcado são os significantes que o amarram"<sup>36</sup>. Neste

sentido, o autor esclarece que o sujeito surge na hiância entre S1 e S2, sendo S1 o significante mestre, que funda o inconsciente e organiza a cadeia significante e S2 o saber inconsciente, a verdade relativa à satisfação pulsional, indicada pelo desejo. Todos os outros significantes em cadeia deslizam na tentativa do sujeito nomear aquilo que lhe marca como sujeito barrado e escapa à linguagem. Para Lacan, a angústia está amarrada ao objeto.

A função paterna instaura a via simbólica pela qual se estabelecerá a falta e a significação fálica. Considerando que o desejo - equivalente à falta - é sempre desejo do Outro, a ameaça do objeto *a* aparecer no lugar que deveria estar vazio provoca a angústia. O objeto *a* é o vazio que causa o desejo sujeito, causa o desejo movido pela falta, o  $-\phi$  da castração. O matema  $-\phi$ , usado para designar uma subtração de gozo, é "a parte da libido que não entra no imaginário; a castração imaginária"<sup>37</sup>. Ao se fazer, no eixo imaginário, de objeto fálico da satisfação materna pela via da identificação, a criança vivencia o horror. Diante da iminência de ser devorado e da completude do Outro -que deve portar seu enigma - seu próprio desejo está ameaçado, tal qual a possibilidade de haver sujeito.

Referindo-se à obra de Lacan, Colete Soler ressalta o percurso feito por ele sobre este afeto. No seminário sobre o tema, situa a angústia entre o simbólico e o imaginário ao fazer referência ao desejo do Outro, porém em *RSI* Lacan enfatiza sua relação com imaginário, situando a angústia como "índice de *a* no imaginário"<sup>38</sup>. Na relação especular o imaginário é o registro que inclui as significações vindas do Outro, citado por Lacan como sendo "um certo assujeitamento do imaginário à cadeia do Outro"<sup>39</sup>. Assim, Lacan conclui, a partir do pressuposto de que o sujeito não se vê se não for pelo Outro, sobre o objeto *a* como não tendo imagem, ou seja, sem a possibilidade de ser especularizado. Retirando o objeto do campo do fenômeno, o autor explica a relação entre a imagem percebida do campo do Outro e o objeto *a* enquanto a parcela não especularizável, dizendo que a imagem é um envelope para o objeto; ela dissimula, encobre o objeto, sendo ele vestido pela imagem. Ele utiliza o vaso para falar do vazio envelopado, mas que pode ser preenchido uma vez que tem um buraco.

Na veste deste objeto que não tem imagem, há uma ligação com o sujeito. O sujeito não tem imagem. Tem um corpo, que tem uma imagem, mas ele, como sujeito, não tem mais imagem que o Outro, ele é um desconhecido... no entanto, desde que se veste, aflora em sua imagem, na medida em que as atenções - pode ser, também, a falta de atenção - colocadas sobre a imagem, a tudo o que se presentifica no mundo, não deixam de indicar algo do sujeito, de sua relação ao Outro e, portanto, de sua relação ao *a*, objeto... Digamos que o sujeito fala com sua imagem já sujeito, o objeto não tem imagem (SOLER, 2012 p.34)

François Ansermet (2015) questiona a certeza transexual para falar do enigma clínico que se estabelece em relação à escolha. A recusa da anatomia parte da certeza absoluta, inquestionável, de não pertencer ao sexo marcado em seu corpo. Não parece haver

estranhamento, questionamento e o que assume um estatuto enigmático na clínica é, paradoxalmente, sem enigma para esses sujeitos. O autor questiona: teria essa certeza a função de tampão contra a angústia?

A clínica dos intersexuados, ou seja, daqueles marcados pela ambiguidade genital, traz exatamente a marca da dúvida, de uma diferença não localizável a partir da anatomia. A diferença, ressalta Ansermet, é lógica, estrutural, a partir da oposição significante, onde cada um se posiciona de modo singular, jogando a seu modo com sua incerteza. Diante da impossibilidade de localizar a diferença dos sexos, o transexual cristaliza na certeza e o intersexual joga com sua incerteza. A escolha, lembra ele, implica a dúvida.

A possibilidade de situar-se de forma flutuante entre os gêneros nos faz retornar à questão da angústia. O psicanalista francês cita um caso em que a angústia comparece de forma clara e pode acrescentar mais elementos para pensar sobre a certeza transexual como um tamponamento. Nesse caso, um menino de oito anos havia ganhado de presente de Natal de seus pais uma viagem para um país distante, onde poderia, durante um mês, assumir uma identidade de menina. A tamanha aceitação dos pais o angustiava, dizia ele ao analista.

Uma situação como essa suscita então alguns questionamentos. A lei, que deveria fazer supor uma diferença, não opera como limite e o que "deveria ser assim" pode ser negociado, arbitrário, fazendo esvanecer o não e as bordas que garantem uma relação. O jogo com o relativismo, questiona Ansermet, poderia ser um jogo do desejo com a lei, em que a lei do desejo toma o lugar da diferença dos sexos?

Uma escolha supõe ao menos uma diferença, aquela caracterizada como perda de gozo. Se não mais se fizer necessário "ser menina" ou "ser menino", uma diferença imposta pelo real da anatomia e que suscita uma inscrição simbólica para que se estabeleça qualquer relação entre o sujeito e seus objetos, o sujeito fica à deriva do gozo desenfreado do Outro, sem limite, sem marca, aniquilador. Se a inscrição da lei é o que permite o acesso ao gozo, a falta dela ou a fluidez de seus limites indicam a impossibilidade do desejo. Diante da falta da falta, ou seja, da exigência de um posicionamento porque "tudo é possível", resta ao sujeito transexual a certeza de seu sexo como saída para aplacar a angústia. A certeza sem ponderações garante uma ancoragem.

Vemos surgir a ampliação da discussão sobre a possibilidade de intervenções cada vez mais precoces, alcançando crianças e adolescentes tidas como transexuais. No Brasil, já se discute no Conselho Federal de Medicina a possibilidade da redução da idade para ingressar no processo transexualizador. Dessa forma, ocorreria a suspensão do processo da puberdade que pode ser vivido com horror pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários que



evidenciam as insígnias corpóreas desenvolvidas pelos hormônios específicos predominantes de cada sexo, tornando evidente aos olhos o corpo feminino ou masculino. Em um de seus depoimentos, João W. Nery, um homem transexual, relatou que via o crescimento das mamas como intrusas e chamava sua menstruação de "monstruação". Na época em que fez a primeira cirurgia para tentar tirar as mamas, esse tipo de intervenção era considerado crime e o médico deixou algum volume. Insatisfeito com o resultado, chegou a fazer exercícios físicos durante o período pós-operatório na tentativa de arrebentar os pontos e deformar o que lhe havia restado.

Ana Costa lembra que o ideal do eu faz a produção do eu ideal através do espelho plano, que mantém o enigma de onde o sujeito é olhado. Nesse sentido, há o comparecimento do duplo no jogo de imagens, antes do espelho plano, deixando de ser uma projeção; ele está ali. Aparece no campo do real, como excesso, alucinação, uma imagem que invade e não é alhures. No espelho há algo da ordem das identificações que não é especularizável e que a imagem vela, mas na angústia a ausência surge como presença. Na adolescência, o duplo é uma constante e o estranhamento do corpo não é integrado em imagem; é uma época em que o espelho quebra-se, impondo uma falta de continuidade. Sendo assim, o corpo aparece como excesso. A unidade precisa ser refeita para que as bordas possam ser reestabelecidas.

Nesse sentido, Ansermet se remete criticamente ao discurso científico que afirma que uma criança não precisa mais ser refém de seu corpo. Se a anatomia não mais é um destino, diz ele, este é a escolha de um sujeito, feita ainda na puberdade.

E eis um pré-adolescente ou uma pré-adolescente na suspensão de uma identidade artificialmente mantida em uma etapa pré-púbere, à espera do que se realizará depois, por uma nova atribuição de identidade, modelando seu corpo em função da posição do sujeito, ajustando da melhor forma possível sua aparência ao seu projeto... Cada um se vira com aquilo que é e com aquilo que quer ser. Entretanto, como clínico, quando uma criança ou um adolescente se instala em tal projeto, não podemos deixar de nos perguntarmos sobre aquilo que não entendemos disso que os precipita a tal solução, se não foi possível escutar a angústia que vem recobrir esse projeto e a certeza que o acompanha. (ANSERMET, 2015, p. 30 e 34)

Se trocar de sexo é uma ilusão, a liberdade também é. A realidade impõe duas formas corporais: macho e fêmea, mesmo que a partir da psicanálise saibamos que há apenas um sexo (no início somos todos meninos), com duas formas distintas de manifestação - a presença e a ausência, que indica uma presença. Fato anatômico posto, masculino e feminino também estão colocados na cultura; a língua apresenta variações que fazem flexionar pronomes e adjetivos a concordar com substantivos. Como então pretender um gênero neutro? Nos Estados Unidos da América é crescente a quantidade de pais adeptos à criação de seus filhos

com gênero neutro, ou seja, fica a critério das crianças decidir o gênero que irão assumir sem qualquer orientação ou direcionamento por parte dos pais.

Tivemos acesso a uma reportagem<sup>13</sup> exibida em 2015 que entrevistou uma família composta pelo casal parental e um casal de filhos. A decisão dos pais de criá-los na lógica do gênero neutro surgiu depois que o menino, aos três anos e meio de idade, disse que queria vestir roupa rosa, vestido, mas não queria ser chamado de menina. Sua mãe, depois de ler em diferentes livros sobre a dificuldade vivida por uma criança com disforia de gênero, decidiu que criaria seus filhos com todas as possibilidades de gênero, ou seja, não seria ela a responsável por dizer se é "menino" ou "menina"; cada um deles dirá por si quando a escolha acontecer. Na época da reportagem, o menino, já com oito anos, disse que era em sua maioria menino, mas também menina. Disse que seu corpo lhe disse isso e ele simplesmente aceitou. Relatou também ter problemas de temperamento e usa um mordedor (usado por bebês na época do nascimento dos primeiros dentinhos) pendurado no pescoço e usa quando fica muito ansioso. Os pais dizem que deram a liberdade para que fossem quem quisessem ser, ou seja, pura angústia.

## 2.5 Constituição subjetiva e a in-corporação significativa: estudo de casos

### 2.5.1 Caso 1

Há pouco mais de seis meses em entrevistas, Hugo é um homem transexual que veio procurar ajuda para aliviar-se do que diz ser crise de ansiedade.

"Sou um bosta!" Assim se define Hugo desde a primeira entrevista. Segundo sua narrativa, todos os homens da família ao atingir a idade que tem hoje já são "alguma coisa na vida". Tem 23 anos, está terminando o ensino fundamental e não consegue permanecer por muito tempo nos empregos. No último, trabalhou na função de estoquista de uma loja de sapatos e foi demitido, segundo ele porque "não era um homem de verdade" - frase que disse ter escutado da gerente da loja dias antes de ser demitido. Neste caso, ser um homem de verdade era ter a força física que um homem deveria ter.

---

<sup>13</sup> Reportagem exibida no programa Fantástico em 25 de outubro de 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/10/familia-cria-filhos-sem-genero-definido-nos-estados-unidos.html>. Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

Ao longo das sessões vai desemaranhando sua trama familiar e, de nó em nó, vai se deparando com o enredo que lhe trouxe ao mundo. Ele, Hugo, nasceu Gabriela. Enquanto sua mãe o gestava, acreditava que seria um menino, como assim revelavam os exames de ultrassonografia. Já no final da gestação ela teve um pico hiperglicêmico, perdeu a consciência e o parto cesáreo teve que ser feito. Todos esperavam um menino, mas nasceu uma menina. A mãe permaneceu em coma por alguns dias e o pai, perplexo diante da situação, não conseguiu nomear a filha, tendo que recorrer à cunhada para a tarefa. Todos aguardavam a chegada de Hugo; a mãe havia escolhido esse nome, que o próprio define como sendo pequeno e forte como ele. O enxoval de menino, o nome de menino, um quarto de menino... "meu primeiro vestido só ganhei aos oito meses de idade e minha mãe guarda até hoje".

Há cinco anos namora outro homem transexual e diz: "Sou exatamente o contrário do que a minha família esperava que eu fosse. Esperavam que eu fosse uma menina heterossexual e sou um homem gay". A identidade de homem trans surgiu há pouco tempo, mais ou menos três anos. Nesse período traiu seu atual namorado com uma menina e isso lhe deixou bastante confuso em relação a sua própria identidade. Relata que seu atual relacionamento chegou a ser abusivo, assim como o relacionamento de seus pais. Aos cinco anos, descobriu que seu pai tinha uma amante e a partir daí localiza o ódio que sente por ele.

Hugo tem uma aparência andrógina, mamas aparentes e iniciou a terapia hormonal há pouquíssimo tempo. Apesar do processo de transição que inclui o nome, mantém sua identidade feminina pelos arredores do bairro onde mora. Para a mãe fala sobre sua identidade masculina e insiste em ser respeitado enquanto tal, mas diante do pai mantém o uso de pequenos brincos e o cabelo não muito curto. Alega que o pai é agressivo e quando há alguma desavença, cala-se e se automutila, ao ponto de chegar a sangrar as mãos devido aos socos que dá contra a parede. Hugo relata em uma das sessões a semelhança física com o pai, principalmente das mãos.

A relação com o pai é mediada pelo dinheiro e pelas obrigações que ele lhe impõe. Diz que quer livrar-se disso, ser independente, não precisar de seu pai para nada. Apesar de dizer que quer sair de casa, morar sozinho, em uma das sessões deixa escapar: "Quero ter meu dinheiro para poder fechar a porta de casa e dizer para a minha mãe que agora somos só eu e ela". É com o dinheiro do pai que compra a testosterona clandestinamente.

A pulsão integra a linguagem marcando o corpo que, por sua vez, demanda leitura. É descrita por Lacan como um saber sobre o qual não há conhecimento, inscrito em um discurso, de tal forma que

o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia (LACAN, 1966, p.818)

Há um primeiro dito, que pode ser um detalhe corporal, caído do campo do Outro em sua lúgubre onipotência que professa como oráculo. Tomado como insígnia, um significante apenas - o *traço unário* - incide sobre a marca invisível no sujeito, paradoxalmente alienando-o na forma de ideal do eu e marcando seu lugar de sujeito a vir, singularizando o que é da ordem do gozo. Tal marca, segundo Geneviève Morel, pode estruturar parcialmente um sintoma, sustentar um ideal, motivar um comportamento ou ainda acreditar em uma semelhança mimética.

Para Ana Costa, o traço unário é marcado primeiro como tatuagem; comemora o encontro com o desejo do Outro e libidinizava o corpo, inicialmente numa relação com os orifícios corporais; é algo que diz do gozo, mas não está no desdobramento significativo. Desta forma, estabelece-se uma busca de sentido para o *non sens*. Este é encontrado posteriormente, ao lado dessa marca heterogênea, sem sentido, no corpo.

Retomando a experiência do espelho, o furo provocado pelo desencontro da cadência heterogênea entre tempo e espaço é velado pela imagem. No momento em que saber e tempo se desarticulam, a imagem do corpo vacila. Se a condição de antecipação for perdida, surge a angústia. A ausência de intervalos eliminam os limites e o sujeito, ejetado da lógica do tempo perde as bordas do corpo, sofrendo uma crise no espaço. Se o corpo aparece como excesso, a via de trabalho vai em direção à possibilidade de instaurar uma escansão, certo vazio, gerando espaço para antecipação. Isso é exatamente o que a medicina tampona.

Os pais de Hugo esperavam um menino e assim, o enredo construído para a sua chegada continha todo o universo culturalmente masculino: nome, enxoval, expectativas. Em certo tom de reivindicação fala do seu primeiro vestido, ou seja, até os oito meses seu lugar de menina foi marcado apenas pelo nome que nem seu pai nem sua mãe lhe concederam. O Um como marca erógena desse corpo que lhe garante um lugar no conjunto dos seres falantes vai funcionar como uma bússola meio desnordeada, que apesar de salvar-lhe da loucura, possivelmente indica um caminho errante e cheio de trilhas mal marcadas em direção ao "ser menina" ou "ser menino".

Marcel Czermak (2006) destaca que o nome próprio não é em si um referente, mas a partir de onde pode haver referência; é um ponto de ancoragem. No caso de Hugo, não houve uma recusa ao nome - o que acontece com muitos transexuais. O que o pai não lhe concedeu ao seu nascimento - porque ficou sem saber o que fazer diante de uma menina - não foi a impossibilidade de ser representado na ordem da linguagem, mas seu valor; o lugar vazio nomeado ainda no ventre é aquele que hoje o faz engajar na operação significante.

Capturou o que supôs ser a demanda do outro: "ser uma menina heterossexual" e devolve supostamente de forma invertida: "sou um menino gay". Mas, ele não deveria ser um menino mesmo? Seus pais tiveram que se confrontar com a realidade inesperada de seu lugar de menina, que simbolicamente parece ter ficado à deriva, com sulcos de marcas ambíguas que permanecem até hoje.

Ajuda sua mãe no trabalho em um pequeno comércio e em casa, com as tarefas domésticas. Todos os homens da família, na sua idade, são "alguém na vida". Mas ele não, é um bosta. Bosta, substantivo feminino que remete a resto; o resto de significação ao qual se agarrou. O órgão visualizado na ultrassonografia agora aparece na forma do celular que coloca sob a cueca para fazer volume ou a órtese peniana que chegou a ser vista pela mãe porque foi "esquecida" sobre a pia do banheiro. Além desses elementos trazidos para a análise, insiste em perguntar à analista: "Você acha que já mudei alguma coisa? Percebe que minha voz engrossou?".

Curiosamente, antes de começar a modificar seu corpo, entrou com o processo judicial para retificação do prenome e sexo no registro civil; uma tentativa de reinscrição simbólica como localizador de gozo. Atualmente, não há nenhuma legislação brasileira específica para tratar das solicitações de retificação de prenome e sexo no registro civil. Esses casos são julgados com o atravessamento do valor de juízo dos juristas, que podem entender necessário que todas as adequações corporais sejam feitas para a retificação das informações nos documentos oficiais de identificação civil. No caso da transição FtM, há ainda um agravante se comparado aos casos de transexuais MtF, pois a cirurgia de construção de um neofalo não é autorizada pelo Conselho Federal de Medicina, nem em caráter experimental.

A função imaginária da constituição corporal marca o seu início e tem função determinante. A percepção da imagem proporciona a construção do corpo como uma unidade, permitindo a apropriação de uma imagem total e a construção do Eu.

A imagem corporal construída por Hugo passou do masculino ao feminino à medida que sua mãe também pôde lidar com a gestação de um menino e o nascimento de uma menina. A canalização do gozo pelos furos proporciona certa consistência pela construção do

eu, mas é marcada também pela inconsistência resultante da invasão do imaginário pelo real, fazendo surgir a angústia.

Lembremos a função do espelho na constituição subjetiva; nesse momento é imprescindível que o bebê seja um equivalente simbólico do falo materno para que seja garantido seu lugar de investimento. Aqui a aposta libidinal é primordial para que a vida se estabeleça. Hugo estava assujeitado ao desejo materno de ser o menino, mas teve que se constituir menina junto com o desejo dos pais. Aqui o desejo dos pais também esteve em jogo.

A identidade alienante em que se desconhece parece estar marcada pela imagem paterna. O narcisismo, característico do eixo imaginário, confere a rivalidade e o amor ao igual, através do corpo, da forma e da imagem do outro “O sujeito encontra a imagem de seu eu no outro, objeto de identificação, agressão e paixão amorosa”<sup>40</sup>. A bipolaridade do eu que surge no estádio do espelho é a repercussão da polaridade da pulsão no imaginário, que será usada como base pulsional para a construção dos pares imaginários.

Ser homem é ser parecido com seu odiado - portanto amado - pai. As mãos, a semelhança física porque ambos são pequenos e fortes, o relacionamento abusivo que estabelece com suas parcerias. Mas também é resto, pois diferente de seu pai, está desprovido do falo que tenta incessantemente se fazer presente ao olhar das mulheres. Não sabe ser menina, é a nostalgia do seu primeiro vestido guardado pela mãe, um devir ainda disforme como uma bosta, um resto do que seus pais diziam que ele seria; não consegue ser menino - é apenas a sombra do objeto. Sem lugar para localizar a angústia, em que não basta fazer as mãos - parecidas com as de seu pai - sangrarem, quer explodir, arrancar sua pele, diz ele. Há algo da ordem do gozo que parece ter ficado difuso e agora clama por bordas que façam continente.

A hipótese freudiana da *universalidade do pênis* foi vivida por Hugo de uma forma quase concreta. De fato ele teve um pênis, mesmo que apenas em imagens intrauterinas. Simbolicamente o que se operou não foi apenas o lugar de partida de todas as meninas, mas de um menino que realmente foi cerceado do falo pela mãe no momento do nascimento. O acesso ao falo só é possível simbolicamente e por procuração, mas Hugo ainda está preso ao pênis enquanto significado exibindo-o à mãe ou fazendo com que homens e mulheres imaginem que ele o tem. Em uma das sessões diz que o volume que faz na cueca é para que ninguém na rua tenha dúvidas de que é um menino, principalmente se alguém resolver botar a mão.

Em *O estranho* (1919), Freud trabalhou de forma extensa o domínio da estranheza relacionado à angústia e ao horror, com um núcleo inquietante contido no que é sentido como angustiante. Falar da relação com o semelhante não é senão uma relação especular em que a angústia e o horror comparecem mediante o domínio do *estranho* (1919). Se para *heimlich* admite-se significado ambíguo, é *unheimlich* - em sua condição de retorno do recalcado, ou seja, ligado ao complexo de castração - que desponta como angustiante; por definição: o que deveria permanecer oculto, mas apareceu. Hugo é um estranho, tal qual Gabriela.

O duplo constitui uma identificação baseada no equívoco numa troca do Eu com o Eu do outro pela via da duplicação, permutação ou divisão, afirma o autor. Se inicialmente o duplo pode ser a garantia de construção e permanência do Eu, em fase posterior passa a "inquietante mensageiro da morte". Recentemente, Hugo começou timidamente a falar da vontade de pôr fim à própria vida.

### 2.5.2 Caso 2

Este caso foi publicado e discutido por alguns psicanalistas, incluindo Éric Laurent, no livro "Cuerpos que buscan escrituras". Trata-se de um adolescente de dezesseis anos, que estava em entrevistas preliminares por aproximadamente um ano. Segue a transcrição do caso com os apontamentos feitos pela analista, Mariana Santoni.

Desde a primeira entrevista, Damián referia escutar vozes há algum tempo e diariamente, ordenando que desse informações sobre si. Enquanto falava com a analista o interrompiam, e ele dizia: "não posso fazer ouvidos surdos, me dizem 'estás sob meu controle'". A hipótese da analista era a de que ia à consulta no momento em que as vozes mudaram de signo, no ponto em que irromperam como intrusivas, rompendo com seu ajuste anterior. Além disso, sentia que não tinha privacidade: "Eu antes falava por dentro de mim, e havia privacidade, depois não, por isso venho. Comecei a escutar uma conversa, como se minhas amigas perguntassem coisas com o pensamento; nada falava e eu contestava. Você que sabe coisas da mente, isso é assim? Você o que faria? Estou louco?". A analista ressaltou, dizendo que ali a questão não era fazer juízos, sobre estar louco ou não. Tratava-se de explorar seu mundo, o conteúdo das vozes, o significado disso para ele e especialmente em que o afetavam.

Na entrevista seguinte levou um escrito sobre o conteúdo das vozes e deixou com ela. Lá escreveu: "Eu estava em uma festa e falavam comigo, me perguntavam por Damián, me pediram para que lhes contasse quando me vesti de mulher. Eu lhes dizia que não havia feito isso, e me diziam que se não havia feito deveria parar em um pé e dizer não com a cabeça. Perguntei quem era, o que queria. Respondeu-me: 'divertir-me' Quer me irritar, me diz: 'qual é a sua fraqueza?'" Ao ser questionado sobre isso, disse: "Uma vez me vesti de mulher, para sair com uma amiga, tinha catorze anos. Há uma confusão, gosto de homens. Desde o segundo ano primário gostava de um menino; não disse a ele porque sentia vergonha... Para mim não é normal, se sou homem deveria gostar de mulher... é que fui criado assim, entre mulheres, com irmãs mulheres. Se digo a minha mãe que não existe Damián, se há um Damián se confundiram de nome. Damián é de homem, portanto não existe". Explica que o problema não é seu nome, mas ele mesmo. Chorando, diz: "Sinto que não sou desse mundo, não sou da natureza. Deus fez um homem ou uma mulher, não fez um terceiro sexo".

Sempre se sentiu uma menina, aos quatro anos queria usar argolas. Achava que se falasse sobre as vozes poderiam ir embora. Sente dor e quando começa a falar disso tem vontade de tirar tudo. Acha que foi trocado, o cérebro, a alma; questiona se foi tomado por um espírito. Teve um episódio de confusão em sua vida, ao qual atribui a alteração de sua sexualidade. Aos seis anos foi molestado por um menino de treze anos. Mariana Santoni, a analista, descreve que assim situa uma primeira forma de causalidade. Forma a seguinte ideia delirante, "me trocaram, um espírito entrou em mim". Estas ideias não aparecem regularmente.

Não quer gastar dinheiro nem ser travesti, mas acha que é isso que poderá ser: "Quero remediar as coisas para me sentir nesse mundo. Eu gostaria de ser mulher, poder ter um bebê na minha barriga. Sinto-me único, não encaixo na sociedade, me fazem sentir que estou enganando". Por outro lado, dá outro estatuto às vozes: "Nos conectamos mentalmente, com meu noivo. Como se eu o escutasse falar, é telepatia; para mim não é um problema poder me escutar. É como se você lesse meus pensamentos, gostaria que nada escapasse do meu pensamento. Como se fosse uma espiã. Como se eu estivesse dentro de você e visse como se estivesse saindo. A você o que parece? Você o que diz?"

A analista lhe diz que não pode saber seus pensamentos e nem estar dentro dele. Parece aliviar-se ao falar disso: "Me dá medo não ter minha própria privacidade. Eu sinto como se não fosse minha mente apenas, sei que é você, é sua voz que diz 'Bom, conta-me'. Quando estou aqui escuto sua voz e você não move os lábios. Você pode saber mais de mim do que conto com a minha boca. Tudo está formado por minha própria mente?". Mariana



responde que não sabe; só poderia saber de algo se ele contasse, pois não tem essa capacidade de conectar-se com os pensamentos, é ele quem deve explicar.

Enunciou seu saber a respeito das vozes, considerando que se esclarecesse o tema de sua sexualidade, as vozes desapareceriam. Começou então a falar sobre sua sexualidade e a analista localizou a identidade sexual como sintoma: "Eu não quero mais ser Damián, gostaria de ser uma mulher. Eu queria dizer se pode me analisar, eu necessito de ajuda com essa troca. Que alguém diga se o ventre de minha mãe se equivocou. Que você me analise e me diga se sou homem ou mulher. Tenho visto casos na televisão. N., que tanto a estudaram e se deram conta de que não era uma mentirosa, que era uma mulher presa num corpo de homem. O estado lhe pagou a operação de sexo. Era um erro. Sou uma mulher porque me sinto uma mulher, mas não é o mesmo que um profissional me diga, o corpo é um homem, mas minha mente é de mulher. Sinto-me uma mulher desde pequenina, brincava com bonecas, pegava as roupas de minha irmã. Antes minha mãe não podia me aceitar. Eu vou lhe dar netos, penso em alugar um ventre e por meu material genético. Eu não gostaria de fecundar, nunca tocaria uma mulher. Você sabe fazer análise disso? Porque eu sou uma delas, me sinto uma mulher. Meu corpo, sem meu membro, tirá-lo, trabalhar para juntar dinheiro, aos 18 teria minha maioridade e começaria a ser Celina. Me dá medo porque Deus quer um homem e uma mulher, não um terceiro sexo. Mas tenho a certeza de que quero ser uma mulher e nada vai me impedir. Me sinto uma mulher, mas o que tenho entre as pernas não corrobora, por isso vamos reformá-lo todo para que corrobore. Sou uma mulher presa em um corpo de homem.

Interroga-se a respeito de sua certeza de que sua cabeça é de mulher. "Sempre me pergunto por que não fui uma mulher. Aos cinco anos eu gostava dos bebês. Meu pai é tão machista que me via brincar com as bonecas e me dizia que eram monstros. Eu sinto que você me fala e acaba de me dizer: estamos todos bem."

Volta a localizar a analista no lugar da voz, uma voz pacificadora. Ao longo deste primeiro tempo vai realizando um trabalho com as vozes. No plano transferencial localizou a analista como dupla, dirigindo-lhe interrogações a respeito dessas vozes: "É assim?", "Estou louco?". Traz em um escrito o que as vozes lhes dizem e deixa para a analista, constituindo uma cessão do objeto voz. Se a transferência está em um ponto vacilante, o lugar que ocupa o analista em suas vozes tem o estatuto pacificador. Esta vez realiza um trabalho de diferenciação dos estatutos das vozes. Distinguem as vozes intrusivas que o molestam, se enganam, e as vozes que o permitiram certa regulação do gozo, as que chama telepatia. Logo depois deste período de diferenciação, não volta a incluir a analista em suas vozes.

Tem medo de se operar, e diz que Deus o mandou assim. Reclama da falta de privacidade em sua cabeça: "Sinto como hipnotismo, como se entrassem em você ou te tirassem do seu corpo, como se houvesse um ser mais denso que nós que pudesse nos atravessar. Fazem isso para incomodar, tem gente que sabe manipular para conseguir informação, com um olhar te atinge como um laser, que passa por dentro. Existe isso? Acontece com você? Me causam dor nos olhos. Veja, pinte as unhas, se me olham as mãos são de senhorita. Se me operar nunca vou ser uma mulher porque sinto que Deus não me fez assim".

Segue dizendo que continuará com sua postura, parecendo uma mulher. Gostaria que tudo surgisse de si, pouco a pouco, de dentro, da sua personalidade e não no corpo. Fala que está entre a espada e a parede; se problema é Deus ter-lhe feito um homem, mas não quer ser porque não tem virilidade, diz ele.

Em outra ocasião volta a dizer que Deus lhe fez homem e explica o seguinte: "Porque tenho o membro masculino. Sou uma mulher presa em um corpo de homem, o meu ser por dentro é uma mulher, gosto de bater papo com as amigas, fazer depilação, e não de homem, que é grosseiro. Desde os nove anos recuso meu sexo, mas sempre fico pressionado por Deus, eu não entendo Deus, porque me fez homem se realmente quero ser mulher. Fiz amigas em outro bairro, elas me chamam Celina. Na minha casa não, meu pai não aceita o tema da minha sexualidade, dizia que eu lhe dava asco. Aprendi que não tenho que contar a ele, é como se levasse todo tempo um peso nas costas. Me sinto mortificado por ser homem, que sou as duas coisas, mulher por dentro, mas por fora sou homem". Sabe que é mulher por dentro porque sente; sempre que está com suas amigas pensam de forma igual, daí deduz que seu pensamento é de mulher.

Em uma sessão segue dizendo que quer trocar seu nome pelo de Celina no documento de identidade. É uma tentativa de inscrição no simbólico. O que significa para ele trocar o nome, questiona a analista. "Que está se tornando realidade um passo que pensei que nunca chegaria a dar. Volto a dar partida de nascimento novo, voltei a nascer. Eu queria que minha mãe me pusesse esse nome, penso que estou impondo a ela ao trocar o que ela me deu. Meu pai retrocede, eu sou a dor do meu pai, me diz: 'Você tem que ser o que quiser quando eu não estiver, mas enquanto eu estiver terá que me respeitar': Que me vista de homem! Para mim uma mulher completa é a que pode dar vida, gostaria de guardar meu esperma para ter um filho que saísse do meu ser. Meu pai não tem muitos parentes com o seu sobrenome. Me diz: 'Você tem que seguir o sobrenome?'. Eu poria o material genético em uma mulher para poder dar meu sobrenome e não sentir esse peso do meu pai na minha cabeça, assim o calo. Eu

sempre fui 'seu machinho', único filho varão, o único que vai deixar descendência. Eu o estou desafiando, desautorizando-o, mandando sozinho em mim. Tento fazer os desejos do meu pai, mas eu quero ser mulher ele que se dane. "Desde os cinco anos foi uma tortura, sempre me senti uma mulher, as mulheres são todas competitivas, mas eu não sou."

Afirma não ser competitiva e explica: "Sou transexual, isso é enfrentar a realidade e sentir-me mulher, cômoda com o meu corpo. Eu não compito com uma mulher. Eu tenho uma mulher presa e não a encontro nesse corpo, por ter isso, pênis; estou presa em outro corpo, e não tenho dúvidas que vou me operar."

A analista pede para que fale sobre essa troca se pudesse se fazer na personalidade, e lhe propõe que falem dessa mulher, de como seria. Se entusiasma com a proposta e afirma que "é educada, sincera, não sabe mentir, é muito inocente, não pode causar dano a nada. Submissa, calada, boa, doce". Na entrevista seguinte refere estar escrevendo um diário íntimo, a partir do que foi falado na vez anterior. "Outro dia pensei, tenho que deixar as coisas claras, eu me sinto mulher, sinto, estou sensível, sou mulher. Acaba de me ocorrer que me sinto mal porque meu pai é que me deixa para baixo, eu não posso me odiar. O ódio é do meu pai, porque ele quer um homem. Eu não sou homossexual, me defino como transexual, como uma mulher, não travestido, que tem seu membro e quer usar. Eu não quero o meu membro, não o olho, faço xixi sentada, o rechaço."

Mariana identifica nesse momento um segundo período de caráter aparentemente estabilizador, caracterizado por uma diminuição da produção alucinatória e um avanço do empuxo à mulher. Já não inclui a analista em suas vozes, fala muito pouco delas, e em seu lugar privilegia o tema de ser mulher. A partir da fantasia de trocar o nome na identidade e de sua produção escrita, o risco da passagem ao ato da via cirúrgica parece diminuir.

Damián segue dizendo que já não escuta as vozes. Depila-se com cera; foi Celina foi quem o impulsionou a troca. Exclama: "ou me aceitam ou me aceitam... Me animo mais a ficar rebelde. Me diziam para não pintar as unhas, que não usasse calças apertadas, e igualmente me pinte, comprei minhas maquiagens. Eu sei bem o que sou, uma mulher, e minha meta é me melhorar um pouco a cada dia, melhorar-me, ser mais mulher. É necessário críticas para construir-se melhor, roupa..."

Quer construir melhor sua personalidade através de suas ações e da forma como se dirige ao outro: "Avançando, não ficarei mais por baixo. Eu saía de casa linda e ao escutar comentários prejudiciais...já não caio por dentro, já não é um ataque. Não ser tão grosseira ao falar, ou tão retorcida ao me sentar; estou sendo mais suave ao falar, ao tratar uma pessoa. Me sinto acompanhada pelo meu noivo, sinto que já não estou enfrentando as coisas sozinha.

Ficando em sua casa, tenho que limpar, fazer a comida. Eu era muito nervosa, de entender todo o mau, atacada, como se estivessem me insultando, muito na defensiva. Tenho me animado a provar coisas novas. Hoje pintei as unhas de verde, quando sempre pintava de negro. Era um pouco reprimida. Esse ponto já não me afeta. E a forma de me dirigir, ser mais educada, eu era boca suja. Ser mais reservada em minhas coisas, poder estar mais sozinha".

A analista ressalta que antes sempre necessitava de uma amiga para falar. Agora passava a ser suficiente saber suas coisas e poder guardá-las. Ao ser questionada sobre o diário íntimo, responde: "Eu e minha mãe tivemos uma discussão, me expulsou de casa, o diário ficou em minha casa. Lembro-me do que havia escrito; era mais que um diário, uma forma de projetar-me dia a dia, de me ver um pouquinho mais avançada, melhor, que qualidades queria ter. Era projetar-me e descrever-me a mim mesma".

Neste último período, conclui a analista, já não escutava vozes nem fazia referência à cirurgia. Neste sentido, a partir do percurso de análise, segundo ela, houve um deslocamento pelo momento de volta assintótica da via da passagem ao ato no real (cirurgia), e localizou o ser mulher como "cada dia melhorar-me um pouco mais".

A discussão desse caso é delicada, controversa e aponta para a difícil tarefa do diagnóstico estrutural na clínica. Ricardo Seldes, um dos comentadores do caso, indica a imprecisão no desencadeamento do que supõe ser uma psicose e considera o episódio ocorrido aos seis anos como o corte que marca um antes e um depois, pela impossibilidade de frear o gozo do Outro, encarnado em um menino de treze anos, considerando a invasão do espírito que lhe tomou como um delírio. Tal experiência de gozo, segundo Seldes, o exigiria a confrontar com o vazio da significação fálica, tornando evidente a produção de uma fuga de sentido na experiência sempre enigmática de gozo. Em sua leitura, ser mulher é uma certeza. Para o comentador, a questão se encontra no ponto de junção do real com o simbólico, onde se articulariam gozo e linguagem. Segundo ele, para Damián seu pênis não é o significante, é o significado do significante fálico e o problema estaria justamente na demonstração de seu rechaço fálico. Nesse sentido, a cirurgia de emasculação viria não como uma tentativa de acesso ao gozo do Outro sexo, mas a verdade de seu ser.

Já Éric Laurent escuta com estranheza o desencadeamento brutal das vozes e certa continuidade no relato de Damián em relação a sua imagem, corpo, certeza, comentários e também as vozes. Diferente de Seldes, considera estranhas as deformações do espaço topológico (quatro anos, seis anos, nove anos, treze anos), onde as escansões temporais são seguidas por "sempre fui assim". Chama de *nuvem de fenômenos* o que comparece no relato do paciente, uns elementares e outros não, acompanhando Damián ao longo de sua vida, sem

qualquer momento disruptivo. O comentador ressalta o estatuto das vozes na teoria de Lacan e resumida por Jacques Allain Miller; a voz alucinatória é o que não pode ser subjetivado em uma enunciação da cadeia significante. Retoma o texto freudiano sobre as neuroses de defesa (1896) em que a voz escutada pela moça "És uma puta" é atribuída por Freud ao fato dela não poder assumir uma relação amorosa com determinado rapaz. O desaparecimento das vozes, no caso descrito, não pode ser atribuído apenas à eficácia da risperidona. Laurent destaca que as vozes não desaparecem, mas sofrem uma transformação a partir do momento em que entram no campo transferencial, onde analista, segundo ele assume o lugar correspondente a de suposto saber, que é o de suposto ler seus pensamentos. O trabalho da analista, sob seu ponto de vista, permitiu que Damián se reintroduzisse "em sua enunciação, em seu projeto, em sua paixão, que já não é mais completamente exterior"<sup>41</sup>.

Contemporâneo ao Seminário 19, Laurent esteve em uma apresentação clínica feita por Lacan. Era um transexual com porte bastante másculo, dois metros de altura, que tinha a ideia de querer transformar-se em mulher. Sua apresentação era discrepante: o corpo de boxeador, uma saia curta, brincos e uma riqueza de detalhes que levavam ao mais além da imagem, como descreveu.

Lacan fala com ele, lhe pergunta de onde vem e lhe diz: "Mas você quer cortar seu pênis? Mas o pênis, afinal de contas... não poderia considerar com um pouco de imaginação como um clitóris um pouco grande?". Lacan, com uma seriedade impecável e mantendo uma conversa muito excepcional. O tipo respondeu que poderia considerar, mas..., a coisa entre as pernas era algo que lhe dava certo desgosto, mas de qualquer maneira pensaria a indicação do grande doutor Lacan, levaria em conta. Nesse momento digo que Lacan exagerava a dimensão da sugestão, porque sugestionar um transexual decidido que tinha cinquenta anos e considerar que podia fazer pensar outra coisa me pareceu demasiado. Sem dúvida, se alguém toma o ponto de vista desta citação, "o erro comum que não vê que o significante é o gozo", então, se o significante é o gozo, querer ser mulher e todo o aparato significante de descrição de si mesmo enquanto mulher forma parte de seu gozo. (LAURENT, 2014, p.64)

Laurent segue comentando o caso de Damián, dizendo que

Toda essa descrição de como será Celina é um aparato de gozo. Se cortasse o pênis poderia manter-se nesse nível, o de um significado, com imaginação poderia fazer significar outra coisa. Não se trata do pênis real, é o pênis significado e o real fica do lado do aparato de gozo que há. Teria que acompanhar o desenvolvimento deste sujeito, se não há algo que precisa ser visto com ele e que não está do lado - agora graças a essa releitura - da sugestão, mas do lado de um tratamento do aparato significante como aparato de gozar (LAURENT, 2014, p.64)

Os dois casos evidenciam a necessidade de trazer para o primeiro plano o lugar do corpo ao se tratar da transexualidade. A questão diagnóstica não pode, nem deve passar ao largo, mas as falas que surgem, tanto na clínica quanto nos depoimentos que se multiplicam nos meios de comunicação, tratam da incidência de gozo, ou seja, do aparato linguageiro que

cada sujeito vai articular para usufruir de sua massa pulsante revestida de imagem, articulada pela palavra.

No caso de Hugo, não há dúvidas de que se trata de uma neurose histérica. Sua questão gira em torno do saber sobre seu sexo; circula entre o "ser menina" e o "ser menino", com sua aparência andrógina; diante do pai, comporta-se como Dora; diante da mãe, que lhe privou do falo desde o nascimento, exibe-se como o que pode ocupar o lugar de objeto causa do desejo do Outro. Mas, se ele é um menino gay, como se descreve, seu objeto amoroso continua sendo o mesmo da menina na saída do Édipo: o pai. Porém, diante do pai, não lhe restou nem o falo nem seu amor.

No caso de Damián, a hipótese diagnóstica não fica clara. Sabemos que a presença dos fenômenos elementares não pode direcionar a construção do diagnóstico, pois podem estar presentes em uma neurose grave. Nesse sentido, Catherine Millot interroga os caminhos pelos quais podemos suspeitar de uma psicose ou de uma neurose:

Do ponto de vista psicanalítico, a presença ou a ausência de sintomas situados ao nível da psicose através de uma classificação psiquiátrica não deveria ser decisiva. Uma definição estrutural da psicose relega ao segundo plano o aspecto sintomático. Em outras palavras, a ausência de um sintoma psicótico não exclui necessariamente a existência de uma estrutura psicótica. Por outro lado, a presença de um dado sintoma não fornece, em si, indicação estrutural. A indecisão quanto ao próprio sexo, por exemplo, ou à homossexualidade, são situáveis como formações imaginárias, e correspondem, nessa medida, a efeitos derivados de posições estruturais diversas. Nenhum sintoma assinala, em si, uma estrutura. O sentimento de ser mulher num corpo de homem (ou o inverso) pode assumir um sentido muito diferente conforme o contexto. Igualmente, a demanda - que é em si mesma um sintoma - de mudar de sexo, pode emanar igualmente de uma hipocondríaca (esse tipo de caso é conhecido) que alegaria uma posição transexual para se fazer amputar os seios, pois teme que eles possam um dia contrair câncer, assim como de uma histérica, que se propõe ao desejo de potência daquele que se oferece para operá-la. A histérica e o cirurgião muitas vezes constituem um par. (MILLOT, 1992, p. 23/24).

Sheldes aposta numa psicose, mas podemos levantar algumas questões que podem sustentar outra posição. A crença de ser uma mulher não parece o que poderíamos considerar uma certeza psicótica. Damián se sentia uma menina já aos quatro anos; gostava de brincar de bonecas e "coisas de meninas", mas fala de um terceiro sexo. Acredita que pelo fato de ser homem deveria gostar de mulheres, mas gosta de meninos desde pequeno. Diz que o máximo a que poderia ser é um travesti e o que tem no meio das pernas não corrobora para o fato de se sentir uma mulher; queria sentir-se confortável com seu próprio corpo. Quem de nós também já não experimentou tal desconforto? Essa sequência fala de uma cristalização imaginária de um determinado lugar, do que comporta o fato de "ser homem" ou "ser mulher" ou da exigência de uma harmonia, como descreve Marco Antonio Coutinho Jorge. O fato de se dizer sem virilidade poderia indicar uma psicose, a impossibilidade de assumir um lugar

simbólico pela falta da inscrição do *Nome do pai*, mas isso também pode ser colocado em dúvida porque em um determinado momento de seu relato diz que está desafiando seu pai, desautorizando-o. Que sujeito, fora da inscrição fálica, poderia desafiar o outro com o qual rivaliza se também não fosse portador dessa marca?

Enfim, a clínica da transexualidade tem se mostrado muito complexa e ampla. Os elementos que a compõem nos convoca a uma revisão criteriosa da teoria sem perder de vista a possibilidade de novos horizontes e novas articulações.

### 2.5.3 Caso 3

Este caso foi apresentado por Marcel Czermak e Louis Sciara nas Jornadas de estudo da *Association freudienne internationale* sobre "A representação".

Czermak, que já havia se dedicado anteriormente aos estudos sobre a transexualidade, viu-se fisgado pelos sujeitos que se diziam mulheres, mas que com certa frequência não apresentavam demanda cirúrgica. Na literatura deparou-se com a fala recorrente dessas transexuais que ser mulher é mais belo. Ou seja, uma referência ao último véu antes da castração. Diante de um mundo sem furo, o autor ressalta o ideal político contemporâneo, marcado pela falta da falta.

Denominada por Czermak de transexualismo pacificado, Sr. P., como é chamado, apresentava uma fabulação delirante rica, com caráter articulado e organizado, que fazia suplência e permitia a instauração de um laço social cotidiano. Não havia qualquer exigência de retificação corporal. Era a primeira vez que ia a um serviço de psiquiatria; havia sido encaminhado depois de ir ao hospital geral por causa de distúrbios somáticos.

Segundo Sciara, sua psicose provavelmente foi desencadeada aos vinte anos de idade, quando desejou uma mulher. Foi considerado por ela um homem incompleto porque não conseguiu realizar um ato sexual. O analista supôs que nesse momento, na impossibilidade de assumir um lugar simbólico de homem, restou ao Sr. P. ser a mulher que falta a todos os homens.

Ele foi examinado por Charles Melman e do artigo destacamos alguns trechos que permitem acompanhar a discussão feita por Czermak a partir da amarração borromeana dos registros: real, simbólico e imaginário.

"Na apresentação em Henri - Rousselle, Charles Melman lhe pergunta seu nome. O Sr. P. responde: "Bem, eu tenho um oficial e tenho dois outros... No meu bairro, me chamam de Madame Amanda e na D.P. me chamam de Cécelle, meu nome oficial é Marcel, mas eu não gosto muito dele. E meu pai, que era uma 'eminência parda', bem, quando eu nasci em 1929 em Port Royal... bem, meu pai, que era uma 'eminência parda', queria que me operassem porque eu não era um menino, eu era uma menina. Sim, Professor, e hoje em dia, meu doutor particular... me disse: 'em um mês ou dois você não terá mais pipi' e há dois dias meu pipi entra no ventre, não tenho mais que dois centímetros de pele, então eu faço pipi por trás porque eu fui operado há vinte e um anos em Londres, porque meu marido é arquimiliardário. Ele é conde e eu sou condessa. Tenho um filhinho que fez dezesseis anos em quinze de março deste ano. Então eu peguei a *Luftwaffe*, o equivalente da *Air France* na França, e aí, é uma companhia alemã". Um pouco depois: "O Professor P. do hospital fez todos os exames e tudo e me disse: em toda a minha vida de estudante, de médico, de professor, nunca vi um ser como você. Ele me disse que eu era hermanociclo, sim. E eu lhe digo, como eu fui operado há vinte e um anos antes de meu casamento".

Charles Melman lhe pede para precisar a natureza da intervenção: "Bem, quer dizer que, no interior, eu tenho todo o aparelho de uma mulher, e isso me acontecia mais frequentemente, bem, eu fazia pipi por trás porque no interior eu tenho todo o aparelho feminino com meu ânus. Mas eu lhe digo, ahn?... Eu nunca fui um ser como todo mundo".

Robusto e mais para gorducho, o Sr. P. usa calça de pijama, robe, um gorro de lã pontudo (que ele mesmo tricou), brincos e alguns anéis. Um pouco de seios. Voz neutra e gestual mais para maneiroso e equívoco. Equivocidade acentuada por falas em que a equivalência dos nomes (Marcel, Cécelle, Amanda) deixa no ar algumas dúvidas nos presentes quanto a sua verdadeira identidade sexual: ele? ela?, induzindo oscilações naqueles que o ouvem."

Há, na descrição, uma insistência em dizer-se mulher. Chegam a cogitar a possibilidade de hermafroditismo, mas as únicas alterações encontradas no corpo são a presença de apenas um testículo e ginecomastia. Constata-se que não há ambiguidade sexual.

"Referindo-se o tempo todo a seus atributos femininos, exhibe o tempo todo seus representantes d'"A mulher", aquela que é toda, em todos os registros (menina, amante mulher, prostituta, mãe de família etc.), chegando mesmo a querer exhibir as cicatrizes imaginárias da "operação", bem como das cesarianas sofridas. Mas, apesar de toda essa "imponência" feminina, uma certa estética do vestir, pouco preocupado com seu figurino pouco elegante, lhe importa pouco, também, estar mal barbeado, usar um gorro pontudo ou



coleccionar bonés. Ele é mulher. Os traços ou insígnias de virilidade não o perturbam. A caricatura disso nos é dada em uma entrevista com Marcel Czermak, no hospital.

Ele o despe e constata que "os elementos" estão bem no lugar. "Você é aparelhado como um homem". Sr. P.: "Bem, sim, mas de qualquer maneira eu sou uma mulher". M. Cz.: "Você não ignora que é aparelhado como um homem". Sr. P.: "Sim, mas isso não me incomoda de jeito nenhum". M. Cz.: "Você tem uma imaginação de mulher". Sr. P.: "Não, não é uma imaginação, é a verdade". Ele é, portanto, mulher; sem hesitação.

E, com relação à beleza, dizendo-se condessa, teremos oportunidade de apreciar sua vida faustosa de castelo, à maneira de clichês caricaturais. Um outro aspecto, ao qual seremos sensíveis na escuta do caso, chama a atenção: uma inclinação a deslizar para a morte, para um aniquilamento em que ele se encarna como dejetos. Verdadeira mulher, ele pôs no mundo dois gêmeos. E conta, cruamente, que esquartejou os fetos, picou-os e jogou na privada. Ou ainda, evocando seu nascimento como um sacrifício da mãe ou do filho: "Então, sacrificou-se o bebê". "Sim?". "E mamãe eu cuidei dela até sua morte."...

O Sr. P. provoca um verdadeiro duelo escópico e verbal com Charles Melman. Sr. P.: "Por que é que o sr. pisca os olhos o tempo todo?". Ch. M.: "É o meu olhar que o fascina?". Sr. P.: "Eu nunca baixei os olhos, nem diante da Gestapo". Ch. M.: "Veja, você não suporta o meu olhar". O desafio é proporcional ao risco, a saber, um real brutal de despedaçamento do corpo. O olhar do Outro se reduz, de um lado, a um mal olhado real, algo persecutório, representante persecutório do Outro real e, de outro lado, lhe serve de apoio e de sustentação, o conforta, lhe dá uma certa imponência. Daí seu olhar atento, sensível ao menor detalhe, que recorta, diseca. O olhar do Outro poderia contestar seu "ser mulher" ao mesmo tempo que o preserva de graves manifestações ansiosas de despedaçamento...

Preservemos apenas que ele é condessa, casado com Helmut<sup>14</sup> (*elle mute*), que vive na Alemanha e o visita a cada noite. Ricos proprietários de fábricas, de um castelo. Seu pai, "eminência parda" de carreira, tinha bens. O Sr. P. trabalha para a Polícia Judiciária e a contraespionagem. Vestido de mulher, ele seduz os motoristas de táxi muito paqueradores. Ator de teatro e de cinema, ele posa também "toda nua" para escultores e pintores "na casa" de sua patroa Vera. Além de Helmut, seus amantes, entre os quais Herman, o tomam, o fazem gozar em noites nas quais uma voluptuosidade intensa toma conta dele.

---

<sup>14</sup> *Elle mute* ("Ela muda") faz homofonia com a pronúncia francesa do nome alemão *Helmut*.

Sem crítica, nem preocupação com verossimilhanças, ele também não tem idade, está fora do tempo. "Que idade você tem?". "Hoje é meu aniversário...". Todos os dias é seu aniversário.

Seu irmão mais velho acrescentou algumas informações às declarações do Sr. P.: tendo vivido com sua mãe até sua morte, ele vive sozinho há treze anos. Marcel era o preferido entre os irmãos e o mais novo. O Sr. P. relatou, aliás, seu devotamento absoluto a sua mãe, gravemente doente com diabetes. Uma proximidade, uma intimidade, pelo menos estranha, já que ele cuidava do corpo de sua mãe chegando a limpar sua "xoxota" (*sic*). O irmão confirma que ele foi mesmo carteiro e depois funcionário dos Correios. Seus pais se separaram quando era pequeno e a mãe voltou a casar-se, com um homem violento e alcoólatra.

Esse irmão mais velho, Lucien, informa que o Sr. P. nunca foi afeminado e que eles se perturbaram, depois da morte de sua mãe, quando o Sr. P. lhes disse que era "uma bicha". Lucien ainda informa que, na infância, não era Marcel, mas ele, Lucien, que era vestido como mulher. Enfim, o Sr. P., embora muito isolado, ao que parece, é muito bem aceito em seu bairro. Os comerciantes o chamam de "Madame Amanda". Ele usa uma peruca e ocasionalmente se pinta."

Na alça do imaginário, explica Sciara, vemos A Mulher completa, sob diferentes formas, aquela que falta aos homens. Alienada sob o significante da Mulher, Madame Amanda pode se fazer ocupar por qualquer uma dessas figuras sem ser nenhuma delas; o invólucro vazio. Só é possível a verdadeira mulher, a verdadeira esposa, que tricota, detesta homossexuais e se diz casado. Tem filhos e conhece o gozo porque tem o feminino em seu interior, ressalta o analista.

Magnificando a imagem da "mulher", ele não se declara homossexual, nem travesti, tão somente mulher. Mulher de exceção, que faz brilhar todas as facetas femininas, com sua vida de castelo, típica das revistas especializadas, num remendo imaginário flagrante. E, no entanto, seu imaginário constitui seu real, já que ele abole qualquer acontecimento factual, como já indicamos. Aqui, no nó de trevo psicótico, o imaginário consiste com real e faz suplência à castração simbólica, fora do campo. (SCIARA, 2005, p. 132)

A alça do simbólico, por sua vez, apresenta uma sequência metonímica de significantes. Uma proliferação de nomes sem significação. O UM se instala na falta da dialética e o que vemos surgir, destaca Sciara, é um desfiar incessante dos Nomes do Pai, sem qualquer ponto de basta. Dentre eles, seu próprio nome: Marcel (nome oficial) / Marcelle (nome na escola) / Cécelle (na D.P.). Em todo o deslize metonímico o que se faz ouvir "*c'est elle*" (é ela).

A terceira alça é a do real avassalador que despedaça; que retalhou os fetos e os jogou na privada.

É o representante "mulher" que sustenta esse corpo despedaçado e lhe permite, não obstante e contra tudo, aceder a um modo de vida pacificado. Esse significante puro, "mulher", tenta fazer sutura ali onde a montagem borromeana fracassou. Ele tenta manter juntas as três rodelas do nó." (SCIARA, 2006, p. 134)

A discussão central para Czermak gira em torno de sua fórmula: "*o real é sem representação, mesmo que tenha representantes*". A mulher que Sr. P representa revela uma perspectiva, chamada pelos autores de mono-orifical em uma articulação com os respectivos representantes da Mulher em seu envelope delirante. A impossibilidade de uma representação adequada faz com que Sr. P. se converta nela pela via das formulações relativas ao seu corpo, uma anatomia enigmática sem ordenação do significante fálico. Czermak fala de uma esfericização progressiva desse corpo, como "um prato raso".

Cada um desses casos foi trabalhado a partir de determinada perspectiva. Uma não exclui a outra, mas vale ressaltar que é possível estabelecer diferentes construções.

### 3 HOMEM E MULHER: "FEITOS UM PARA O OUTRO"?

Figura 2 - *amantes* (1973)



Fonte: Isáias Nougués

#### 3.1 O Transexualismo na psicanálise

Como disse Ana Petros (2013), os caminhos para a satisfação pulsional são difíceis; diante da sexualidade nos encontramos em encruzilhadas, o que se enuncia entre o natural e o impossível, o órgão e o vazio, entre a certeza científica e o entredito do inconsciente, pois há sempre algo da dúvida, do equívoco, da suspensão, destaca ela.

Lembra que Freud, ao destacar a bissexualidade, ressaltou que a identificação do sujeito a um sexo sobre dois é secundária e, para além de um ser biológico há o ser falante, que só pode ser sexuado porque fala. A diferença se coloca de cara, entre o que se fala e o que se queria falar; há algo que sempre escapa. O sujeito só se funda pela diferença.

Tudo que diz respeito ao sexo e à sexualidade está marcado pela estranheza e diferença, mas a possibilidade de subverter a classificação que mantinha certa ordem social aparentemente estável tem inquietado diversos saberes e provocado muitas discussões.

A repercussão do caso de Christine Jorgensen fez com que houvesse um aumento significativo de pessoas que viram na cirurgia e na terapia hormonal a possibilidade de resolver o desconforto expresso pelo sentimento ter um corpo em desarmonia com a própria imagem, algo que nem sempre se encarna na genitália, mas coloca uma suposta identidade em questão.

De fato, o transexualismo escancara a absoluta ausência da naturalidade do corpo e exhibe o caráter heterogêneo do falo em relação ao corpo e a dificuldade em imaginá-lo, cita Marcel Czermak.

Lia Amorim e Marco Antonio Coutinho Jorge (1982) apontaram a dificuldade da psiquiatria em lidar com o transexualismo, justificando a influência moral e ideológica para a construção das categorias nosográficas. A uniformidade na descrição do quadro clínico chama a atenção dos autores, que apontam a falta de espaço para qualquer dúvida ou interrogação, como se o saber científico não suportasse qualquer não saber. Nesse caso, desvencilhar-se do imaginário imposto pelo saber médico seria secundário daquele expresso no dito transexual.

A ideia de que se faz necessário corrigir um "erro da natureza" traz implícita a certeza sobre o que deveria ser, por essência, marcado por uma suspensão. Atualmente o transexualismo encontra-se no hall das síndromes psiquiátricas, mas a "cura" é pela via do corpo. Sabemos que a psicanálise sustenta o tratamento do real pela via do simbólico, mas a certeza da alma inverte essa perspectiva e faz o sujeito demandar a correção no corpo; é a harmonia entre o corpo e a alma que é exigida pelo transexual, concluem os autores. Vale ressaltar que a certeza não está para todos os transexuais, como podemos identificar na fala de Mikael, que "assumi seu papel de mulher"<sup>15</sup>. Submeteu-se à cirurgia para saber se, de fato, era uma mulher. Assim que saiu do centro cirúrgico, se arrependeu.

Eu sei que algumas pessoas que querem mudar de sexo... de verdade se sentem como estivessem presas no corpo que carregam, mas isso não aconteceu comigo. Eu achei que tornaria as coisas melhores já que as pessoas diziam que eu tinha um comportamento feminino, uma forma de me expressar que combinava mais com uma vagabunda, como eles brutalmente colocavam. Eu me sentia um homem modificado. Praticamente eu me sentia obrigado a mentir para o meu psiquiatra porque eu não estava muito determinado a mudar a minha vida. Eu não estava nada feliz com meu antigo eu. Eu achava que tudo ficaria bem (Fala de Mikael durante o documentário *The regretters*)

---

<sup>15</sup> Diálogo entre dois transexuais "arrependidos" no documentário *The regretters*.

Robert Stoller foi o primeiro psicanalista a se dedicar aos estudos de gênero, na tentativa de introduzir uma leitura não patologizante sobre as perversões e o transexualismo. Tornou-se o maior especialista americano sobre o assunto e a maioria dos psicanalistas que aventura-se pelo tema retoma sua obra, dentre eles Jacques Lacan, Moustapha Safouan, Marcel Czermak, Geneviève Morel e Catherine Millot.

### 3.1.1 Stoller, o precursor

*Sex and Gender* (1968), o primeiro livro em que abordou o tema, surgiu como resultado de dez anos de seu projeto de pesquisa, que incluiu a escuta de pacientes e familiares, e trouxe uma visão distinta acerca da identidade de gênero. Esclareceu que não discutiria aspectos cruciais como o desenvolvimento e declínio do Édipo em meninos e meninas, as defesas contra a angústia de castração, as vicissitudes da inveja do pênis nas meninas, a pressão das manifestações culturais contra a livre expressão das pulsões sexuais, entre outras coisas. Explicou que as informações apresentadas sobre as causas do transexualismo, definido por ele como uma desordem "na qual uma pessoa anatomicamente normal sente-se como membro do sexo oposto e, conseqüentemente, deseja trocar seu sexo, embora suficientemente de seu verdadeiro sexo biológico<sup>42</sup>", não provava nada. Stoller tinha como objetivo apenas construir um argumento lógico.

Seu interesse era o desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade, mas os estudos sobre os transexuais apontavam as origens da identidade de gênero de forma muito mais clara que as "pessoas normais", como ele mesmo escreveu. Seus estudos sobre o transexualismo iniciaram com a descrição da infância de meninos considerados biologicamente "normais" e, ainda muito pequenos, tinham muitas características femininas (andar, gestual, inflexão vocal...), usavam roupas de mulheres ou improvisavam com toalhas e outros adereços. Isso acontecia de forma insistente e a reação materna era sempre considerar "bonitinho". Estranhamente os pais e aqueles que conviviam com a criança achavam natural esse comportamento, atribuindo a uma predisposição biológica.

Esses meninos que se diziam meninas acreditavam que se tornariam mulheres na vida adulta e questionavam as mães sobre o crescimento das mamas e a possibilidade de remoção do pênis; por sua vez, elas não diziam que seus meninos eram meninas, mas achavam seus filhos lindos e encorajavam o comportamento feminino. Stoller demonstrava certa

preocupação em estabelecer a diferença entre travestis e transexuais. O travestismo seria marcado pelo sentimento prazeroso, fetichista de homens que se vestiam como mulheres ou executavam papéis femininos, mas preservavam a genitália. Já as transexuais acreditavam pertencer ao sexo oposto e a única via possível para concretizar o "ser mulher" seria a hormoniocirúrgica; o corpo deveria ser "corrigido". A crença fixa do desenvolvimento das características relativas ao sexo oposto na fase adulta faria parte do critério diagnóstico de transexualismo em crianças. Como resume com precisão Moustapha Safouan (1974)

o travesti impõe ao real a forma de sua fantasia e por essa razão imaginariza o real, daí o lado "jogo" das suas manobras; o transexual, este, realiza o imaginário, como atesta sua demanda. O primeiro legifera à mercê de seu desejo ou do que esse desejo acarreta como angústia de castração, e desprezando a classificação comum; o transexual, este, aceita aparentemente esta última, mas somente contesta o lugar que esta lhe designa (SAFOUAN, 1974, p. 82)

Ao ampliar seu trabalho à escuta dos familiares, Stoller trouxe como importante contribuição a possibilidade de observar o lugar do desejo ocupado por três gerações; vale aqui retomar a fala de David Cooper sobre as três gerações necessárias para se fazer um verdadeiro psicótico, proferida em 1967, nas Jornadas sobre as psicoses da criança organizada por Maud Mannoni

No que concerne à criança, à criança psicótica, isso desemboca em leis, leis de ordem dialética, que são como que resumidas na observação pertinente que fez o Dr. Cooper - a de que, para obter uma criança psicótica, é preciso ao menos o trabalho de duas gerações, sendo ela seu fruto na terceira (LACAN, 1968, p.360)

Posteriormente Jacques Alain Miller fez um interessante desdobramento da proposição de Cooper

como em Schreber, temos as três gerações. A psicose é uma cultura, precisa de tradição; é o supereu da psicanálise; espécie de referência, o supereu não é simplesmente a identificação com os pais, com as proibições parentais; condensa com efeito, as tradições existentes (MILLER, 1991, p.65)

O fato de encontrar feminilidade marcante em um menino de apenas um ano de idade fez com que considerasse o lugar que essa criança ocupava no desejo da mãe e a dificuldade que ela tinha de separar-se do filho; para Stoller, as mães eram responsáveis pela feminização de seus filhos. Colocava em evidência a relação simbiótica que acontecia, a seu ver, na tentativa das mães se curarem de um sentimento de vazio e que as fazia manter os filhos no colo excessivamente. Haveria então uma dissolução dos limites do ego que proporcionaria a fusão do sujeito com o objeto amado. Vale ressaltar ainda a ausência dos pais. A característica marcante dessas mulheres era a identificação ou inveja masculina. Segundo ele, não haveria conflito edipiano, pois a ligação entre mãe e filho não seria barrada, ou seja, não haveria separação. O menino transexual seria então o que chamou de "fálus feminilizado da mãe" e

equalizaria o sentimento de vazio e inferioridade pela ausência do pênis. No Seminário 4, Lacan retomou uma discussão iniciada por Fenichel (1949) sobre a equação *Gril = Phallus* que pode fazer equivaler no inconsciente a criança ao falo, pois seria dada à mãe como substituto do falo.

Stoller encontrou na bissexualidade materna e no sentimento de vazio materno os fatores primordiais para os distúrbios de identidade de gênero. Essa bissexualidade, destacou Safouan, não poderia ser mais evidente do que a circunscrição desse vazio como a ausência do desejo: mulheres que se sentem ligadas ao falo do qual se sentem privadas. No caso de Lance, descrito pelo autor, o menino desde um ano de idade já se espelhava no desejo materno. A aparência e o comportamento da mãe eram considerados femininos, apesar de manter características masculinas como o cabelo curto e a forma de se vestir. Outro aspecto observado foi o "forte desejo materno transexual"<sup>16</sup> do período de latência à adolescência, marcado pelo trauma do nascimento das mamas que impossibilitavam a masculinidade, restando-lhe a aparência feminina. Na origem da sua bissexualidade estava sua mãe (a avó de Lance): um modelo de identificação numa mãe vazia que gerava certa mortificação e o sentimento de vazio.

Lance estava diante de uma mãe bissexual, marcada pela inveja e raiva dos homens. Para Stoller, isso promoveu simbiose excessiva e gerou uma identificação patológica entre ela e seu *phallus*, onde nem o limite físico operou. Para que o menino não viesse a ser uma menina, afirmou o autor, o pai deveria intervir nessa dupla de sexos opostos.

A tese stolleriana apresentava então alguns fatores para o transexualismo: a mãe com tendências transexuais reprimidas na adolescência; a tentativa materna de proteger o filho da falta de amor que ela própria sofreu na infância; a manutenção do filho junto ao corpo materno de forma exagerada; ausência masculina que proibisse o processo de feminização do menino feito pela mãe. Quanto maior fosse a presença desses fatores, maiores seriam as chances do menino tornar-se transexual.

Em 1975 dedicou-se à publicação do *The transsexual experiment*, livro em que trabalhou exclusivamente a questão do transexualismo, descrevendo-o como uma manifestação anterior às perversões, sem configurar um conflito como na perversão - onde o

---

<sup>16</sup> A imprecisão teórica que marca a construção stolleriana fica evidente diante da contradição exposta na consideração de que o fato da mãe circular com elementos associados imaginariamente à masculinidade e uma possível atração por mulheres seja um "desejo transexual", visto que, em sua própria definição do transexualismo identifica claramente o desejo de pertencer ao sexo oposto e trocar o sexo para adequá-lo ao gênero.



fetichismo configuraria uma formação de compromisso. Classificou o transexualismo MtF (Male to Female) como uma identidade *per se*, mas não se estendeu na definição deste conceito. Helene Deutsch (1965) observou na clínica que algumas pessoas construía um ideal na tentativa de garantir um lugar subjetivo, que não fosse meramente assujeitado. Essa identificação se manifestaria por imitação, como resultado da falta de equilíbrio dos investimentos libidinais no início da vida e evitariam o caos que poderia ocasionar a perda total do objeto; cada uma dessas identificações seria a busca pela repetição e retificação da relação com o objeto primário: a mãe. Segundo Deutsch, seria uma forma de funcionamento do eu, presente em variadas situações - patológicas ou não. Lacan (1955-56) considerou o mecanismo definido por ela como de compensação imaginária da ausência edipiana.

Diferente de Stoller, que não considerava a existência de conflito na identidade *per se*, a autora ressaltou a presença do mecanismo "como se" diante das tensões existentes em processos conflituosos e destacou a diferença deste fenômeno para uma estrutura com tal funcionamento, este último com ocorrência rara na sua clínica. Neste caso, parecia se referir à psicose, onde a cola com a imagem de outra pessoa funcionaria como um organizador e uma defesa contra o que quer que suscitasse um apelo simbólico. Se o imaginário pode funcionar como apoio na psicose, no caso do afastamento do objeto identificatório uma dissolução imaginária se imporia, fazendo ameaçar o lugar do sujeito, apontou Darian Leader (2013) ao abordar a diferença entre psicose e loucura.

Vale lembrar que atualmente é significativo o número de mulheres transexuais que se mantêm na militância feminista, muitas vezes radical. Elas não só são transexuais, como namoram exclusivamente mulheres. Podemos pensar tanto na identificação fálica do sujeito histórico - sobre a qual falamos no capítulo anterior - quanto o fato de facilmente se colocarem em cena como defensores incondicionais das ideias, ideais sempre do outro, apontou Joël Dor. Não é possível fazer aqui nenhuma afirmação, mas podemos pensar numa cola ao imaginário consistente do feminino, funcionando como estabilização imaginária para aplacar qualquer possível apelo à dimensão simbólica, pois em qualquer movimento político de militância o lugar do sujeito está excluído por um ideal imaginário. Catherine Millot (1992) cita Robert, uma estranha figura dita transexual à beira do delírio que lutava sob quaisquer circunstâncias ao lado do *Mouvement de Libération Féminin*.

A grande e importante crítica que a obra de Stoller recebeu de Jacques Lacan foi em relação à inconsistência teórica com a qual constrói sua argumentação, destacando que o conceito de forclusão por ele definido seria crucial para entender a face psicótica dos casos trabalhados. De fato, não é possível refutar a observação de Lacan depois de tanto se esmiuçar

a teoria psicanalítica, mas Stoller descartava a hipótese de psicose no caso dos transexuais pela ausência do delírio, pois não identificava a tentativa de negar a realidade externa, ou seja, o próprio sexo anatômico. Sua referência para o delírio no transexualismo era Schreber, que sentia alterações corporais ordenadas por Deus. Sabemos que a estruturação da psicose se dá diante da triangulação edípica; trata-se de uma posição subjetiva diante da incidência da lei, ou seja, da inscrição da barra como impossibilidade de se gozar livremente numa relação a dois, mais precisamente, mãe e filho e não da ausência ou presença de delírio ou alucinações. Para o transexual stolleriano, a ausência do pai acarretaria apenas a falta de um modelo para a identificação masculina que servisse inclusive para proteger o menino dos efeitos feminilizantes da mãe.

A forma como o psicanalista desenvolveu sua argumentação deixa evidente a influência que atravessou sua leitura da teoria freudiana, claramente expressa na escolha de termos definidos por Winnicott e Melanie Klein. Mas isso, além de não invalidar seu percurso, abre a possibilidade do diálogo e de novas reflexões. Como lembra Stoller, Freud

nunca sucumbiu completamente à sedução de uma única grande resposta. Sempre, após o vôo, ele voltava atrás, expressava sua incerteza, amolecia a sua sintaxe e declarava que os dados necessários ainda estavam faltando" (STOLLER, P.18, 1975)

A bissexualidade, o repúdio à feminilidade e o protesto masculino parecem perpassar quase todos os trabalhos sobre o tema do transexualismo. Apesar da leitura muitas vezes equivocada sobre o desenvolvimento de determinadas noções trabalhadas por Freud, Stoller trouxe no núcleo de suas discussões o que chamou de "imposição do ambiente humano circundante" e que nos faz remeter à ideia de contingência.

Ao orientar-se pela ideia de que a identidade é uma ilusão, questionou os motivos pelos quais uma pessoa nascida com o corpo masculino tomaria a identidade de mulher sem que isso fosse considerado uma distorção da realidade, visto que todas as identificações ocorrem a partir do olhar do Outro. Notoriamente, Stoller construiu seu trabalho com o olhar voltado para a possibilidade de qualificar e quantificar o que se poderia nomear como "feminino" e "masculino". Já naquela época, preocupado com o crescente número de casos, apontava a influência da publicidade e a disseminação do assunto pela sociedade como fatores de complicação para o diagnóstico correto. O fato de que os próprios pacientes pudessem anunciar seu diagnóstico e definir a terapêutica poderia ocultar uma psicose num delírio bem estruturado ou livrar os homossexuais de ter que lidar com a própria homossexualidade em

tempos de grande repressão sexual. Este foi o caso de Orlando<sup>17</sup>, que em 1967 inspirou-se no caso de Christine Jorghensen, que teve uma vida fabulosa depois da transição. Segundo ele, a mudança de sexo de Christine tornou-a encantadora, foi como ir ao céu e todo o glamour que sua vida havia ganhado o levou a passar pelo mesmo processo. Homossexual, não via outra forma de poder assumir uma relação com um homem "eu nasci homem, depois mudei de sexo e voltei a ser homem de novo. Ser mulher não é para mim... A questão não era na verdade se tornar uma mulher. A questão era mudar para poder ser amada e poder ser aceita. Era tudo tão secreto naquela época e ainda por cima, não era permitido ser gay. Se você fosse homossexual, mas não pudesse jogar essa carta em particular, não lhe restava nada; era um beco sem saída. Minha única opção eram homens mais velhos que pagavam pelo meu tempo... A polícia estava sempre rondando a área do parque. Você não acreditaria nos palavrões que eles nos diziam. Nos chamavam de ladrões de bunda. Diziam: 'Bate muito neles se aparecerem de novo! Vão todos pra delegacia!'. Nada poderia ser pior do que isso aqui. Ser chamado de homossexual e ser ameaçado pela polícia, ganhar algum dinheiro para ir para a casa de alguns homens; sentir frio, sentir fome. Eles não tratariam uma mulher assim. Eu pensei: tem que ficar melhor. "

### 3.1.2 Depois de Stoller: a polêmica discussão sobre transexualismo e psicose

O interesse da psicanálise pelo transexualismo era bem pequeno ainda na década de 80. Os psicanalistas após Stoller a escrever sobre o tema já estavam influenciados pela leitura lacaniana da teoria de Freud e trouxeram diversas contribuições para pensar essa clínica. Assim retomaremos as principais considerações por eles trabalhadas.

#### MOUSTAPHA SAFOUAN

Moustapha Safouan, um dos melhores alunos de Lacan segundo C. Demoulin, foi um dos primeiros, senão o primeiro desses psicanalistas. Em *Estudos sobre o Édipo* (1974), teceu alguns desses contrapontos acerca da construção feita em *Sex and Gender*, deslocando para o centro da discussão a posição do desejo; isso permitiu retomar de fato a discussão do transexualismo à luz da psicanálise. Para ele as mães stollerianas tentariam ocupar o lugar do

---

<sup>17</sup> Um dos dois participantes do diálogo apresentado no documentário *The regretters..*

falo com a imagem de seu próprio corpo. Os pais, por sua vez, não estranhavam que seus filhos se vestissem com roupas femininas e além de possivelmente permitir que as mães os efeminassem, deixavam-nos presos no cinturão materno. A função paterna só pode operar, num primeiro momento, a partir da indicação materna de que algo lhe falta e está no campo da alteridade; no caso dessas mães o lugar do Outro estava configurado como uma ausência. Safouan fala de uma surdez ao significante que, do lado das mães, favoreceria a alienação dos filhos; e do lado dos filhos faltaria o apoio significativo para a assunção de seu próprio sexo. Lembra o lugar "em suspenso" de Schreber deixado pela dependência radical em relação ao significante e que Stoller não considerou. Safouan destacou a insuficiência teórica já levantada pelo próprio Stoller acerca da sua discussão a partir dos processos imaginários, que chamou de *psicodinâmicos*.

A unidade simbiótica mãe/filho se manteria em um estado ausente de tensão, portanto a sensação de prazer não levaria à necessidade de buscar um limite entre os corpos, possivelmente similar ao que acontece na esquizofrenia, ressaltou o autor.

Nos casos da obra stolleriana é excluída a ideia da angústia de castração, pois a feminilidade apareceria antes da fase fálica. Neles, a angústia de castração surgia apenas no decorrer da análise, quando a feminilidade começou a ceder espaço ao prazer pelo sentimento da virilidade. A partir desse ponto é que o menino valorizava seu pênis e a ameaça da perda causava alguma preocupação. Nesse sentido, Safouan entendeu ser necessário marcar a diferença entre o neurótico e o transexual. Baseado na discussão sobre angústia de castração, esclareceu

Um quer conservar seu pênis, o outro se livrar dele. Se o primeiro, para atingir seus objetivos, se vê levado, no caso, a adotar uma posição feminina (o que o autor entende sem dúvida por "sacrificar a virilidade"), isso se deve ao fato de que a criança neurótica está presa, sem saber, num jogo em que intervém um parceiro *cujo rosto ela não conhece*, uma vez que ninguém a ameaça realmente de cortar o pênis com uma tesoura: a ameaça de castração não tem mais realidade que o encontro de um lobo nas ruas - o que não impede nossas crianças de terem a fobia do lobo. O transexual, este, não *desempenha* a mulher, ele é uma; e o único outro que ele reconhece é aquele que ele *conhece*, e que é o outro da demanda, sem o mais além do desejo obscuro, sua mãe primeiramente, depois, com o desenvolvimento de sua apreensão da realidade social, o cirurgião, a quem dirige a *mesma demanda*, a de corrigir seu corpo. A diferença, quanto à relação do neurótico e do transexual com seu próprio órgão não ocorre, pois, sem uma outra diferença não menos essencial, mas que permanece, esta, completamente despercebida por nosso autor, e que diz respeito à apreensão do Outro (SAFOUAN, 1979, p. 87)

O que levaria então à efeminação ou à convicção de ser uma mulher? A função da palavra como mediadora das relações é destacada para marcar o lugar do desejo, um mais além de qualquer contato físico, como supôs Stoller. A palavra coloca uma escansão, uma

mediação, além de marcar um mais além do que pode se articular na demanda. Em sua função de comunicação e troca,

ela abre uma brecha, ou, se quisermos, uma janela que dá para um objeto que nada tem de visível, mas que se indica em sua própria irredutibilidade ao visível como a demanda, e que vai, ele, dar à relação intersubjetiva seu estilo particular: nomeadamente o *objeto do desejo* (SAFOUAN, 1979, p.89)

Essas mulheres despossuídas de sua essência masculina apresentam aversão ao pênis enquanto representante do outro sexo. Nenhum pênis era fálico o suficiente a não ser o do seu filho, onde encontravam sua essência perdida. Vale ressaltar, um pênis pequeno sem qualquer apelo viril, além de absolutamente entregue à manipulação materna. A criança sofre então os efeitos desse desejo articulável e só pode ser o falo de sua mãe se eliminar a condição de pertencer ao gênero masculino.

Melhor ainda. Se é verdade que a mãe encontrou o objeto do seu desejo *no real*, não é menos verdade que ela o encontrou fora dela mesma: no filho. Onde, pois, este vai encontrar o seu? Onde vai enganar a falta de sua mãe, quando falta não há? Aí onde o neurótico *sacrifica, quando for o caso, seu desejo para salvar seu falo* (único sentido que se pode dar à fórmula já citada por Stoller), o *transexual*, este, é obrigado a *livrar-se de seu falo para ceder lugar ao seu desejo*, ou para lançar as bases de sua própria constituição como desejante. Poder-se-á objetar, talvez: mas que objeto encontrará ele, quando aprendeu com sua mãe a detestar os homens? Sim, mas ele também aprendeu a adorar-se, e não deixará de reencontrar um objeto que o reflita: *é precisamente para ser capaz de buscar (ou de reencontrar) tal objeto, que ele reclama o sacrifício de seu pênis* (SAFOUAN, 1979, p. 91)

Tais crianças ficaram presas à demanda, sem a possibilidade de ascender ao desejo. Elas mesmas ocupam o mais além da demanda por ser o falo da mãe e, exatamente por isso, pedem para não sê-lo na tentativa de salvarem-se da loucura. Dessa forma, Safouan explica que "a castração forcluída nesses meninos como castração simbólica, aparece como castração real que os transexuais reclamam com uma paixão que nada tem de brincadeira"<sup>43</sup>.

### MARCEL CZERMAK

Em conferência preferida em 1978, Marcel Czermak - discípulo e íntimo colaborador de Lacan - retoma seu mestre ao falar de Schreber: "Sem dúvida, a adivinhação inconsciente bem cedo advertiu o sujeito de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens"<sup>44</sup>. A discussão que o autor estabelece, a partir de notas clínicas, também coloca o transexualismo no centro da discussão sobre a psicose.

Sua tentativa foi desenvolver um suporte teórico, apoiado em alguns casos, para a clínica do transexualismo, que de cara questiona o conceito definido por Stoller pelo fato das categorias "homem" e "mulher" admitirem valor singular e pouco localizável. Destaca

Do mesmo modo que as vozes alucinatórias não se confundem com as vozes, não podemos ter certeza de que "o homem" ou "a mulher" do transexual recubram um "homem" ou uma "mulher" do neurótico, ou até do perverso, ainda que o transexual possa ter a aparência de um. Fica, então, insuficiente uma abordagem clínica que se pretenda adequada, apoiando-se na crença de ser uma mulher, ou ter vozes. (CZERMAK, 1991, p. 85)

Apesar de nem todos os sujeitos que encontrou solicitarem a emasculação, todos tinham como demanda a transformação corporal visando alcançar a aparência de uma bela mulher. Nesse sentido a roupa ocupa lugar de destaque, o envoltório visível que suscita o olhar e a voz do outro. Diferente das travestis, que sustentam algo por trás da roupa, as transexuais se sustentam nela; nesse caso fazem eliminar o objeto da cena, apesar do horror muitas vezes não se reduzir ao órgão sexual. O corpo inteiro pode ser vivido como angustiante e horrível; esconder-se atrás do véu seria uma tentativa de fazer diminuir sua própria consistência uma vez que, imaginariamente destruído, operaria sobre si uma destruição real precipitada pelas automutilações, hormonioterapia e intervenções cirúrgicas. Czermak observou também que alguns de seus pacientes mantinham alguns de seus atributos viris visíveis para que pudessem 'maltratar o macho neles'.

Tanto Czermak quanto Catherine Millot (1992) perceberam que muitas transexuais trabalham em cabarés, boates, fazendo shows, espetáculos ou como vedetes, fato que aponta para a prevalência do olhar - a pulsão escópica que sustenta o lugar do sujeito.

A exigência de ser uma mulher, diziam as transexuais, era para a satisfação delas mesmas; queriam ser mulher para si e não para outro, como causa de desejo, fato que Czermak relaciona exclusivamente à questão com a identificação numa tentativa de desvencilhar-se do elo com o outro. A demanda de castração feita ao cirurgião faz do outro um Outro, percebido como inteiro e divisor. Mesmo assim, a cirurgia pode tornar-se dispensável caso o significante fálico possa ser rejeitado no outro, como se o real viesse no outro, explica o autor. Em um dos casos citados, por exemplo, o transexual usava expressões que evidenciavam que era a mulher a quem dava seu pênis que o penetrava.

Seus pacientes apresentavam como justificativa para o pedido de castração ou modificação corporal, além de tornar-se uma mulher linda, querer se livrar do caráter insuportável de ser homem. A suposição levantada por Czermak é a de que "o transexual quer desembaraçar-se do gozo fálico, para entrar no gozo do Outro"<sup>18</sup>. A transexual está disposta a

---

<sup>18</sup> O primeiro artigo trabalhado nesta dissertação foi publicado originalmente em 1986. Questionar o desembaraço do gozo fálico não corresponde à localização do transexualismo na estrutura da psicose, como tenta sustentar nesse momento. Já em 2006, podemos perceber que esta suposição não reaparece: não sabemos se por uma imprecisão teórica ou uma argumentação impossível de sustentar.

pagar, literalmente, com sua própria pele para tentar desembaraçar-se do falo e atingir o ideal da beleza, índice de seu narcisismo.

Partindo da premissa de que a transexual tenta reduzir-se à mascarada, o analista traz a seguinte hipótese:

para o transexual o ódio - o ódio sem pacto, sem lei - reside essencialmente no véu ao qual incorporaria e com o qual se apagaria. Não se esconderia com o véu, mas no véu; ao levá-lo a este poder de subjugação narcísica em que, a partir da reclamação de não ser conforme, de ter sido derrotado, ele iria jogar-se, de pés e mãos amarrados, ao superego arcaico que faz de sua pessoa um objeto comum de uma outra. (CZERMAK, 1991, p. 94).

A transexual quer se transformar, segundo ele, na Mulher, dotada de beleza, unidade, aquela que agrega tudo em um; um dos Nomes do Pai cujo delírio se traduz no "colapso do corpo na vestimenta, em um autêntico delírio de envoltório"<sup>45</sup>.

Em 2006, Czermak retoma o tema do transexualismo em novo artigo "*O transexualismo: pequena clínica portátil para uso do psiquiatra moderno*". Nele, afirma que as precisões teóricas elaboradas em *Paixões de objeto* continuam válidas e avança sobre o conceito lacaniano de "empuxo à mulher" para falar do que chamou de transexualização essencial em todas as psicoses.

É no Aturdido que Lacan trata do efeito de Empuxo à Mulher a retomar o caso Schreber. Como ressalta Jean Claude Maleval "o Empuxo à Mulher é considerado um dos sinais principais da forclusão do Nome do Pai". Ainda segundo Maleval"<sup>46</sup> o testemunho de Schreber indica que o fenômeno do Empuxo à Mulher surge quando se produz o chamado para um gozo sem limite, revelador de uma falha da função fálica."<sup>47</sup>.

Dos pontos levantados por Marcel Czermak para esclarecer tal relação, podemos destacar:

- O ódio ao próprio corpo, que recusa o lugar de falo abrigado em sua própria imagem;
- O surgimento da beleza como atribuição da mulher, incluindo sua roupa; a mulher que se reduz ao seu invólucro, fora do sexo e do desejo, mortificada para o gozo sexual, "centrada numa cutaneidade que fica sendo sua consistência última, carregada pela nomeação: mulher"<sup>48</sup>;
- Ausência de uma dialética, um mais além da demanda, sujeito colocado fora da cena do mundo e que retorna no lugar do puro espetáculo, puro *semblant*;
- Recorrer à cirurgia como tentativa de operar no real o que não foi possível pelo simbólico para fazer existir o invólucro que faz produzir por metonímia o que não é

capaz de se representar pela metáfora, fazendo então coagular precariamente na imagem dO Homem e dA Mulher;

- Homem e Mulher como nomeações do que escapou ao sujeito; pura nomeação, insuficiente segundo Czermak, devido à forclusão:

o sujeito reconhecido e inominado no momento de seu apelo precoce na vida verá se produzir a disjunção de sua identificação e de seu reconhecimento. Ele busca um reconhecimento impossível por carência identificatória, facilmente localizável naquilo que chamamos de uma verdadeira hipocondria fálica, ou seja, uma ausência de instalação na ordem das gerações. Compreendemos a partir daí o apelo aos tribunais e ao registro civil para realizar a operação malograda da filiação, do dom e da troca. Mas os tribunais só podem, como os médicos, trazer uma resposta malograda. (CZERMAK, 2006, p. 150)

- Especificamente sobre a clínica da psicose, o autor ressalta a forclusão do Outro, portanto sem lugar de endereçamento. Daí deriva o auto diagnóstico e a auto prescrição terapêutica, puramente linguageira. Sobre a fantasia, temos um sujeito sem divisão, sem mediação entre sujeito e objeto. A inexistência da punção, que possibilitaria todas as relações possíveis do sujeito com seu objeto, reduz o sujeito a uma superfície de gozo do Outro. Sem o matema da fantasia ( $\$ \diamond a$ ), passamos a  $i$  ( $a$ ) como a imagem que cobre os objetos para se equivaler ao objeto que inclui todas as imagens da "feminilidade";
- Por fim, aponta a parceria do transexual: o médico ou o juiz?

Já que toda clínica sadia requer sua apreciação, a função do outro está sempre implicada no quadro. Nesta ocasião, lembremos que não há nenhuma "neutralidade" da ação clínica e terapêutica.

Médicos e juristas, transformados eles próprios, por conta de uma ciência em que o factível se impõe diante do desejável, parceiros obrigatórios do transexual: com a oferta, eles aumentaram a demanda, e até mesmo a criaram. Por isso, mesmo não tendo nada de estruturalmente perverso, eles viriam realmente ocupar esse lugar, preestabelecido pelo parceiro em demanda (CZERMAK, 2006, p. 153)

Levanta em sua conclusão uma questão essencial para nós, psicanalistas. Como fica o campo transferencial que deveria orientar nossa clínica, mas é forcluída ao se pretender seguir o privilégio do factível e da imagem em detrimento da falta a ser?

Por isso defendemos que se devolva o médico a seu lugar legítimo, aquele que a transferência lhe outorga, sobre o qual ele deve se interrogar: em se tratando daquilo de que falamos, trata-se de uma transferência irresistível e louca. Desejemos então que ele não ceda tornando-se esse prestador de serviço, aprendiz de feiticeiro, no mercado dos fragmentos do corpo doravante desmembráveis, transplantáveis, fecundáveis e negociáveis. Parece que alguns já são quase capazes de realizar implantes embrionários intraperitoneais em homens. Uma verdadeira gravidez extra uterina, em suma: "*Menspielererei*", caros a Schreber, tornados realidade..." (CZERMAK, 2006, p. 154)

CATHERINE MILLOT



"Entramos de cheio na ficção científica" [sic], diz uma transexual a Catherine Millot, psicanalista de orientação lacaniana precursora do estudo sobre a transexualidade nos anos de 1980. O discurso transexual, marcado pelo sonho de representar o que é irreduzível às representações - a diferença sexual-, encontra nos médicos e juristas a parceria perfeita e não sem motivo: tanto a medicina quanto o direito abrigam a fantasia do poder sem limites, sem falhas.

A autora localiza três diferentes tempos na teoria lacaniana que elucidam a localização do fenômeno transexual na psicose: a metáfora paterna; as fórmulas quânticas da sexuação e a amarração do nó borromeano.

Só é possível situar-se em relação ao falo como homem ou mulher se houver a inscrição do significante do Nome do Pai. Na sua ausência, a relação da criança com a mãe fica reduzida à identificação ao falo materno, numa representação imaginária em que se reduz a ser o objeto de gozo. O aparecimento do falo não se faz representar pelo símbolo, mas é a própria imagem vazia do sujeito mortificado.

Sob sua forma imaginária, o falo pode se apresentar como a imagem do corpo próprio, tal como se forma para o sujeito no encontro com seu reflexo no espelho, ou com o semelhante ao qual se identifica, identificação a partir da qual se constitui como eu ideal. A imagem no espelho, onde o sujeito se apreende como unidade, caracteriza-se por sua forma totalizante, unificante. Exclui a falta, e é por isso que se presta a figurar o que vem obturar a falta na mãe.

A imagem narcísica é assim um equivalente do falo imaginário da mãe. Daí o gozo schreberiano, gozo imputado por Schreber ao Outro divino, tanto quanto aquilo que lhe acontece, ser um gozo "narcísico", gozo de sua imagem de mulher que ele oferece ao Outro, como testemunho de sua não castração. Ao mesmo tempo sujeito e objeto de contemplação, ele realiza a circularidade de uma completude sem falha, onde se fecha o círculo do gozo tal como a serpente que morde sua própria cauda. (MILLOT, 1992, p. 32)

Para falar da posição transexual a partir das fórmulas quânticas da sexuação, Millot destaca que independente do sexo biológico, é a posição em relação ao falo que fará o sujeito se situar como homem ou mulher. Partimos aqui da diferença entre o gozo do Outro e o Outro gozo para pensar que o gozo suplementar possível às mulheres é o Outro gozo, que toca o impossível do gozo do Outro, mas ainda circunscrito numa certa referência fálica; por isso é suplementar. O gozo do Outro é o gozo absoluto, que assemelha a posição feminina à do psicótico. Apesar de a feminilização ser um fenômeno presente na psicose, a autora ressalta que é necessário distingui-la do transexualismo, que considera mais circunscrito. Ela então retoma a diferença entre Schreber, que não apresentava de modo algum o sentimento de ser prisioneiro em um corpo que não era seu, e o transexual sem sintoma psicótico que, por sua vez, está convicto dessa inadequação. A hipótese de Catherine Millot sobre essa distinção é a

de que "o sintoma transexual, *stricto sensu*, (convicção e demanda de transformação), corresponde à tentativa de aliviar a carência do Nome do Pai, ou seja, de colocar um limite, um ponto de para, de suspender a função fálica"<sup>49</sup>.

A mulher surge como um dos Nomes do Pai na medida em que não é possível encarnar A Mulher, como visa o transexual. Ela quer ser mais mulher que todas, fazendo se valer por todas na tentativa de fazer suplência à função paterna. A posição transexual seria marcada por dois tempos de difícil distinção: uma posição feminina causada pela ausência do significante do Nome do Pai e outra que encontra como limite a feminilidade da Mulher impossível.

Tal hipótese encontra sustentação na teoria do nó borromeano. Este que pode ser suporte à articulação dos três registros (R.S.I.) no inconsciente exige em sua composição mínima três elos, podendo comportar um número maior de elos desde que mantenha sua propriedade de se desfazer completamente ao rompimento de qualquer um deles. A ideia de suplência sustentada por Lacan, diz Millot, consiste na possibilidade de um quarto elemento que mantenha o nó: "certos sinthomas podem ter esta função."<sup>50</sup>. Esse entrelaçamento seria possível pela identificação do sujeito com a Mulher em suplência da ausência do Nome do Pai, que não pôde fazer entrelaçar R.S.I.. Por ser capaz de entrelaçar apenas o imaginário e o simbólico, o real, solto, insiste na demanda da correção, numa tentativa de ajuste do real do sexo aos elos imaginário e simbólico.

Catherine Millot lembra que o desejo implica no sacrifício do objeto do desejo, o que é intrínseco ao fato do desejo ser, por excelência, desejo do Outro. Só há Um que pode gozar de todos, a figura mítica do Pai da horda, portanto restaria aos transexuais pagar com sua carne para responder ao enigma do desejo do Outro, aqui encarnado pela Mãe, que não sai do lugar do grande Outro. O sacrifício por ela exigido é o do desejo, visando o acesso ao gozo Outro, seu mais além.

Nesse sentido, a autora recorre ao mito de Cibele e Átis, mencionado por nós no capítulo 1, para elucidar a posição da mãe do transexual no instante em que o incesto e a castração se equivalem

A lenda de Cibele e de Átis o enuncia: o que quer a Mãe é que Átis lhe sacrifique o objeto de seu desejo, a mulher que ele ama, e, o que é a metáfora tanto quanto o instrumento de seu desejo, seu pênis. Quem quer se consagrar ao Outro, devotar-se a seu gozo, deve sacrificar seu desejo. Equivale a dizer também que o desejo, por essência impossível de se preencher, é o obstáculo decisivo à completude do gozo. O desejo, tanto quanto sua renascença infinita, aspira à sua própria desapareição, e encontra como seu limite interno a pulsão de morte. Há prazer em morrer, escreve Sade. É que a morte é o gozo do Outro.

A lenda de Átis ensina também que aquele que sacrifica o objeto de seu desejo torna-se objeto de gozo. O Filho castrado ou morto torna-se o símbolo do gozo do

Outro. Ele representa esses confins onde a função fálica abandona a competição e abre-se ao seu mais além mortal. (MILLOT, 1992, p. 84)

Millot também se dedicou a investigar a transexualidade que ela denominou de feminina, mas que se refere aos homens transexuais (FtM) e concluiu que a diferença radical que parecia haver entre homens e mulheres transexuais se desfez, restando-lhe nesse lugar o desejo de estabelecer o parentesco da posição dos transexuais de ambos os sexos, pois o que está em jogo é o falo e o que ele encarna de extrasexo, até mesmo extracorpo, como define. A identificação ao falo é comum nos dois casos e pode levar o sujeito à demanda cirúrgica como tentativa de realização dessa identificação ou uma tentativa de descolar do lugar fantasístico de ser o falo, escapando do impossível da satisfação por ser objeto do gozo do Outro.

Já no caso das mulheres, que de cara saem com a impossibilidade da identificação com A Mulher e daí elas concluem que não podem ser uma mulher. Como as mulheres estão inicialmente ancoradas na identificação masculina, isso leva Millot a retomar as postulações de Freud sobre o assunto, para lembrar que a mulher é um advir. Sem a triangulação que introduz o falo numa equivalência simbólica ao pai, a menina, sem a possibilidade de acessar o lugar simbólico da mulher, fica presa na identificação de homem.

Outro ponto importante trabalhado pela autora relaciona-se à certeza transexual de pertencer ao sexo errado, tal qual o seu "tratamento" como uma certeza de cura. Como destacou, a categoria nosológica do transexualismo não existia antes de Harry Benjamin e Robert Stoller; os "delírios de metamorfose sexual", diagnóstico anterior ao transexualismo, não produzia o endereçamento ao Outro. É nesse sentido que o transexualismo exige um parceiro que se completa na dimensão do Outro, encarnado pelo profissional da saúde que acaba por obturar qualquer questão que pudesse advir da ordem do desejo. Ela afirma

o transexual não existe sem o cirurgião, o endocrinologista, representante do Outro da Ciência. O fato de este Outro se oferecer para responder à questão do desejo, leva o transexual a se fazer o objeto do seu gozo. Ele é cobaia oferecida de corpo e alma à Ciência, e paga com sua carne, para dar consistência ao fantasma da onipotência da Ciência moderna.

Quando alguém se definiu como transexual, a partir do rótulo que lhe é proposto, a questão se apresenta fechada. Escolheu renunciar a manter aberta a questão do desejo. De uma certa maneira, renunciou assim ao seu próprio desejo para, a partir de então, se devotar ao gozo do Outro, para a maior glória da Ciência (MILLOT, 1992, p. 122)

Um dos transexuais que Catherine Millot entrevistou, disse que ser transexual é recusar a se fazer perguntas. A falta de relação com a verdade só lhes possibilita nada querer saber.

Em 2017, encontramos o mesmo cenário. A clínica tem mostrado que a maioria dos transexuais não procura um espaço de escuta, lugar para o questionamento, apesar de reivindicá-lo. Reclamam que o acompanhamento compulsório com o psicólogo, previsto pela legislação do processo transexualizador, que deveria acontecer com frequência, acontece apenas para avaliar se há uma conformidade entre o gênero e o discurso. Reclamam também que não há acompanhamento depois da intervenção cirúrgica. Em contrapartida, verificamos na clínica - que não está atrelada ao processo transexualizador - que os espaços de fala oferecidos não são utilizados. Isso acontece tanto no Grupo de convivência criado a partir dessa demanda pelo Grupo Arco-Iris, quanto no serviço de psicoterapia individual oferecido. Em relação ao serviço de psicoterapia individual, a grande maioria dos transexuais liga pedindo atendimento, a entrevista é agendada, mas eles não aparecem. A secretária liga, remarca e eles continuam sem aparecer.

Curiosamente, os grupos fechados compostos pelos próprios transexuais criados em redes sociais crescem, incham, se multiplicam. Temos notícias de que trocam toda sorte de informação (sobre hormônios, silicone, próteses, órteses até uma rede de atendimento de profissionais particulares ao inteiro dispor de suas demandas) e que, inclusive, funcionam como "grupo de apoio", onde dividem suas experiências, expectativas, frustrações. É uma verdadeira rede hermética em uníssono; Catherine Millot provavelmente não se surpreenderia ao saber disso.

### GENEVIÈVE MOREL

A investigação de Geneviève Morel (2012) sobre o que chamou de *ambiguidades sexuais* trouxe contribuições valiosas para a discussão do transexualismo e outros transtornos da identidade sexual tendo como eixo central o que Lacan denominou como sendo o *campo do gozo*, visando a problemática das psicoses.

Sua principal crítica ao trabalho de Stoller aponta para o fato de sua teoria sobre a identidade de gênero ter mantido o mesmo status da concepção biológica do sexo, ou seja, a definição da identidade ocupou um lugar tão rígido quanto os critérios anatômicos para o determinismo biológico compreendido para correlação entre a anatomia sexual e a localização como "homem" ou "mulher"; essa outra categoria criada por ele definiria a identidade a partir de atributos exclusivamente psíquicos, portanto uma falácia tão grande quanto o fato de reduzir a sexualidade unicamente à biologia.

Mesmo que a noção de gênero insira a dimensão da linguagem, possibilitando uma oposição ao sexo, introduz a mesma bipolaridade. Uma lógica aristotélica, lembra Morel, de

classificação e atribuição que remete à complementaridade, uma metáfora da relação sexual composta pelos pares. "Desde o momento em que nos situamos na perspectiva de uma teoria das classes, uma teoria do tipo sim/não, que implica buscar uma característica que o sujeito tem ou não, estamos na lógica de uma identificação imaginária."<sup>51</sup>.

A questão da certeza reaparece na discussão da autora que afirma que raramente um sujeito neurótico a proclama. A convicção de pertencer a um determinado sexo, que chega ao ponto de reivindicar uma cirurgia de troca, pode fazer suspeitar uma psicose, por mais normal que pareça a pessoa. Para ela, o conceito de identidade de gênero está pautado no discurso transexual, de certa forma psicótico, porque parte também da certeza que contesta a biologia e coloca como resposta a correção de um "erro"; para a psicanalista, Stoller levaria ao pé da letra o dito transexual, sem qualquer elaboração ou interpretação teórica. As características levantadas por ele, como o desejo da mãe e o seu falo feminilizado, não deixam dúvidas quanto ao diagnóstico de psicose. No caso da neurose o desejo da mãe estaria marcado pelo Nome do Pai e na psicose o Nome do Pai não opera, está foracluído, fazendo com que o desejo materno não seja mediado. Esse processo de feminização forçada de um sujeito não está atrelado à anatomia feminina ou masculina, portanto não importa se diante dessa mãe está um menino ou uma menina; a criança está diante de um gozo devastador, não atrelado ao significante.

O conceito de gênero acaba equivalendo a um sistema de identificações imaginárias, sem que se esgote a relação do sujeito com o sexo, seja o seu ou do outro. Nesse sentido, a autora explora a questão da função fálica e o processo de sexuação. O conceito de não-todo introduzido por Lacan aponta para essa relação que também é real, onde o sexo não se reduz a uma identificação. Se na neurose o falo está no centro da sexuação, como função, na psicose a ausência da referência fálica faz das identificações um ponto essencial.

Para a psicanálise a diferença dos sexos não corresponde à diferença anatômica; esta serve somente pelas suas consequências psíquicas, como articulou Freud. Abordar o sexo em termos do gozo e da linguagem torna a questão anatômica menor, mas continua a existir. Morel lembra a dificuldade que é para o sujeito, independente de seu posicionamento diante da lei, assumir seu sexo - este que nem está relacionado ao gênero nem à anatomia. O conceito lacaniano de sexuação traz em sua definição uma eleição subjetiva, uma identificação que implica na intervenção da linguagem e do significante que não é a mesma da qual se trata o traço unário.

A eleição do sexo dá-se então em três tempos lógicos em que o primeiro está marcado pela anatomia imposta ao nascimento, o segundo relacionado ao discurso sexual - a

interpretação do seu sexo e que já implica em uma posição atrelada à inscrição ou não do significante mestre - e o terceiro tempo é o da eleição do sexo. O rechaço da inscrição no segundo tempo marca a estrutura da psicose. Há, entretanto duas formas de se inscrever na função de gozo universal, dois sexos dissociados da anatomia que marcam duas diferentes inscrições na função fálica que correspondem a duas posições distintas relacionadas ao gozo fálico: homem e mulher. A função fálica é portanto quantificada como "todo" do lado homem e "não-todo" do lado mulher. A inscrição ocorre como um modo de gozar do falo em relação ao outro sexo. Lacan recorre a essa escritura lógica diante da impossibilidade de escrever a relação sexual, o real em jogo.

Ao retomar a teoria lacaniana sobre a sexuação - um essencial ponto em comum trabalhado por Catherine Millot -, Geneviève Morel explica que essa foi sua tentativa de "definir os dois sexos como dois modos distintos de uso do falo em um laço com o outro sexo (ou com ele mesmo), laço que fracassa de diversas formas em estabelecer uma relação"<sup>52</sup>.

Para a autora, a compreensão do transexualismo deve retomar o segundo tempo da sexuação, o do discurso sexual e o erro comum de aplicar o universal - o falo como significante mestre que categoriza o gozo sexual e a diferença entre homem e mulher - ao particular - a experiência de gozo que o sujeito, por estar atravessado pela linguagem, deverá localizar e interpretar levando em conta seu tesouro de significantes.

A articulação do falo ao significante, resume ela, apresenta três particularidades: a relação de especificação e localização do gozo, a relação do sujeito com o falo, aceitando ou forcluindo a sua primazia e o seu poder de fazer a distribuição dos sexos (todo e não-todo fálico). O falo é portanto o pivô da ambiguidade sexual e o rechaço de seu sentido, no caso da psicose, convoca outra forma de interpretar o gozo sexual. Antes de inventar uma significação que faça suplência, o sujeito experimenta como enigmática essa ausência, propiciando uma ambiguidade com referência ao próprio sexo ou do outro. Nesse ponto podemos ver eclodir os transtornos de identidade sexual no caso de psicoses não desencadeadas ou, nos casos de maior comprometimento, deixam o sujeito "fora do sexo", nem homem nem mulher.

Enquanto o neurótico amarra seu gozo ao Nome do Pai, na psicose o rechaço é da correlação do gozo ao falo. A liberdade psicótica prescinde radicalmente do Nome do Pai e do falo; nesse caso o sinthoma é o que poderá tornar suportável o gozo, estando assim sem centrar-se forçosamente na sexuação nem são necessariamente delirantes, explica.

Quanto mais êxito tiverem esses modos de amarrar real, simbólico e imaginário, mais "normal" será o aspecto do sujeito e menos evidente sua psicose. Isso não impede que exista a estrutura psicótica nem que possa se produzir a eclosão delirante de maneira contingente a partir de um acontecimento da vida real (MOREL, 2012, p. 184)

Em alguns transexuais o indício de uma psicose pode ser bastante tênue, principalmente naqueles em que a crença de ter nascido com o corpo errado surge ainda na infância. A ideia do "erro da natureza" parece ser uma aposta concreta e material de uma dualidade cartesiana que coloca em um dos lados o gênero e seu núcleo psíquico e do outro o sexo e seu núcleo biológico. Tomar o dito transexual ao pé da letra nos leva a um sistema de identificações imaginárias e significantes distinto da sexuação. Acreditar no gênero como uma verdadeira alma torna opaca a escuta que leva às coordenadas reais e sua lógica, os caminhos do gozo.

O transexual rechaça não é o órgão sem o significante, mas o discurso sexual que interpreta o órgão de modo exclusivamente fálico, no encontro dos dois primeiros tempos da sexuação. A sua loucura consiste em querer forçar o real do primeiro tempo da sexuação pela cirurgia na tentativa de fazer da correção da anatomia o encontro entre real e simbólico, a articulação entre gozo e linguagem. O significante do gozo sexual é demasiadamente real por não ter se correlacionado ao falo.

Por outro lado, frequentemente o sujeito só invoca o órgão para eliminá-lo, em uma espécie de contrassenso, porque o objetivo é o significante universal do gozo, o falo. Mas também podemos supor que esses sujeitos psicóticos, que não construíram um delírio de transformação em mulher - contrariamente a Schreber, que não necessita da cirurgia - e que ademais, geralmente não são paranoicos, não conseguem inventar uma construção para interpretar o gozo do órgão. Por essa razão querem suprimir da raiz a própria zona erógena, fonte pulsional angustiante. Isto se confirma porque frequentemente a operação não é exigida em absoluto com a esperança de experimentar o gozo sexual do outro sexo, mas por razões de "ser" (aparência, identidade sexual, mudança de estado civil, etc.)... A loucura consiste em equivocarse da meta: apontar o órgão e não o significante, a causa do gozo (MOREL, 2012, p. 187)

Para Geneviève Morel, o diagnóstico de psicose para o transexualismo é inquestionável. O diagnóstico estrutural é uma questão ética que merece atenção uma vez que a medicina pode ser, nesse sentido, o instrumento da psicose. A exigência transexual pode ser uma variante da automutilação, porém disfarçada de normalidade viabilizada pelo discurso da liberdade presente na sociedade. Esse gozo, ressalta a autora, é inevitável, real e persistirá com outra forma: em todo o corpo, como na hipocondria, localizado em outras zonas erógenas incontroláveis (esquizofrenia) ou na eclosão de um delírio depois da cirurgia (paranoia).

### 3.2 O mito de Aristófanes, homossexualidade e a impossibilidade da relação sexual

*Eu queria querer-te amar o amor  
 Construir-nos dulcíssima prisão  
 Encontrar a mais justa adequação  
 Tudo métrica e rima e nunca dor  
 Mas a vida é real e de viés  
 E vê só que cilada o amor me armou  
 Eu te quero (e não queres) como sou  
 Não te quero (e não queres) como és  
 O querereres/ Caetano Veloso*

Retomaremos na obra de MDMagno (1986) sua lição sobre o corte para darmos continuidade a nossa discussão.

O corte, diz ele, é o que opera sobre uma superfície como puro intervalo, deixando apenas a marca daquilo que incidiu e que é impossível de apreensão. Por exemplo, se cortarmos uma maçã ao meio saberemos que algum objeto cortante atingiu aquele corpo, mas o corte em si, só o sabemos pela produção das duas metades; o corte enquanto operação só pode ser indicado pelo que restou, ligando-se à cadeia significativa a partir da própria experiência. A tentativa de suturar as duas metades e recompor a unidade será incapaz de anular o corte. Para a psicanálise, esse corte opera logicamente as coisas.

Para falar da ideia dos dois sexos, ele explica que há uma tendência a polarizar categorias por oposição, exatamente pela incidência do corte. Assim, somos facilmente capturados pelo imaginário que apreende o efeito do corte - as duas partes - como polarizações reais.

O corte não significa, ele é separação. Não há nenhuma metáfora aí - concretamente isso se opera. Na reprodução sexuada em qualquer ser vivo, por exemplo, opera-se aí um corte. A coisa é seccionada, e não há andrógino possível. O andrógino é o mito da sutura. É como querer conseguir costurar um no outro (MAGNO, 1986, p.46).

Em *O Banquete*, Aristófanes proclama seu discurso sobre o poder de Eros. Preocupado com a falta de religião que poderia conduzir à perda da unidade original, que só o amor é capaz de restaurar, conta o mito *andrógino*. No início havia três sexos humanos; além do masculino, descendente do Sol, e da mulher, descendente da Terra, havia criaturas compostas pelos outros dois, descendente da Lua. Esse último, com formas arredondadas, quatro mãos,



quatro pernas, duas faces opostas em apenas uma cabeça. Por causa de sua forma física, tornaram-se muito corajosos e resolveram escalar o céu e atacar os deuses.

Como forma de torná-los mais domesticados, decidiram cortar-lhes em duas partes, ficando mais fracos e mais úteis. Assim, Zeus operou o corte sobre esses seres e as duas metades passaram a se procurar. Seus órgãos sexuais ficaram virados para trás e foram condenados a procriar como as cigarras; os gregos acreditavam que as cigarras nasciam da terra, sem necessidade de cópula. Seus órgãos acabaram sendo virados para frente e o homem passou a procriar através da mulher.

Aí estaria a origem do amor que as criaturas sentem umas pelas outras, procurando fazer uma só, como a antiga natureza, restaurando a perfeição. Assim, os homens são loucos pelas mulheres e as mulheres, por se originarem da divisão do antigo gênero feminino, não sentem atração pelos homens, mas por outras mulheres. Muitas vezes os homens deitam com outros homens por audácia, coragem e virilidade, mas quando encontram sua outra metade, são tomados pelo amor. Disse Aristófanes: "O amor é o desejo e a ânsia dessa completação, dessa unidade".

Se no mito de Aristófanes os homens amam as mulheres e as mulheres amam outras mulheres, a ideia de incompletude já está posta e quem fica sem par nesse jogo é o homem; ele fica de fora tentando alcançar a resposta do enigma que o mantém inacessível ao feminino. Para a psicanálise, estamos fadados à impossibilidade da relação sexual e não há amor nem tesão que possa suturar o corte: afinal, a diferença está encarnada no corte, na hiância, no impossível de representação. Quando nos lançamos, de significativo em significativo para tentar fazer apreensível o corte e a possibilidade da sutura, o que fazemos é continuar reproduzindo o corte e as duas metades, infinitamente. Cada uma das metades relaciona-se com o que faz do corte a presença enquanto ausência, estando as duas metades perdidas para sempre.

Resta como possibilidade duas posições discursivas advindas da tentativa do sujeito se relacionar com o que operou como corte para se referir ao corte em si. A pura diferença está no corte e só aparecerá velado, sob o discurso. Assim, não há conhecimento nem sobre o sexo - enquanto corte - nem sobre a diferença. A questão que vamos desenvolver está no fato do amor desconhecer a inexistência da relação sexual e aspirar ao todo. "O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor"<sup>53</sup>

Em resposta a uma carta enviada por Einstein propondo uma troca de ideias acerca da guerra, Freud ressaltou as correntes pulsionais: uma ligada a Eros, que tende a conservar e

unir, e outra ligada a Tânatos, sob a marca da destruição e da morte. Ambas amalgamadas, operando em proporções diferentes, colocam a vida em movimento.

Diante da íntima relação entre Eros e Tânatos, é interessante notar que dentre os relatos podemos encontrar aquele que justifica a transição com um momento disruptivo, traumático, muito próximo à morte. Citaremos o caso de duas transexuais que sempre se sentiram mulheres desde muito cedo, mas por motivos singulares mantinham isso escondido. Segundo seus relatos, foi diante da morte que decidiram assumir a transexualidade, cada uma a sua maneira:

Bianca<sup>19</sup> sofreu um acidente grave e teve uma vértebra (C11) fraturada, ficando a milímetros da medula. Chegou a ter como prognóstico uma paraplegia ou tetraplegia, chegando a ser desenganada pelos médicos. Define-se como uma mulher "made in china". Sabe que nunca será uma mulher, mas também nunca será um homem. Por gostar tanto de homem, "do homem mesmo", virou "uma mulher, super feminina, uma trans; uma mulher, praticamente".

Para Letícia Lanz<sup>20</sup>, sobre a qual já falamos ao longo da dissertação, foram dois os motivos: a morte de seu pai, uma pessoa que amava muito, e um infarto que quase o levou à morte.

Fica evidente que a iminência da morte trouxe para esses sujeitos alguma possibilidade de negociação com a vida. Nesse sentido, Marco Antonio Coutinho Jorge (2010) ressalta a teoria pulsional freudiana: "o amor e o desejo do Outro são responsáveis pelo desejo de viver e pelo florescimento, na criança, da pulsão de vida. Assim, aparentemente de modo paradoxal, é da pulsão de morte que, por ação do amor e do desejo do Outro, nasce a pulsão de vida."<sup>54</sup>. Apesar de não estarmos falando de crianças, com a psicanálise sabemos que o sujeito é atemporal e o que ele faz ao longo da vida é atualizar sua dimensão simbólica diante do real. Como estamos fora de um processo analítico, não é possível enveredar pela fantasia desses sujeitos, mas certamente a fantasia - que coloca em evidência as relações do sujeito com o objeto - foi colocada em jogo diante da morte, num apelo ao amor.

A corrente pulsional ligada a Eros tende a conservar e unir. Se o desejo impõe uma relação com a falta, o sujeito está fadado a se lançar incessantemente em busca de seu pequeno objeto de satisfação. A fantasia como janela para o real estabelece todas as relações possíveis do sujeito, marcado pela falta, com o objeto de satisfação. Jorge ressalta que frente à

---

<sup>19</sup> Entrevistada no documentário "De gravata e unha vermelha".

<sup>20</sup> Entrevistada no documentário "De gravata e unha vermelha".

falta, a mesma que constitui o objeto da pulsão e o núcleo real do inconsciente, o amor entra como produção de sentido, estabilizando o objeto nas dimensões imaginária e simbólica da construção amorosa. Mas isso não quer dizer, em hipótese alguma, que o amor enquanto sentido estabilizador pressuponha relações heterossexuais, ou seja, entre homens e mulheres.

A fantasia neurótica é a da completude amorosa, destaca Jorge. Lia Amorim e Marco Antonio Coutinho Jorge recorrem ao mito de Aristófanos para falar da busca da perfeição: partir do princípio de que há um erro da natureza e que precisa ser consertado, pressupõe haver uma natureza e sua perfeição, exercendo uma supremacia biológica que rege as relações. Ressaltam eles: tratando-se de seres falantes, a ordem simbólica com suas leis específicas subverte de saída qualquer ordem natural.

O amor é comumente associado ao sexo, explica Jorge (2011). A postura ereta alcançada pelo homem ao longo da evolução tornou o coito sexual, que era dorsal, frontal, acrescentando a troca do olhar e das carícias. A bipedia associada à linguagem inseriu a dimensão do desejo e relativizou as pulsões. Com o componente afetivo passando a integrar a relação entre os homens, fica fácil entender como o amor entrou em jogo. Mas desejo e amor constituem dois aspectos distintos sobre os quais não iremos nos debruçar nesse momento. Ficaremos com as ideias centrais de que o desejo constitui uma falta, a fantasia media a relação do sujeito com o objeto e o amor - enquanto fantasia de completude - entra como produção de sentido.

No discurso transexual é muito comum escutarmos a afirmação precisa sobre a orientação sexual atrelada à identidade de gênero. No caso das mulheres transexuais, dizem: "eu não sou homossexual porque não sou homem. Gosto de homens heterossexuais". Fica evidente a comum relação feita entre escolha de objeto e identificação; um engodo se estamos de antemão, a partir da psicanálise, no campo da bissexualidade.

Um homem viria à noite e diria: "olha, eu senti tanto a sua falta". Um homem que mantivesse a casa, que te trouxesse flores... como num sonho. A gente imagina até um quadro. (Orlando, documentário *The regretters*)

Como transexual, depois que a gente se transforma, é muito importante a opinião dos homens, muito mesmo! Porque a mulher é para o homem, tipo assim, toda mulher, ela tem a sua vaidade feminina em função dos homens também. De querer conquistar homens, de atrair os olhares, de querer justamente um companheiro... Eu já tive dois namorados na vida, mas nunca tive um marido certo, assim. De encontrar um homem justo para estar do meu lado sempre. Além de marido, também amigo do lado (Samantha Aguiar, documentário *De gravata e unha vermelha*)

Bom, eu acho que a parte mais feliz é se sentir desejada. É andar na rua e as pessoas falarem: "poxa, que moça bonita", ou então receber uma cantada de pedreiro. (Mell, documentário *De gravata e unha vermelha*)

Um homem quer uma transexual para fazer sexo, mas a gente quer ir à padaria de mão dada, a gente quer ir ao cinema, a gente quer ir num parque, a gente quer viajar com o companheiro da gente e isso é fora de questão, é fora de cogitação. Acontece? Lógico! Tem casos e casos, mas é como eu te falei, eu consigo entender o lugar do outro. Como um homem hétero, que me assumiu como mulher me apresenta numa festa da empresa no final do ano, numa confraternização da empresa? Como um homem me apresenta para a família? Com o pai e os irmãos falando: "tinha tanta mulher para você ficar e foi ficar logo com essa, que não é mulher?" (Bianca Soares, documentário *De gravata e unha vermelha*)

A postulação lacaniana sobre a inexistência da relação sexual refere-se à inexistência de uma relação direta entre homens e mulheres, visto que são meros significantes. A linguagem se coloca como o que faz escapar, desviando essas interações. Nada da ordem da diferença pode ser falado ou escrito, cita Bruce Fink. Não há paralelismo ou relação direta, portanto, só há uma não-relação visto que a relação que cada uma das duas posições sexuais relaciona-se ao falo. O falo opera como a falta de correspondência dessas posições, marcando a escansão para qualquer tipo de relação que pudéssemos imaginar.

A partir daí, toda e qualquer tentativa de encontro e completude é condição intrínseca às relações humanas, sem exclusividade para os transgêneros, cisgêneros, homossexuais ou heterossexuais. Porém, enquanto prevalecer que é possível eliminar todos os problemas porque sempre há uma solução - que é a tentativa da Ciência - a tendência é que não apenas o imaginário prevaleça, tal qual sua cristalização.

### 3.3 Destransição

O fenômeno da destransição começou a ocorrer em diversos países e não é recente; assim evidencia o documentário "*The regretters*" que trabalhamos durante a dissertação, através das falas de Orlando e Mikael. Atualmente, não há nenhum programa que acompanhe os transexuais depois da transição. Não sabemos sobre a ocorrência dos suicídios nem dos arrependimentos, mas que eles existem não é novidade. Podemos entender a destransição como fenômeno de desdobramento do transexualismo, mas ainda muito incipiente enquanto questão social. A ciência não quer saber do furo e o ativismo - típico pela anulação do sujeito - está preocupado com a leis e seu cumprimento. Nenhum deles suporta o questionamento, nem a Ciência nem os movimentos sociais; são os espaços da certeza e do fechamento. Por isso, faz-se mister a discussão ética que se impõe na interface da psicanálise com a Ciência.

A seguir, apresentamos o depoimento de duas meninas transexuais que se submeteram ao processo transexualizador, mas estão passando agora pela destransição.

Sabrina Silva foi designada menina ao nascer, mas rejeitou esse lugar e, entendendo que era um menino, buscou o processo transexualizador para resolver o que supunha ser um "erro". Depois de ter feito a mastectomia e uso da testosterona, se deparou com o fato de que ter tornado seu corpo masculino não aplacou seu desconforto com o próprio corpo; assim, mantém a prática do *cutting* que a acompanha há muitos anos. De acordo com seu relato, a cicatriz que marca seu peito pela retirada das mamas foi mais um dos cortes que produz até sangrar. Mutilou seu corpo para apagar sua "mulheridade". Tenta localizar o que está disperso; conta os cortes, marca os pontos do corpo olhado, julgado. Se sentia estranha e se abrigou sob o engano *queer*; estranhamente alienada naquilo que lhe é tão íntimo; parece não suportar o que retorna. O excesso que faz escoar pelos cortes, pura angústia. Mortificada, precisa se certificar que está viva; o sangue lhe confere a certeza. Ela já foi o que se chama de transativista; o transativismo é um movimento que critica fortemente depois de sua destransição. Segundo ela, as organizações voltadas para a população LGBT estão sendo tomadas pelo que chama de "pensamento queer" e pessoas trans. Seguem duas postagens publicadas em seu blog: uma em forma de texto, outra em poesia.

"Tudo estava um pouco intenso demais. Sentia minhas emoções indo de um extremo ao outro em poucos minutos. A minha vida é um pouco assim, às vezes sinto como se já tivesse morrido, às vezes estou tão viva que até respirar dói. Não há equilíbrio. Nunca conheci nada semelhante. Meu coração dispara de repente como se eu estivesse em perigo, ou então eu quero chorar do nada, ou então um riso nervoso toma conta de mim. Meus dedos inquietos digitam sem parar no celular, falo com muitas pessoas ao mesmo tempo quando estou assim, meio que tentando preencher o vazio dentro de mim.

Me cortei ontem, foi um desastre, fui sozinha pro hospital levar uns pontos, em 3 dos exatos 9 cortes que fiz... Sempre múltiplos de 3... Vocês lembram? Apesar de tudo... De todos os sintomas, dos cortes... Às vezes me pego feliz. Como se tivesse sentido falta sabe. Passei dois anos fugindo de mim. Faz dois anos que não sentia sintomas do borderline tão forte. Isso é um sinal de que a Sabrina está de volta. De que ela está viva aqui dentro. Não é? Preciso que ela esteja.

Senti falta de mim. Meu corpo não é mais o mesmo. Isso é o que me deixa mais triste. Eu odeio o espelho. Odeio meu corpo agora muito mais do que antes porque não sinto que ele

me pertença. Queria não ter mutilado meu corpo a esse ponto. Queria voltar no tempo. Queria morrer às vezes."<sup>21</sup>

"Deixe ela voltar/ Quero arrancar minha blusa/ Mostrar esse peito/ Essa cicatriz onde um dia/ Ouve seios/ Como quem grita e chora/ De desespero/ Quero poder voltar no tempo/ Quero me cobrir inteira /Me esconder/ De qualquer olhar/ De qualquer julgar/ De qualquer estranhar e perguntar/ É menino/ Ou é menina?/ Quero dizer aos prantos minha sina/ Que nasci menina/ Que nunca me foi dada a escolha/ Que sangrei como todas/ Que me odiei como todas/ Que quebrei espelhos/ Guerreiei com guarda-roupas/ E balanças/ E que descobri tarde demais/ Que todas essas regras/ Existem para serem quebradas/ Porque se nós meninas/ Não as quebrarmos/ Elas nos quebrarão/ Quero dizer que me invadiram/ Me habitaram/ Me ensinaram/ Coisas confusas e contraditórias/ Queriam me dizer homem/ Porque minha masculinidade/ Enquanto mulher/ Não era aceitável/ E me fizeram acreditar que mutilar/ Minha mulheridade/ Seria algo empoderador/ Bom/ Positivo/ Para mim/ Para minha autoestima/ Fizeram com que eu acreditasse que essa era a única forma/ De eu ser feliz/ De eu poder existir/ Sendo homem/ Eu escrevo hoje como apelo/ A todas as mulheres/ Que estão sendo enganadas pelo Queer/ Por favor/ Ainda há tempo/ Para voltar atrás/ Por favor/ Se ame/ Cuide de você/ Existe outras maneiras de ser feliz/ Essa não é uma delas/ Automutilação e fuga não é uma saída./ Por favor/ Deixe ela voltar"<sup>22</sup>

Cari Stella é uma jovem que está passando pelo processo desfazer a transição. O caso dela suscita outra discussão além da destransição: a condução da questão da transexualidade em crianças e adolescentes, sobre a qual falamos um pouco no capítulo 2. Este depoimento foi feito depois que leu um artigo sobre a destransição, chamado "*Detransition, Desistance, and disinformation: a guide for understanding transgender children debate*"<sup>23</sup> (Destransição, desistência e desinformação: um guia para entender o debate sobre crianças transgêneras). Nele a autora descreveu uma série de elementos que entende como relacionadas às crianças e adolescentes transgêneras, mas Cari os contrapõem de forma clara e interessante.

"Eu sou a Cari, tenho 22 anos e sou mulher que está destransicionando. Na verdade, eu sou uma das mulheres que fala de sua transição pediátrica. Eu transicionei socialmente aos

<sup>21</sup> Disponível em <http://yoyo-sah.blogspot.com.br/2016/11/senti-minha-falta.html?m=1> . Acesso em 28 de janeiro de 2017.

<sup>22</sup> Disponível em <http://yoyo-sah.blogspot.com.br/2016/11/deixe-ela-voltar.html?m=1> . Acesso em 28 de janeiro de 2017.

<sup>23</sup> Disponível em <https://medium.com/@juliaserano/detransition-desistance-and-disinformation-a-guide-for-understanding-transgender-children-993b7342946e#a510rt9ob> . Acesso em 01 de março de 2017.

quinze e comecei os hormônios aos 17, e destransicionei depois do meu aniversário de vinte e dois anos. Eu acho importante quando falamos desse assunto, realmente entender que pessoas como nós não são apenas estatísticas ou dados escritos ou documentos que pessoas jogam em vocês, somos pessoas de verdade. Essa é uma consequência real da transição, eu sou uma mulher viva, de vinte e dois anos, com uma cicatriz no peito, uma voz rasgada e uma barba por fazer porque eu não conseguia encarar a ideia de crescer e ser uma mulher. Essa é a minha realidade. Então minha mãe que usa ferramentas e usa calças para ir à igreja é transgênera? Meu irmão que tinha o cabelo até a cintura e era confundido com uma menina na infância é transgênera, então? Meu Deus, eu tenho cabelo raspado e não uso maquiagem, nem lembro da última vez que raspei a pernas. Ninguém se encaixa em papéis de gênero perfeitamente porque eles são inventados, nós os inventamos, eles não são reais. Minhas roupas, meu cabelo, meus sentimentos, e meu comportamento fazem parte da minha personalidade, fazem parte da minha "mulheridade", eu não sou mulher porque me identifico com algo que foi criado para manter as pessoas subservientes e subordinadas, isso não existe. Tem algumas pessoas que adotam a identidade trans na adolescência ou mais tarde na vida. Algumas pessoas transicionam de modo não binário e se chamam de não-binários, ou *gender queer*. E tem a gente, que por alguma razão, temos um tipo de "trajetória transexual". Isso é criado para ofuscar a realidade. É criado para nos pintar como não ameaçadores, como se fôssemos um tipo diferente de pessoas trans. Apenas uma transição com alguns passos a mais. Apenas alguma feliz identidade que se encaixa embaixo do grande guarda chuva feliz trans. A ideia de que nós podemos existir fora do perímetro da identidade de gênero é tão ameaçadora para os transativistas que eles sequer falam disso. Eles preferem fingir que de alguma maneira nós ainda somos trans do que reconhecer a realidade da nossa situação. Porque, sinceramente, essa situação não é bonita. Pela minha experiência limitada, acho que destransicionar por pressão social é geralmente algo que homens fazem. Eu nunca ouvi uma mulher dizer que destransicionou por pressão social e eu conheço até bastante. Eu não destransicionei por pressão social, Na verdade, vivo numa área bem trans amigável dos Estados Unidos (EUA). Minha família aceitou, eu tinha passabilidade. Quase toda a minha papelada foi alterada. Meu plano pagou 100% pela minha mastectomia. Eles teriam pago por tudo, pago por uma histerectomia, teriam pago pela cirurgia genital. No meu trabalho, tem pessoas trans na liderança em todos os aspectos de aparência, minha transição foi um sucesso. Mas eu também não destransicionei por sentimentos tristes e nebulosos. Eu destransicionei porque não podia mais continuar fugindo de mim mesma e me desassociando de mim mesma. Reconhecer a minha realidade enquanto mulher era vital para minha saúde mental. Eu estou mais feliz tendo

destransicionado, mas dizer que pessoas destransicionam porque "não estão contentes" com a transição não é verdade. A verdade é que muitas mulheres sentem que não tem opção. Não existe muitos lugares na sociedade para mulheres que têm essa aparência. Para mulheres que não se encaixam, não se conformam. Quando você vai a um terapeuta de gênero e diz que tem esses sentimentos, eles não te dizem que é OK ser "caminhoneira", que é OK não se encaixar no gênero, não gostar de homens e da maneira que os homens te tratam. Eles não te dizem que existem outras mulheres que sentem que não se encaixam, que sentem que não sabem como ser uma mulher. Eles não te dizem nada disso, eles te falam de testosterona, só isso. Então, eu sou Cis ou não? Honestamente não acho que faça sentido encaixar pessoas em Trans ou Cis. Se isso é definido por não se encaixar no gênero, quanto a gente tem que não se conformar para não ser Cis? Se eu não sou Cis, o que me faz ultrapassar o limite? É o corte de cabelo? É a falta de maquiagem? É porque eu não me depilo? É porque eu gosto de mulher? E se formos pela auto identidade, ser trans ou não? Isso não é nem um pouco melhor. Eu não tenho a mesma experiência de gênero de um homem, ele estando em conformidade com o gênero ou não. Eu não tenho a experiência de uma mulher em conformidade com o gênero. Mas se nenhum de nós se chama de trans, somos todos jogados na mesma caixinha. Eu não me considero Cis. Acho que Cis é uma categoria que não faz sentido para ninguém, especialmente para alguém que se chamou de homem por quase uma década. E eu também não sou transgênero, eu não compro essa versão da realidade, onde você pode simplesmente não ter uma identidade de gênero. Eu não tenho uma identidade de gênero, gênero foi feito em mim. Gênero me traumatizou, eu não quero ter mais nada a ver com isso. Eu não vou especular sobre a necessidade da transição como um tratamento porque não é relevante, mas vou falar da minha experiência e pelas minhas conversas com as que destransicionaram e voltaram a se identificar como mulheres. A transição não é o único caminho, nem o melhor caminho para tratar disforia de gênero. Quando eu estava transicionando eu tinha um forte desejo que eu chamava de meta, de transicionar. Eu tinha disforia física e social e não foram semanas ou meses que fiquei sob hormônios antes de perceber que tinha que parar. Eu usei testosterona três anos sem parar. Eu conheço mulheres que usaram a testosterona por três, quatro, cinco, até dez anos antes de perceber que tinham que parar. É muito difícil descobrir que o tratamento que te disseram que ia te ajudar, na verdade deixou sua saúde mental ainda pior. A testosterona me deixou ainda mais desassociada do que eu já era, eu dizia "Uau, não tenho mais aqueles sentimentos negativos. Quero dizer, eu não sinto mais nenhuma outra coisa, mas quem se importa? Estou bem!" Eu não me dei conta que tinha que destransicionar até que eu já tinha decidido parar com a testosterona por razões de saúde mental. A definição



de Cis é muito vaga, mas se auto identificação conta, essa categoria inclui muitas mulheres disfóricas que definitivamente não são trans. Eu sou uma mulher, a transição foi um mecanismo de aceitação mal adaptado. Isso não faz parte da minha identidade. Há lugares em que é fácil demais transicionar. Nos EUA, isso depende do estado onde você mora, mas onde eu moro, no Oregon, fui colocada sob hormônios depois de três meses de terapia, aos dezessete anos. Na verdade, como eu só via a terapeuta uma vez por mês, me foi receitada testosterona depois de três ou quatro consultas, com nenhuma tentativa real de abordar as questões que eu trazia e que me levaram a minha transição. Parece que na minha região poderíamos ser mais vigilantes, eu posso entrar numa clínica hoje e fazer a papelada e voltar a tomar testosterona, provavelmente em algumas semanas, sem ao menos dizer que previamente fui diagnosticada com disforia de gênero. Quando eu estava transicionando, ninguém do campo psicológico ou médico tentou me dissuadir ou oferecer outras opções. Eles não fizeram nada além de dizer para eu esperar até fazer dezoito anos. Em qual outra condição médica você entra no consultório, diz que tem uma certa condição e não existe um exame objetivo que mostre que isso pode ser causado por trauma, problemas de saúde mental ou fatores sociais, e você recebe medicamentos que mudam a sua vida para sempre apenas porque você assim disse? Minha decisão em transicionar não foi feita no vácuo. Eu decidi transicionar baseada em fatores sociais, baseada nos meus problemas de saúde mental, baseada nas certezas da minha terapeuta de que eu era mesmo trans e que o tratamento para isso era a transição. Minha namorada foi quem falou sobre isso, mas definir destransição como uma "escolha pessoal", sendo que transição não é definida assim, é usar dois pesos e duas medidas. Primeiro tem a terapia de reparação de gênero que, como você pode imaginar, é treinar a criança a aceitar seu papel de gênero assinalado ao nascimento baseado no sexo. Em contraste, existe o tratamento de afirmação de gênero, onde a criança ganha espaço para explorar seu gênero. Essa é uma dicotomia horrível. Existe um mundo de nuances entre dizer a uma criança "Não, você é uma menina", "Você precisa fazer coisas de menina", e dizer "É, você pode fazer essas coisas", "Mas isso te faz não ser menina". Eu não posso falar pelas pessoas que nunca transicionaram ou pelos homens que destransicionaram, mas posso dizer que nunca ouvi uma mulher que destransicionou dizer que deveríamos usar a terapia de reparação. A maioria de nós transicionou pela não conformidade com o gênero, em parte ou totalmente. Muitas de nós somos lésbicas, então por que defenderíamos a maldita terapia de reparação de gênero? Destransição não é sobre nos retrainar para se conformar. É sobre aceitar nossa não conformidade como parte da nossa condição de mulher em vez de achar que isso é um sinal de que nascemos para ser homens. A questão que eu gostaria de ver é: crianças

que sofrem com disforia de gênero são encorajadas a explorar sua não conformidade de gênero? É isso. Se elas ainda quiserem transicionar quando maiores de idade é decisão delas, elas serão adultas nesse momento. É uma opinião controversa. Eu sou a favor de criticar a ciência e seu uso para retóricas opressoras. Eu gostaria de dizer para vocês que tenho todas as soluções, mas não tenho. Não como podemos encontrar um modelo de tratamento que agrade aos trans ativistas e as pessoas disfóricas que não foram ajudadas pela transição. Não sei se esse modelo existe, mas os trans ativistas continuam a ignorar o grande número crescente de pessoas que destransicionam, especialmente os indivíduos que transicionaram menores de idade, assim como eu. Talvez nunca saberemos. Mas o fato é que nós existimos e vamos continuar existindo e nossos números estão aumentando, no último ano em que estive espiando ou envolvida na comunidade de pessoas que destransicionam eu tenho visto nossos números crescerem exponencialmente. Mais cedo ou mais tarde, vamos ter que começar a fazer mudanças. Mais cedo ou mais tarde, vocês não vão mais poder nos ignorar." <sup>24</sup>

A fala de Cari é preciosa. Apresenta elementos que já permearam nossa discussão, mas merecem ser aprofundadas, além do que pode ser considerado o prenúncio do que recolheremos em alguns anos como resposta ao fenômeno transexual. Mas, chegamos ao momento de concluir as ponderações resultantes das minhas estranhezas sobre um tema tão inquietante e polêmico, mas indispensável à psicanálise. Como numa sessão de análise, em que o trabalho de construção e desconstrução esbarra no limite do indizível, é preciso que a fantasia como ponto de fixação de gozo vacile. Se não nos lançarmos no desconhecido quando este ocupa lugar de causa, estaremos fadados a ocupar o lugar da lógica da evidência, contidos pelo cinturão fantasístico - com toda a rigidez e fixidez - que uma teoria pode assumir.

---

<sup>24</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9L2jyEDwpEw&feature=youtu.be>. Acesso em 01 de março de 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da transexualidade é atravessado por diversos aspectos. É preciso considerar seu lugar na Ciência e na sociedade sem dispensar o olhar crítico capaz de fazer desdobrar as certezas.

O texto que Freud escreveu em 1929 *O mal-estar na civilização* nunca pareceu tão atual. As três ameaças de sofrimento do ser humano - o próprio corpo, o mundo externo e a relação com o outro - estão sempre presentes no discurso transexual. Quando ele fala, no mesmo texto, sobre as patologias atuais - já citado no capítulo 1 -, poderíamos jurar que ele estava diante de um transexual.

Circular entre os elementos do feminino e do masculino é inerente à condição de seres falantes, a questão se coloca quando um deles se cristaliza e assume lugar de verdade. Pudemos verificar, ao longo da história, o decorrer do que pode ser resumido como o sentimento de inadequação aos lugares simbólicos do homem e da mulher. Se dentro de algumas culturas ser "trans" é uma saída para que o sujeito não seja punido por ser homossexual, em outras há uma tendência de localização, descrição e conduta. Assim, identificamos na literatura psiquiátrica diversas descrições que tinham em seu cerne a estranheza da invasão dos elementos de um determinado sexo em outro. Em nenhum desses quadros observados foi proposto uma conduta.

Paralelamente, tivemos o avanço da Ciência, que podia intervir sobre o corpo, mas não sobre a alma. Se a queixa do transexual está no corpo, "sente que está preso num corpo que não é seu", temos a dupla e a cura perfeita. Assim, as imprecisões diagnósticas foram se desfazendo e uma nova categoria nosológica surgiu .

Mas a Ciência não anda descolada da cultura e a questão se impõe: é a Ciência que tenta acompanhar as infinitas produções discursivas construídas pelos sujeitos ou são os sujeitos que demandam à Ciência aquilo que seu deslize significativo é capaz de produzir?

Falando em limites, uma questão surgiu. Verificamos que na sociedade a definição tanto da travestilidade quanto da transexualidade não contempla a forma como as pessoas se definem no chamado "mundo trans". A Ciência não deixa dúvidas quanto à classificação diagnóstica, mas quando entra no discurso, perde o parâmetro categórico.

Para a ciência, o limite entre o transexualidade e a travestilidade está claro, basta recorrermos aos critérios diagnósticos. Para a sociedade isso ficou turvo com o desenvolvimento das teorias de gênero, que preveem uma fluidez cada vez maior entre os elementos do feminino e do masculino, sem se dar conta de que os parâmetros que tanto

dizem subverter são os mesmos que os aprisionam sob a égide do gênero - tal qual a ciência com o sexo. O que os teóricos do gênero desconhecem é que a psicanálise - tão criticada por eles -, exatamente por ser falocêntrica e não "peniscêntrica", é a teoria que permite subverter qualquer tentativa de categorização, afinal o falo só pode ser o pênis enquanto significado, e entre dois significantes há o que escapa a todo e qualquer dito. Por isso, tanto a travestilidade quanto a transexualidade não podem ser pensadas como categorias dentro da psicanálise, o que podemos ressaltar como alguma diferença entre essas duas categorias culturais é o lugar do falo: para as travestis está presente o culto ao falo, pois seu gozo se localiza exatamente na divisão que vai provocar no outro e, para os transexuais, o falo (seja ele encarnado pela vagina ou pelo pênis) é o que causa embaraço pelo fato de tê-lo ou não tê-lo. Se há a possibilidade de um apaziguamento por parte dos homens trans com sua genitália esta é pela possibilidade de chamar seu clitóris de um "pênis trans" (uma vez que o uso da testosterona provoca um aumento desse órgão feminino homólogo ao pênis). É interessante notar também que o uso da barba é quase uma unanimidade entre eles; cultivam fio a fio a característica mais evidente da insígnia que marca a virada do menino em homem, assim como, em sua privacidade, comemoram cada centímetro a mais alcançado por seu órgão intumescido.

Não restam dúvidas que a transexualidade está atrelada à dimensão do imaginário, quantificando a imagem do homem e da mulher a partir do que carregam em seu semblante que, no caso da psicose, compõem um invólucro vazio. Fazem do imaginário, a dimensão da alienação e do engodo, a via de salvação para o real. Apesar de possibilitar a estabilização de qualquer estado disruptivo pela sua consistência, o imaginário também pode deixar o sujeito preso no âmbito da concretude, impedindo o acesso ao desejo; absolutamente entregue ao gozo, não quer saber do desejo. O transexual renuncia ao lugar do sujeito para oferecer-se como objeto.

Vimos que as hipóteses levantadas pelos autores coadunam com a ideia da transexualidade se localizar na psicose. Mas será que ainda é possível sustentar essa correspondência exclusiva entre transexualidade e psicose? Vários relatos citados aqui, principalmente o de Cari, parecem demonstrar que não.

Independente da questão diagnóstica, é interessante pontuar que não é raro o fato da intervenção hormoniocirúrgica falhar para o sujeito. O fato de intervirem no corpo não lhes garantirá o lugar de homem ou mulher e isso escapa em suas falas. Esse é o caso da modelo Lea T, cuja entrevista está no anexo, que comete um ato falho. Ao ser questionada sobre a maior dificuldade encontrada como mulher, responde: "Não sei como **vocês, mulheres**". A entrevistadora percebe o ato falho e pontua.

Quantos e quais elementos imaginários também nos capturam - nós, analistas - nesse jogo de semblantes? Estamos diante de uma queixa que se refere ao corpo, mas que se reduz metonimicamente à genitália, relativa a uma identificação. Será que muitas vezes nós também não estamos capturados por esse mesmo imaginário? O sujeito diz: "Nasci com o corpo errado; sou um homem preso em um corpo de mulher". O que é que se escuta? Será que muitas vezes somos nós que reduzimos o "corpo" do discurso do sujeito ao que imaginariamente se desdobra para nós como "sexo"?

Tanto Catherine Millot quanto Geneviève Morel sacudiram o termo "gênero", chamando a atenção para o fato de que tal categoria é tão congelada quanto a do sexo. Não é difícil entender o caminho para compreender a imagem como escudo.

Seguindo o ensino de Lacan acerca da teoria do eu em Freud, encontramos o eu como sede das resistências, podendo corresponder a uma crença de saber. A proposição de que o "Eu é um outro" aponta para o âmbito das identificações e pode nos remeter, inclusive, para o que aconteceu com a Psicanálise ao se desdobrar em uma certa psicologia do ego, em que o fim de análise é pensado como uma equivalência do ego do analisante ao do analista; indícios de uma suposição que se tornou mestria. Sobre esta pretensa ortopedia, já escreveu Catherine Millot "Freud antipedagogo".

O dispositivo analítico não é o local da semelhança. Caso se presentifique, temos um índice do comparecimento do analista fora do lugar onde, enquanto sujeito, precisa renunciar às suas próprias defesas. Se é com as resistências que lidamos na análise, diante de uma nova perspectiva deveríamos, em lugar de reencontrar o equilíbrio, nos abrir ao que surge de outra experiência.

Para Lacan, não haveria outra entrada para o sujeito no real senão a fantasia, portanto apenas a sua travessia permitiria inaugurar um saber sobre o gozo apenas possível pela falha do saber do Outro. Só assim podemos dizer do desejo do analista, que implica em si o desejo de obter a diferença absoluta. O lugar do analista encontra-se no final do impossível pois, apesar de de antemão sabermos que não se pode dizer sobre a morte e o sexo, é nesse mesmo lugar de furo que sustentamos nossa posição. O lugar da suspensão, do questionamento, do estranhamento. É preciso respirar.

*Debaixo d'água tudo era mais bonito*

*Mais azul, mais colorido*

*Só faltava respirar*

*Mas tinha que respirar*

*Debaixo d'água se formando como um feto*

*Sereno, confortável, amado, completo*

*Sem chão, sem teto, sem contato com o ar*

*Mas tinha que respirar*

*Todo dia*

*Todo dia, todo dia*

*Todo dia*

*Todo dia, todo dia*

*Debaixo d'água por encanto sem sorriso e sem pranto*

*Sem lamento e sem saber o quanto*

*Esse momento poderia durar*

*Mas tinha que respirar*

*Debaixo d'água ficaria para sempre, ficaria contente*

*Longe de toda gente, para sempre no fundo do mar*

*Mas tinha que respirar*

*Todo dia*

*Todo dia, todo dia*

*todo dia*

*Todo dia, todo dia*

*Debaixo d'água, protegido, salvo, fora de perigo*

*Aliviado, sem perdão e sem pecado*

*Sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar*

*Mas tinha que respirar*

*Debaixo d'água tudo era mais bonito*

*Mais azul, mais colorido*

*Só faltava respirar*

*Mas tinha que respirar*

*Todo dia*

*Agora que agora é nunca*

*Agora posso recuar*

*Agora sinto minha tumba*

*Agora o peito a retumbar*

*Agora a última resposta*

*Agora quartos de hospitais*

*Agora abrem uma porta  
Agora não se chora mais  
Agora a chuva evapora  
Agora ainda não choveu  
Agora tenho mais memória  
Agora tenho o que foi meu  
Agora passa a paisagem  
Agora não me despedi  
Agora compro uma passagem  
Agora ainda estou aqui  
Agora sinto muita sede  
Agora já é madrugada  
Agora diante da parede  
Agora falta uma palavra  
Agora o vento no cabelo  
Agora toda minha roupa  
Agora volta pro novelo  
Agora a língua em minha boca  
Agora meu avô já vive  
Agora meu filho nasceu  
Agora o filho que não tive  
Agora a criança sou eu  
Agora sinto um gosto doce  
Agora vejo a cor azul  
Agora a mão de quem me trouxe  
Agora é só meu corpo nu  
Agora eu nasço lá de fora  
Agora minha mãe é o ar  
Agora eu vivo na barriga  
Agora eu brigo pra voltar  
Agora  
Agora  
Agora*

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011

ANSERMET, François. Escolher seu sexo: usos contemporâneos da diferença dos sexos. In: *Latusa Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* (p.23-25), n.20, Rio de Janeiro, 2015.

ARGENTINA. *Ley 26.743*, Identidad de Género, sancionada em 9 de maio de 2012, promulgada em 23 de maio de 2012 e publicada em 24 de maio de 2012.

AYOUCHE, Thamy Claude, *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica*. Curitiba, CRV, 2015.

BENEDETTI, Marcos, *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*. Nova York, The Julian Press Inc. Publishers, 1966.

BENTO, Berenice, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria n° 457, de 19 de agosto de 2008. Link: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457\\_19\\_08\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html) . Acesso em 19 de agosto de 2015.

BUTLER, Judith, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

CAIRUS, Henrique F., *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2005.

CASTANET, D, Os corpos contemporâneos. In: *STYLUS revista de psicanálise*. Rio de Janeiro, Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2010.

CECARELLI, Paulo, *Transexualidades*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2013.

CHOISY, Abbé de, *Memórias do Abade de Choisy vestido de mulher*. Rio de Janeiro, Rocco, 2009.

COELHO, Maria Thereza e SAMPAIO, Liliana (Org.), *Transexualidades: um olhar multidisciplinar*. Salvador, EDUFBA, 2014.

COSTA, Ana. Anotações de aula

COSTA, Teresinha, *Édipo*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

CZERMAK, Marcel, *Paixões de objeto: estudo psicanalítico das psicoses*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991. \_\_\_\_\_ O transexualismo: pequena clínica portátil para



uso do psiquiatra contemporâneo. In: *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria*. Revista Tempo Freudiano n° 7, Volume 3. Rio de Janeiro, Editora Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2006.

CZERMAK, Marcel & SCIARA, Louis, Anotações de clínica social: O real é sem representação, mesmo que tenha representantes: o caso Amanda. In: *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria*. Revista Tempo Freudiano n° 7, Volume 3. Rio de Janeiro, Editora Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2006.

DANIÉLOU, Alain, *Shiva y Dioniso: La religión de la Naturaleza y del Eros*. Barcelona, Editorial Kairós, 2006.

DEUTSCH, Helene, Clinical and theoretical aspects of "as if" characteres, In: Journal of the American Psychoanalytic Association, 1966.

DOLTO, Françoise e J.-D. NASIO, *A criança do espelho*, Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

DOR, Joël, *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Livrarias Taurus-Timbre Editores, 1991.

DUFOUR, Dany-Robert, *Lacan e o espelho sofístico de Boehme*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999.

ELIA, Luciano, *O conceito de sujeito*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

ESQUIROL, Jean-Étienne *Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*. Paris, J.B.Bailliére, 1938.

FACCHINI, Regina, *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*, Curitiba , Positivo, 2004.

FINK, Bruce, *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: *Obras psicológicas completas, vol VII*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1987/1988.

FREUD, Sigmund, Introdução ao narcisismo (1914). In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund, *A pulsão e seus destinos* (1914); tradução Pedro Heliodoro Tavares, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2014.

FREUD, Sigmund, O inquietante (1919). In: *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*: Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo, Companhia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: *Obras psicológicas completas, volume XIX*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1987/1988.

FREUD, Sigmund, Inibição, sintoma e angústia (1926). In: *Obras completas, volume XVII: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2002.

GARCIA, José Carlos, *Problemáticas da identidade sexual*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2013.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Artigos de metapsicologia, 1914 - 1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1993.

JORGE, Marco Antonio Coutinho, *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

JORGE, Marco Antonio Coutinho & FERREIRA, Nadiá Paulo. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

JORGE, Marco Antonio Coutinho & QUINET, Antonio *As homossexualidades na psicanálise: na história da sua despatologização*. São Paulo, Segmento Farma, 2013.

JULIEN, Philippe, *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1996.

KRAFFT-EBING, Richard von, *Psychopathia Sexualis*. Philadelphia, The F. A. Davis Company Publisher, 1894.

LACAN, Jacques, O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1966). In: *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Alocução sobre as psicoses da criança (1968). In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

- LACAN, Jacques. (1957- 1958), *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1962-1963), *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_. (1964), *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1971) *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. (1971-1972), *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.
- \_\_\_\_\_. (1972-1973), *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1973-1974), *Le Seminaire, livre XXI: Le non-dupes errent* tradução Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1975-1976), *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- LAQUEUR, Thomas Walter, *Making sex: body and gender from the greeks to Freud*. Harvard University Press, United States of America, 2003.
- LEADER, Darian. *O que é loucura?: delírio e sanidade na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- LAURÉNT, Eric y otros, *Cuerpos que buscan escrituras*, Paidós, Buenos Aires, 2014.
- LECLAIRE, Serge, *O corpo erógeno, Uma introdução à Teoria do Complexo de Édipo*, Rio de Janeiro, Cia. Editora Fon- fon e Seleta, 1979.
- LEITE, Sônia, *Angústia*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- MAGNO, M.D. *Acesso à lida de Fi-Menina: seminário 1980*. Rio de Janeiro, Nova Mente, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O pato lógico: seminário de 1979*. Rio de Janeiro, outra editora, 1986.
- MALEVAL, Jean Claude. *La forclusion del Nombre del Padre: El concepto e su clinica*. Buenos Aires, Paidós, 2009.
- MEZAN, Renato, *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- MIELI, Paola, *Sobre as manipulações irreversíveis no corpo*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/ Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.
- MILLER, Jacques-Alain, *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.
- \_\_\_\_\_. *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.
- MILLOT, Catherine, *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo, Escuta, 1992.

- MOREL, Geneviève, *Ambigüedades sexuales: sexuación y psicosis*. Buenos Aires, Manantial, 2012.
- NASIO, J. -D. *5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- NASSIM, Sonia. *A diferença sexual*. Rio de Janeiro, outra editora, 1984.
- OGILVIE, Bertrand, *Lacan. A formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- PETROS, Ana, *Las encrucijadas de la sexualidad*. Buenos Aires, Psicolibro Ediciones, 2013.
- PLATÃO. *O Banquete*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2011.
- POLI, Maria cristina. "A diferença sexual em psicanálise", in: ALBERTI, Sonia (org). *A sexualidade na aurora do século XXI*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- QUINET, Antonio, *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.
- RAEWYN, Connell e PEARSE, Rebecca, *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo, nVersos, 2015.
- RINALDI, Doris. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro, EdUERJ: Jorge Zahar Ed., 1996.
- RINALDI, Doris & BITTENCOURT, Virgínia. Transexuais e transexualistas in: ALBERTI, Sonia (org). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008
- ROUDINESCO, Elisabeth, *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth e Michel PLON, *Dicionário de psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- SAFOUAN, Moustapha. *Estudos sobre o Édipo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- SAVITSCH, Eugene de, *Homosexuality, transvestism and change of sex*. Illinois, Charles C Thomas Publisher, 1958.
- SOLER, Colette, O "corpo falante", in *Caderno de Stylus*, Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano/ Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. *Declinações da angústia*. São Paulo, Escuta, 2012.

\_\_\_\_\_. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário: A Angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo, Escuta, 2012.

\_\_\_\_\_. A maldição sobre o sexo, in: *As homossexualidades na psicanálise*, São Paulo, Segmento Farma, 2013.

STOLLER, Robert J., *A experiência transexual*. Rio de Janeiro, Imago, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sex & Gender: the development of masculinity and femininity*, London, Karnac books, 1984.

\_\_\_\_\_. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo, Hedra, 2014.

VENTURA, Miriam, *A transexualidade no tribunal: saúde e cidadania*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

VIEIRA, Tereza, Processo judicial e a adequação do nome e do sexo do transexual. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas e SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral, *Transexualidades, um olhar multidisciplinar*. Salvador, EDUFBA, 2014.

Conselho Federal de Medicina, Resolução CFM n° 1.482/97. Link: [http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm). Acesso em 24 de agosto 2015.

Conselho federal de Medicina, Resolução CFM n° 1.652/2002. Link: [http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652\\_2002.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652_2002.htm). Acesso em 24 de agosto de 2015.

Conselho Federal de Medicina, Resolução CFM n° 1.955/2010. Link: [http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955\\_2010.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm). Acesso em 24 de agosto de 2015.

#### DOCUMENTÁRIOS:

Hijras: o terceiro sexo. Exibido no Canal GNT, disponível em [http://www.dailymotion.com/video/xm6du4\\_hijras-o-terceiro-sexo\\_shortfilms](http://www.dailymotion.com/video/xm6du4_hijras-o-terceiro-sexo_shortfilms). Acesso em 27 de dezembro de 2016.

The regretters, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RYv8w3n0a68>  
De gravata e unha vermelha. Direção de Miriam Chnaiderman. Ano: 2015. Disponível em DVD

## ANEXO A

Entrevista cedida por Lea T ,ao programa Fantástico, em 27 de janeiro de 2013.

Lea T: É uma cirurgia complicada, não é uma cirurgia simples. É uma coisa muito íntima. Tô meio sensível, tô meio voada em algumas coisas, tentando entender algumas coisas, mas agora eu já estou começando a conseguir falar a respeito dessa cirurgia, a respeito dessa pequena e grande mudança que eu fiz.

Entrevistadora: A cirurgia correu tudo bem?

Lea T: Agora já está tudo certinho. Mas é uma cirurgia demorada, não é uma cirurgia que você acorda e... não é um peito! É muito diferente de tudo isso. Você não consegue andar, você tem que ficar deitada numa cama. É muito complicado.

Entrevistadora: Quanto tempo que você ficou no hospital?

Lea T.: Eu fiquei no hospital um mês e meio.

Entrevistadora: Em algum momento você disse "ah, eu não devia ter feito isso"?

Lea T: Eu fiquei um mês sentindo dor e pensando isso. Eu não aconselho essa cirurgia para ninguém. Eu achava que a minha felicidade era embasada na cirurgia, mas não foi. Não é isso!

Entrevistadora: Você não ficou mais feliz depois da cirurgia?

Lea T: Eu fiquei mais a vontade, é diferente. A felicidade não é... não é um pênis uma vagina que traz felicidade a ninguém.

Entrevistadora: Eu me lembro na nossa bem antes de você fazer a cirurgia, você dizia que não se sentia uma mulher completa sendo uma mulher num corpo de homem. Depois da cirurgia, hoje você diz: "eu sou uma mulher completa"?

Lea T: Não, não...

Entrevistadora: Você hoje é 100 % mulher?

Lea T: Não, eu nunca vou ser 100% mulher.

Entrevistadora: Mesmo depois da cirurgia da troca de sexo?

Lea T: Não

Entrevistadora: Você continua com seu lado masculino?

Lea T: Eu continuo com a minha parte masculina. Eu calço 42, eu tenho a mão enorme, meu ombro é largo... eu tenho umas coisas masculinas no corpo.

Entrevistadora: Mas que você não via antes da cirurgia porque você dizia "eu sou uma mulher num corpo de homem"

Lea T: Eu queria reprimir. Eu reprimia muito. Quando do momento que eu fiz a minha cirurgia e que eu fiquei um mês, eu fiquei m mês deitada na cama, eu entendi que isso tudo é uma bobeira.

Entrevistadora: E quando você se olhou no espelho e não era o mesmo corpo?

Lea T: Era o mesmo corpo, mudou só um...

Entrevistadora: Um detalhe importante

Lea T: Importante para a sociedade.

Entrevistadora: Lea, você diria que hoje você é mais mulher ou mais homem?

Lea T: Eu sou eu. Eu diria que eu sou eu.

Lea T: Vai ter sempre a pessoa que vai te jogar na cara que você é homem, ou vê você andando na rua e fala que você é um homem. E depois do que você sofre de uma cirurgia dessas, se você não tiver pronta, se você não tiver... é uma facada no coração.

Entrevistadora: Você acha que os homens hoje já te veem como uma mulher ou continuam te vendo como uma transexual?

Lea T: Depende, depende do momento, depende do que eles querem. Em relação a uma relação sexual aí você é uma mulher, mas em relação a ter uma estória com você, aí você é um transexual, você é um homem.

Entrevistadora: Dá para mentir?

Lea T: Eu acho que não... dá... no meu caso, absolutamente que não, né, todo mundo sabe. Mas para uma transexual sim, eu conheço umas que são casadas há anos e o marido nunca soube que foi homem.

Entrevistadora: A cirurgia fica perfeita assim?

Lea T: Ai... (gesticula com a cabeça em movimento afirmativo)

Entrevistadora: O medo que muitos transexuais têm é de perder o prazer na relação sexual depois da cirurgia. Esse era um medo seu?

Lea T: Olha, eu tava tão focada em fazer essa cirurgia, que eu nem pensava nisso.

Entrevistadora: Afetou o prazer sexual?

Lea T: Não. É a coisa que eu fiquei mais impressionada, que mais me chocou. Realmente... eu não acreditava

Ao falar sobre alguns hábitos femininos, como usar o banheiro público:

Lea T: Eu não conseguia segurar com a perna para não encostar no vaso. Todas conseguem, eu vou conseguir. Eu vou agachar... não deu outra, caí! Caí no vaso, sujou o vestido todo, foi horrível! Outra coisa que eu fiquei mais impressionada é que vocês conseguem... vocês (ela percebe o que disse e ri junto com a apresentadora)

Entrevistadora: Olha o ato falho! Vocês, como assim? Nós!

Entrevistadora: Você quer ser mãe?

Lea T: Eu gostaria. Olha, talvez essa é uma das coisas assim que eu posso te dizer que eu notei em mim que é feminino. Essa maternidade, essa coisa de querer... ser mãe. Talvez muito mais do que ter um príncipe encantado. Eu acho muito mais importante...

Entrevistadora: Você pretende adotar uma criança?

Lea T: Ainda não. Então, agora eu não sei, porque...

Entrevistadora: Mas você tem vontade?

Lea T: Eu gostaria muito. Eu gostaria muito...

Entrevistadora: Se você fosse adotar hoje, você adotaria um homem ou uma mulher?

Lea T: Indiferente.

---

<sup>1</sup> Frignet, H., O transexualismo, p.37

<sup>2</sup> Ferreira, A. B. de H., Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa, p.430

<sup>3</sup> Berenice Bento é doutora em Sociologia e coordenou em 2006 a pesquisa: "Transexualidade: aspectos políticos e legislativos".

<sup>4</sup> Há várias teorias sobre o crossdressing; termo importado dos Estados Unidos da América para o Brasil, ajuda a diferenciar a fantasia de usar roupas do sexo oposto das opções sexuais de cada um. Link: <http://www.bccclub.com.br/teste/> Acesso em 25/01/2016.

<sup>5</sup> Documentário "De gravata e unha vermelha".

<sup>6</sup> Miller, J-A., O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante, p. 126.

<sup>7</sup> Ministério da Saúde, Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008. Link: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457\\_19\\_08\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html) . Acesso em 19 de agosto de 2015.

<sup>8</sup> <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008> . Acesso em 26 de janeiro de 2016.

<sup>9</sup> "Uma flor de dama", peça disponível em <http://coletivoastravesti.wixsite.com/astravestidas/videos>. Acesso em 09/01/2017

<sup>10</sup> Mulher transexual, cartunista, entrevistada no documentário "De gravata e unha vermelha".

<sup>11</sup> Lacan, J. , Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise, p. 181.

<sup>12</sup> Leclair, S. O corpo erógeno, p. 42

<sup>13</sup> Nasio, J. -D., 5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan, p. 148.

<sup>14</sup> Lacan, J Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise, p. 173.

<sup>15</sup> Lacan, J. O seminário, livro 11: A angústia, p. 190.

<sup>16</sup> Quinet, A., Os outros em Lacan, p. 32.

<sup>17</sup> Lacan, J., Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise, p. 179.

<sup>18</sup> Soler, C., O "corpo falante", p. 19

<sup>19</sup> Soler, C., op. cit, p. 19

<sup>20</sup> Lacan, J., O seminário, livro 19: ... ou pior, p.31

<sup>21</sup> André, S., O que quer uma mulher?, p.249.

<sup>22</sup> Lacan, J., Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise, p. 184.

<sup>23</sup> Lacan, J., O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, p. 198.

<sup>24</sup> Lacan, J, op. cit, p.198.

<sup>25</sup> De acordo com Roudinesco (2006), tal expressão foi retirada por Lacan de um artigo escrito por Henri Wallon, em 1931, intitulado "*Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio*". Nele, Wallon descreve a *prova do espelho* como uma passagem do especular para o imaginário e do imaginário para o simbólico.

<sup>26</sup> Costa, T. Édipo, p. 61.

<sup>27</sup> Lacan, J., O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, p.207.

<sup>28</sup> Lacan, J., O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, p.198.

<sup>29</sup> Quinet, A., op. cit., p.12.



- 
- <sup>30</sup> Lacan, J., O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, p.210.
- <sup>31</sup> Lacan, J., O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, p.202.
- <sup>32</sup> Lacan J., O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente, p. 190.
- <sup>33</sup> Dor, J., Estruturas e clínica psicanalítica, p. 70.
- <sup>34</sup> Leite, S. Angústia, p.15.
- <sup>35</sup> Leite, S. op. cit., p.42.
- <sup>36</sup> Lacan, J., O seminário, livro 10: A angústia, p.23
- <sup>37</sup> Quinet, A. op. cit., p.11.
- <sup>38</sup> Soler, C., Declinações da angústia, p.28.
- <sup>39</sup> Soler, C. op. cit., p.32.
- <sup>40</sup> Quinet, A., Psicose e laço social, p.11.
- <sup>41</sup> Laurent, E., Cuerpos que buscan escrituras, p. 63.
- <sup>42</sup> Stoller, R. A experiência transexual, p.2.
- <sup>43</sup> Safouan, M., op. cit., p. 93
- <sup>44</sup> Lacan, In: Czermak, M., Paixões do objeto: estudo psicanalítico das psicoses, p. 81.
- <sup>45</sup> Czermak, M., Paixões do objeto: estudo psicanalítico das psicoses, p. 95.
- <sup>46</sup> Maleval, J. C., La forclusion del Nombre de Padre: El concepto e su clinica, p.296
- <sup>47</sup> Maleval, J. C., op cit.
- <sup>48</sup> Czermak, M., O transexualismo: pequena clínica portátil para uso do psiquiatra contemporâneo, p. 148.
- <sup>49</sup> Millot, C. Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo, p.36.
- <sup>50</sup> Millot, C. op. cit., p.39.
- <sup>51</sup> Morel, G., Ambigüedades sexuales, p. 76
- <sup>52</sup> Morel, G.,op. cit., p. 144.
- <sup>53</sup> Lacan J., O Seminário, livro 20, Mais, ainda, p.51.
- <sup>54</sup> Jorge, M.A.C., Fundamentos da psicanálise: a clínica da fantasia, p.161.

